

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
JOSMARA VIEIRA DOS REIS PEROBELLI**

**OS CAMINHOS DE MORTE PARA UMA AURORA DE VIDA:
O MUNDO INTEIRO NO SERTÃO SEVERINO**

Juiz de Fora

2021

JOSMARA VIEIRA DOS REIS PEROBELLI

**OS CAMINHOS DE MORTE PARA UMA AURORA DE VIDA:
O MUNDO INTEIRO NO SERTÃO SEVERINO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia, área de concentração Literatura Brasileira. Linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientador: Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade

Juiz de Fora

2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia

P453

Perobelli, Josmara Vieira dos Reis

Os caminhos de morte para uma aurora de vida: o mundo inteiro no sertão severino / Josmara Vieira dos Reis Perobelli; orientador Dr. Altamir Celio de Andrade.- Juiz de Fora: 2021.

114 p.

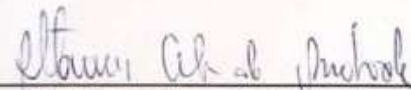
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2021.

1. Morte. 2. Vida. 3. Palimpsesto. 4. Bíblia. 5. João Cabral de Melo Neto I. Andrade, Altamir Celio de, orient. II. Título.

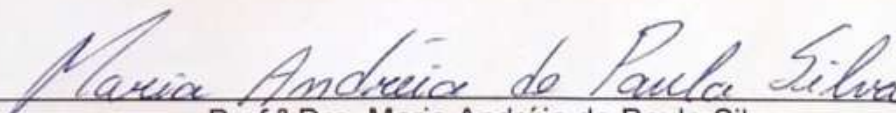
CDD: B869.1

PEROBELLI, Josmara Vieira dos Reis. **Os caminhos de morte para uma aurora de vida: o mundo inteiro no sertão severino.** Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia - UniAcademia, área de concentração Literatura Brasileira. Linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 1º semestre de 2021.

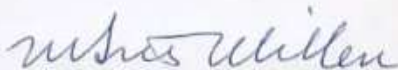
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Centro Universitário Academia - UniAcademia



Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva
Centro Universitário Academia - UniAcademia



Prof.^a Dra. Maria Inês de Castro Millen
Seminário Santo Antônio

Aprovada em 23, 03, 2021.

Dedico este trabalho, ao meu marido
Olamir Perobelli. Obrigada por seu amor,
apoio, paciência e grande incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, pelas bênçãos que me concede e por me carregar no colo nos momentos difíceis.

À Nossa Senhora, por ser minha intercessora junto de Deus.

Ao meu pai José Geraldo, que está no céu, saudades eternas. À minha mãe, Maria José, obrigada por seu amor, por sempre me incentivar a estudar e por suas orações.

Ao Olamir Perobelli, meu marido, meu grande amor e companheiro de vida. Obrigada por cuidar de mim com tanto carinho neste período de estudos, por fazer esse sonho acontecer, por acreditar em mim e me incentivar sempre.

À minha irmã Josemeire Moreira, obrigada por seu amor, torcida e por acreditar na minha capacidade.

Aos meus sobrinhos Eduardo Moreira e Giovana Moreira, obrigada pelo amor de vocês, pela alegria que vocês trazem para a minha vida.

Aos professores do Mestrado em Letras do UniAcademia, por compartilharem seus conhecimentos e por serem tão acolhedores.

Ao meu orientador Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade, um professor competente, gentil e sensível. Obrigada por suas palavras de incentivo durante a minha escrita, por sua paciência e generosidade, por me transmitir tranquilidade nos meus momentos de insegurança e, principalmente, por acreditar no meu potencial enquanto pesquisadora.

À Prof.^a Dra. Maria Andréia de Paula Silva, uma professora generosa, que sabe transmitir o conhecimento que tem. Obrigada por me fazer conhecer e respeitar, através das suas aulas, a cultura indígena e a literatura marginal.

À Prof.^a Dra. Maria Inês de Castro Millen, obrigada por sua leitura e avaliação desta dissertação.

Aos examinadores suplentes: Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira e Prof.^a Dra. Izabella Maddaleno, obrigada pela disponibilidade e pela colaboração de vocês.

Aos amigos Águida Heloíza, Alessandra Mara, Luciane Aparecida e Pe. Jorge Luís, obrigada pela parceria de vocês, por me tratarem com tanto carinho e acolhimento, e pela alegria que vocês trouxeram para essa jornada acadêmica.

Aos meus familiares, queridos amigos e colegas de profissão, obrigada por compreenderem este momento de afastamento por conta dos estudos e por torcerem por mim.

“Estamos diante de palimpsesto. E muitos textos semi-apagados permanecem subscritos” (SILVA, 2007, p. 110).

RESUMO

PEROBELLI, Josmara Vieira dos Reis. **Os caminhos de morte para uma aurora de vida**: o mundo inteiro no sertão severino. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras). UniAcademia, Juiz de Fora, 2021.

A presente dissertação tem por objetivo analisar o poema **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano (1954-1955), de João Cabral de Melo Neto. Tal análise busca, para tanto, aplicar o conceito de palimpsesto, de Gérard Genette, a fim de compreender - com esse autor - que toda obra é derivada de uma obra anterior, por transformação direta, indireta ou imitação. Além desse conceito, busca-se também desenvolver o horizonte simbólico que permeia o poema, examinando, sobretudo, os temas que se ligam ao sagrado e à literatura bíblica. Nesse sentido, os temas da morte e da vida, já constantes no título do poema, ganham relevância fundamental para a análise e permitem que sejam olhados de modo particular. Para embasar as reflexões propostas para essa dissertação, autores como Gérard Genette, Antonio Candido, Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin, Félix Athayde, Alfredo Bosi, Philippe Ariès, Waltencir Alves de Oliveira, Hermide Menquini Braga, Eli Brandão Silva, Lorenzo Papette, João Décio Passos e Yuval Noah Harari serão fundamentais. Além deles, a fonte de análise, para título de comparação, será a **Bíblia**, particularmente, os Evangelhos de **Marcos, Lucas e João**. A partir de seus pensamentos, serão buscados elementos que colaborem para uma dissertação ancorada na obra literária de João Cabral e na percepção do seu pensamento como motivo para se pensar o ser humano em todos os tempos e lugares, particularmente no mundo contemporâneo, em tempos fortemente afetados pela pandemia da COVID 19, a qual mudou o cenário mundial.

Palavras-chave: Morte. Vida. Palimpsesto. Bíblia. João Cabral de Melo Neto.

ABSTRACT

PEROBELLI, Josmara Vieira dos Reis. **The ways of death to a dawn of life: the whole world in the severino wilderness.** 113 f. Dissertation (Master's Degree in Portuguese Language). UniAcademia, Juiz de Fora, 2021.

This dissertation aims as its main goal the analysis of the poem **Morte e vida Severina** (Death and life of Severino): Christmas theater performance from Pernambuco State (1954-1955) by João Cabral de Melo Neto. Such analysis seeks to apply the concept of Gérard Genette's palimpsest, in order to understand – along with the author – that every work results from a previous one, either by direct, indirect transformation or imitation. Besides this concept, the symbolic horizon which encompasses the poem is being developed above all with a close examination of themes which relate to the sacred and Biblical literature. In this sense, the theme of death and life, which are recurrent in the poem's title, gain fundamental significance to the analysis and allows it to be perceived in a unique manner. In order to support the proposed considerations for this dissertation, authors such as Gérard Genette, Antonio Candido, Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin, Félix Athayde, Alfredo Bosi, Philippe Ariès, Waltencir Alves de Oliveira, Hermide Menquini Braga, Mircea Eliade, Eli Brandão Silva, Lorenzo Papette, João Décio Passos and Youval Noah Harari will be fundamental. Besides them, the Bible is a source of analysis for comparison purposes as well, particularly the Gospels of **Mark, Luke** and **John**. Based on their thoughts, supporting elements will be sought for a dissertation backed by João Cabral's literary work and perceptions as the grounds for thinking the human being in all times and places, specially in the contemporary world, in times strongly affected by the COVID 19 pandemic, which has changed the global scenario.

Key words: Death. Life. Palimpsest. Bible. João Cabral de Melo Neto.

LISTA DE SIGLAS

DASP	Departamento Administrativo do Serviço Público
JL	Jornal de Letras, Artes e Ideias
TUCA	Teatro da Universidade Católica de São Paulo
OMS	Organização Mundial da Saúde
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
SARS-CoV-2	Severe Acute Respiratory Syndrome Corona Virus 2
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
H1N1	Influenza A
ONGs	Organizações Não Governamentais
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	TEXTOS SOBRE TEXTOS: MORTE E VIDA SEVERINA COMO UM PALIMPSESTO	16
2.1	O CONCEITO, O TEXTO E AS RASURAS	16
2.2	O RIO, A SUPERFÍCIE E O (TRANS) FUNDO	27
3	“HÁ UM TEMPO PARA TUDO”: MORTE E VIDA SEVERINA E OS MISTÉRIOS DO DIVINO	45
3.1	DE ONDE VENS? OS DIVERSOS NASCIMENTOS NOS CAMINHOS DO SERTÃO	45
3.2	PARA ONDE VAIS? A MORTE COMO CERTEZA SEVERINA	61
4	TEXTOS QUE NASCEM DE TEXTOS: VIDA E MORTE COMO ESCRITURA	78
4.1	A VIDA PARA ALÉM DOS RIOS	78
4.1.1	O rio e as existências	78
4.1.2	Dois homens, duas jornadas	83
4.2	O MUNDO INTEIRO NO SERTÃO SEVERINO	92
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS.....	109

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo analisar o poema **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano (1954-1955), de João Cabral de Melo Neto. Uma pergunta norteia esta pesquisa: como é possível enxergar, em **Morte e vida severina**, elementos que possam nortear a compreensão da vida e da morte e, conseqüentemente, do ser humano e sua existência no mundo?

Tal análise busca, para tanto, aplicar o conceito de palimpsesto, de Gérard Genette, a fim de compreender - com esse autor - que toda obra é derivada de uma obra anterior, por transformação direta, indireta ou imitação. Além desse conceito, busca-se também desenvolver o horizonte simbólico que permeia o poema, examinando, sobretudo, os temas que se ligam ao sagrado e à literatura bíblica. Nesse sentido, os temas da morte e da vida, já constantes no título do poema, ganham relevância fundamental para a análise e permite que sejam olhados de modo particular.

Para dar conta de tais propostas, buscaremos apresentar os temas que se ligam ao sagrado e à literatura bíblica, que subjaz o poema; buscar compreender esses temas da morte e da vida, permitindo que sejam olhados de modo particular; procurar elementos que corroborem para uma dissertação ancorada na obra literária de João Cabral, e a percepção do seu pensamento como motivo para se conceber o ser humano em todos os tempos e lugares, particularmente no mundo contemporâneo.

A presente dissertação parte da hipótese de que é possível identificar, em **Morte e vida severina**, um padrão que pode ser entendido no horizonte da existência humana, desde seus mitos de fundação até a contemporaneidade. O poema diz do ser humano em geral e do ser em particular, ilustrando a angústia humana expressa na literatura de todos os tempos.

O cerne desta dissertação visa a pensar, com mais atenção, a questão da morte e da vida. Elementos esses que perpassam a condição humana, levando necessariamente a indagações de ordem existencial desde os primórdios da humanidade. Ainda que por meio de mitos antigos ou mesmo passando pelo nascedouro da filosofia e sendo sistematizadas em discussões posteriores, a morte e a vida fazem parte daquilo que mais inquieta o pensar humano.

A relevância desta pesquisa reside, portanto, no fato de que, no poema **Morte e vida severina**, pode-se pensar a vida e a morte como limites da existência humana e vislumbrar temas da literatura bíblica que permeiam e estão subjacentes ao poema.

Assim sendo, na 2ª seção buscaremos inicialmente abordar um pouco sobre a história da vida do autor João Cabral de Melo Neto. E, para analisar o poema **Morte e vida severina**, será aplicado o conceito de palimpsesto de Gérard Genette, que compreende que toda obra deriva de uma obra anterior, como também será desenvolvido o horizonte simbólico que permeia o poema. Ainda na 2ª seção, examinaremos a importância dos rios para a sobrevivência dos povos, destacando os rios Nilo, Ganges, Amazonas e o Capibaribe, que é fonte de inspiração para o autor João Cabral. O rio Capibaribe é um elemento participante da narrativa do poema e simboliza vida em determinadas situações e morte em outras. O rio é vida severina, e Severino, como ele, vai, tendo-o como seu guia durante a sua trajetória.

Na 3ª seção, a linha mestra de pensamento é investigar, no poema, os nascimentos e as mortes no sertão. O primeiro tema abordado será a vida, mesmo sendo essa vida severina, vida sofrida e miserável, mas que mantém a chama acesa da esperança e se renova com o nascimento do filho do Seu José, quando se inaugura o auto de Natal pernambucano no poema. O segundo tema desenvolvido será a morte, um assunto que gera medo, angústia e recusa nas pessoas, pois trata da finitude da vida. No poema de João Cabral, a **morte severina** é o motivo pelo qual Severino sai da Serra da Costela para procurar uma vida melhor na capital, e, durante essa retirada, a morte se apresentará de variadas maneiras ao longo do seu trajeto. Severino tem consciência da sua morte, mas esse pensamento impulsiona-o para a vida.

Na 4ª e última seção, tentamos aproximar o poema **Morte e vida severina** de um conto mineiro escrito por João Guimarães Rosa, intitulado **A terceira margem do rio**, de modo que se busca travar um diálogo entre as duas obras, para que se possa entender as dimensões de vida e da morte que estão presentes nos dois textos literários. Essa seção trata, ainda, da pandemia causada pela COVID-19. A morte, que era tão presente no poema, não se configura mais como algo exclusivo do sertão Severino, pois o sofrimento é agora do mundo inteiro, onde a morte se tornou tão próxima e ameaçadora.

Para embasar as reflexões propostas para essa dissertação, autores como Gérard Genette, Antonio Candido, Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin, Félix Athayde, Alfredo Bosi, Philippe Ariès, Waltencir Alves de Oliveira, Hermide Menquini Braga, Eli Brandão Silva, Lorenzo Papette, João Décio Passos e Yuval Noah Harari serão fundamentais. Além deles, a fonte de análise, para título de comparação, será a **Bíblia**, particularmente, os Evangelhos de **Marcos, Lucas e João**. A partir de seus pensamentos, serão buscados elementos que colaborem para uma dissertação ancorada na obra literária de João Cabral e na percepção do seu pensamento como motivo para se pensar o ser humano em todos os tempos e lugares, particularmente no mundo contemporâneo.

2 TEXTOS SOBRE TEXTOS: MORTE E VIDA SEVERINA COMO UM PALIMPSESTO

Nesta seção, apresentamos um pouco da história da vida do autor João Cabral de Melo Neto: sua infância, seu livro de estreia **Pedra do Sono** (1942) e a análise profética que este recebeu de Antonio Candido, os lugares por onde passou durante a sua carreira diplomática fora do Brasil, o nome das obras que lançou ao longo da sua carreira e alguns dos prêmios que ganhou por sua atividade literária.

Para analisar o poema **Morte e vida severina**, será aplicado o conceito de palimpsesto, de Gérard Genette, a fim de compreender que toda obra é derivada de uma obra anterior, por transformação direta, indireta ou imitação, como também será desenvolvido o horizonte simbólico que permeia o poema.

2.1 O CONCEITO, O TEXTO E AS RASURAS

João Cabral de Melo Neto nasceu na cidade do Recife, em 9 de Janeiro de 1920, e faleceu no dia 09 de outubro de 1999, na cidade do Rio de Janeiro, aos 79 anos. Filho de Luiz Cabral de Melo e de Carmen Carneiro Leão, João Cabral viveu parte da sua infância nos engenhos de açúcar da família em São Lourenço da Mata e Moreno, na Zona da Mata pernambucana, onde a “terra é ‘branda e macia’. Sem as asperezas da caatinga e a secura do sertão [...]” (NUNES, 1971, p. 9). Em 1930, o Engenho de cana de açúcar Poço do Aleixo foi vendido e, aos 10 anos, muda-se com a família para o Recife e ingressa no Colégio dos Irmãos Maristas (de Ponte de Uchoa e da Rua Conde da Boa Vista), onde permanece até concluir o curso secundário.

João Cabral, quando sai do Colégio Marista aos 15 anos, começa a se interessar pela literatura, aos 18 anos, com destaque para a poesia. Em entrevista concedida a Carlos Alberto Tenório, *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1969, João Cabral declara que:

Decidi-me pela poesia quando descobri os versos brancos e aprendi que a poesia não precisava ser lírica (...) Eu achava os poemas que era obrigado a ler nas antologias escolares uma coisa melosa e sentimental. Não tinha interesse pela poesia. Um dia, estudando em outra antologia mais moderna, li três poetas que desconhecia totalmente: Mário de Andrade (“Noturno de Belo Horizonte”), que não compreendi; Jorge de Lima (“Essa nega fulô”, de que gostei, talvez por tratar do Nordeste); e Manuel Bandeira – “Não sei

dançar". (...) Ao ler este último poema, senti uma coisa totalmente nova em relação à poesia. Conteí o caso ao meu pai, e ele me disse que Bandeira era parente de nossa família. (...) Quando acabei a leitura de Drummond, compreendi que podia haver uma poesia lógica, e que a poesia não precisava ser obrigatoriamente lírica. Decidi tentar poesia (ATHAYDE, 1998, p. 36).

Aos 22 anos publica, no Recife, em edição particular, seu primeiro livro de poemas **Pedra do Sono** em 1942 e, no mesmo ano, instala-se no Rio de Janeiro. O livro foi lido por Antonio Candido, sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor, que escreveu um texto intitulado **Poesia ao Norte**, no qual argumenta que **Pedra do Sono**:

é a obra de um poeta extremamente consciente, que procura construir um mundo fechado para a sua emoção, a partir da escuridão das visões oníricas. Os poemas que o compõem são, é o termo, construídos com rigor, dispondo-se os seus elementos segundo um critério seletivo, em que se nota a ordenação vigorosa que o poeta imprime ao material que me fornece a sensibilidade [...] (CANDIDO, [19--?], p. 09).

E, a partir da leitura do livro de estreia de João Cabral de Melo Neto, Antonio Candido analisa e comenta o rigor que o autor tem com as palavras e reconhece o talento promissor do jovem poeta:

Como quer que seja há nele qualidades fortes de poesia e eu não sei de ninguém nos últimos tempos que tenha estreado com tantas promessas. Seus poemas são realmente belos, e representam a riqueza de uma incontestável solução pessoal (CANDIDO, [19--?], p. 12).

Em 1943, João Cabral é aprovado em seu primeiro concurso público e nomeado, trabalha como assistente de seleção do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) no Rio de Janeiro. Em 1945, após ser aprovado em seu segundo concurso público para o Itamaraty, inicia sua carreira diplomática no Brasil. Em 1946, casa-se com Stella Maria Barbosa de Oliveira, com quem teve cinco filhos: Rodrigo, Inez, Luís, Isabel e João.

Em 1947, é transferido a serviço do Itamaraty para Barcelona e passa a maior parte da sua vida fora do Brasil, em: Barcelona (1947-1950), Londres (1950-1952), Barcelona (1956-1958), Marselha (1958-1960), Madri (1960-1962), Sevilha (1962-1964), Genebra (1964-1966), Berna (1966-1968), Barcelona (1968-1969), Assunção (1969-1972), Senegal (1972-1979), Quito (1979-1981), Honduras (1981-1982), Porto

(1982-1987). No ano de 1952, João Cabral retorna ao Brasil para responder a um inquérito, em que era

acusado de subversão. O diplomata Mário Calábria foi o responsável pela denúncia que apontava João Cabral como comunista (depois de interceptar uma carta a Paulo Cotrim, solicitando um artigo para uma revista do Partido Trabalhista Inglês), o que levaria o poeta a ser desligado do serviço diplomático, ao qual seria reintegrado em 1954 (GALVE, 2006, p. 184).

No período em que estava entre Barcelona e Assunção, João Cabral foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 15 de agosto de 1968, para a cadeira nº 37, tomando posse em 6 de maio de 1969, e foi recebido por José Américo de Almeida.

Em 1986, sua esposa morre no Rio de Janeiro e, no mesmo ano, João Cabral casa-se com a poetisa Marly de Oliveira. Retorna ao Brasil definitivamente em 1987, aposentando-se em 1990 como embaixador e passando a residir no Rio de Janeiro.

João Cabral fez parte da chamada Geração de 45, sendo considerado um antilírico por excelência. Sua poesia é baseada na objetividade e na racionalidade, que nasce de um trabalho consciente e rigoroso, que se concretiza numa linguagem enxuta e exata. Em entrevista concedida à Maria Leonor Nunes, **JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, nº448, 05/10 fev. 1991, João Cabral declara que:

(...) Quando vejo um poema datado do dia tantos do mês tal fico arrepiado. Tenho a impressão de que foi feito de uma vez só, num determinado dia. Levei dez anos para fazer certos poemas. Por exemplo, o meu poema “Tecendo a manhã”, que parece muito espontâneo, levou dez anos a escrever. Para mim, o trabalho da poesia é um trabalho intelectual como o de um engenheiro (ATHAYDE, 1998, p. 70).

Grande parte da obra cabralina aqui relacionada foi escrita concomitantemente à sua carreira de diplomata, e os livros publicados foram: **Pedra do Sono** (1942), **Os Três Mal-Amados** (1943), **O Engenheiro** (1945), **Psicologia da Composição com a Fábula de Anfion e Antiode** (1947), **O Cão sem Plumas** (1950), **O Rio ou Relação da Viagem Que Faz o Capibaribe de Sua Nascente à Cidade do Recife** (1954), **Morte e Vida Severina** (1956), **Paisagens com Figuras** (1956), **Uma Faca Só Lâmina** (1956), **Quaderna** (1960), **Dois Parlamentos** (1961), **Serial** (1961), **A Educação Pela Pedra** (1966), **Museu de Tudo** (1975), **A Escola das Facas** (1980), **Auto do Frade** (1984), **Agrestes** (1985), **Crime na Calle Relator**

(1987), **Sevilha Andando** (1989) e **Andando Sevilha** (1990). João Cabral, com o poema **Morte e vida severina**, inaugura

uma nova maneira de fazer poesia em nossa literatura. A sua atividade poética procura mostrar e desvendar os elementos concretos da realidade, sempre guiado por um raciocínio lógico. Os seus poemas evitam o que era comum em sua época, um romantismo melancólico (TORRES, 2012, p. 63).

As atividades literárias de João Cabral tanto no exterior, quanto no Brasil, renderam-lhe vários prêmios, entre os quais pode-se destacar: Prêmio José de Anchieta de Poesia do IV Centenário de São Paulo (1954), Prêmio Olavo Bilac de Poesia da Academia Brasileira de Letras (1955), Grande Prêmio de Crítica (1975), Prêmio da União Brasileira de Escritores (1987), recebe em Lisboa o Prêmio Luís de Camões (1990), a Universidade de Oklahoma lhe concede o Prêmio *Neustadt International Prize* (1992) e recebe, na Espanha, o Prêmio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana, pelo conjunto da obra (1994).

O poema **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano (1954-1955) é o mais popular. Talvez se possa afirmar que uma das principais características desse auto seja a sua atenção especial à questão do nordeste brasileiro. Esse viés social parece ser a espinha dorsal do poema, colocando-o num cenário de inserção e apresentação da vida do sertanejo de modo muito singular. O poema foi escrito em 1955 “a pedido de Maria Clara Machado para o seu teatro, o Tablado. João Cabral engavetou a peça quando lhe disseram que não seria montada pelo grupo a que se destinava” (NUNES, 1971, p. 20). O poema foi então publicado pela primeira vez no livro **Dois Águas** (1956).

A grande comoção que causou **Morte e vida severina** aconteceu quando foi exibida no teatro, pelo grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), com músicas de Chico Buarque de Holanda, dez anos após a sua publicação. Foi um sucesso e o grupo ganhou o Festival de Teatro Universitário de Nancy, na França (1966). A questão é que o sucesso internacional ecoou no Brasil, e o espetáculo foi exibido de Norte a Sul do país pelo mesmo grupo, o que fez aumentar as tiragens do poema.

Como resultado da receptividade das plateias ao poema **Morte e vida severina**, editado várias vezes, é que se “difundiu o nome e a obra de João Cabral para além dos círculos literários, produziu-se, pela primeira vez depois de 1922, um

fenômeno inédito na história da moderna poesia brasileira: a consagração popular de um poeta” (NUNES, 1971, p. 21).

O principal objetivo deste trabalho dissertativo é analisar, na presente obra, os traços que podem oferecer uma melhor visão de elementos do sagrado que perpassam seu interior. Embora não seja uma proposta exaustiva, um dos instrumentais mais adequados para tal empresa é o uso do conceito de palimpsesto. Tal conceito, formulado por Gérard Genette, autor francês, teórico e crítico literário, escreveu o livro **Palimpsesto**: a literatura de segunda mão. Nele, o autor apresenta a teoria da transtextualidade definindo-a como:

[...] transcendência textual do texto, que definiria já, grosso modo, como “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos”. A transtextualidade ultrapassa então e inclui a architextualidade, e alguns outros tipos de relações transtextuais [...] (GENETTE, 2010, p. 13).

O autor descreve cinco tipos de relações transtextuais, numa ordem gradual de abstração, implicação e globalidade, que são: a intertextualidade, o paratexto, a metatextualidade, a architextualidade e a hipertextualidade, que é o conceito principal que norteia o livro. Para Genette, “não devemos considerar os cinco tipos de transtextualidade como classes estanques, sem comunicação ou interseções. Suas relações são, ao contrário, numerosas e frequentemente decisivas” (GENETTE, 2010, p. 22).

Para compreender o que está latente no poema **Morte e vida severina**, utilizaremos o conceito de palimpsesto, expresso por Genette como se segue:

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: *hipertextos*) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação [...] (GENETTE, 2010, p. 7, grifo do autor).

O conceito de palimpsesto - ou podemos chamar de hipertexto - deriva do fato de que todo texto novo, sempre deriva de um texto anterior, ou seja, um autor, ao construir um texto, sempre evoca suas leituras anteriores para escrever, apropria-se delas. O dicionário Aurélio da língua portuguesa define o verbete palimpsesto como:

S. m. 1. Antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [*duplo palimpsesto*], mediante raspagem do texto anterior. **2.** Manuscrito sob cujo texto se descobre (em alguns casos a olho desarmado, mas na maioria das vezes recorrendo a técnicas especiais, a princípio por processo químico, que arruinava o material, e depois por meio da fotografia, com o emprego de raios infravermelhos, raios ultravioleta ou luz fluorescente) a escrita ou escritas anteriores [...] (FERREIRA, 1999, p. 1479).

Assim, a palavra palimpsesto apresentada acima mostra como, antigamente, as pessoas ao escreverem no pergaminho “pele de cabra, de ovelha ou de outro animal, macerada em cal, raspada e polida, para servir de material de escrita [...]” (FERREIRA, 1999, p. 1544), precisavam reutilizar o mesmo, e raspavam o que escreviam para reescrever por cima. Mas, o que havia sido apagado, a escrita anterior, continuava lá, subjacente. Podia ser vista a olho nu ou sobrepondo o papel a uma luz, por meio da qual se visualizavam as escritas anteriores, ou utilizando técnicas mais elaboradas. A teoria do palimpsesto, segundo Maris Guia, corresponde:

à apropriação de um texto por outro; textos novos são escritos a partir de outros, como cópias toscas de um texto original: nem melhor nem pior, apenas diferente, mas com determinadas semelhanças. O termo *literal* para palimpsesto é *hipertexto*, porque as obras são originadas a partir de suas antecessoras como “uma literatura de segunda mão” (MARIS GUIA, 2014, p. 21, grifos da autora).

Gérard Genette entende por hipertextualidade “toda relação que une um texto B (que chamarei *hipertexto*) a um texto anterior A (que, naturalmente, chamarei *hipotexto*) do qual ele *brot*a de uma forma que não é a do comentário [...]” (GENETTE, 2010, p. 18, grifo do autor). Ou seja, a hipertextualidade é um texto novo, que advém de um texto antigo, como no palimpsesto, pois sempre haverá vestígios que persistem de escritas e leituras anteriores. Aproveitamos, portanto, essa ideia dos **vestígios** como mote para entendermos o que doravante chamaremos de **resíduos**.

O poema **Morte e vida severina** permite trabalhar o conceito de palimpsesto de Gérard Genette, na medida em que se percebe a dimensão simbólica subjacente ao poema, que o associam aos temas do sagrado e da literatura bíblica. Mas, para isso, é essencial conhecer o referido poema.

No livro de Antonio Carlos Secchin, **João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos**, foi realizada uma entrevista com o poeta, na qual João Cabral afirma que o poema **Morte e vida severina**:

não podia ser mais denso. Era obra para teatro, encomendada por Maria Clara Machado. Foi a coisa mais relaxada que escrevi. Pesquisei num livro sobre o folclore pernambucano, publicado no início do século, de autoria de Pereira da Costa. Eu era consciente de que não tinha tendência para o teatro, não sabia criar diálogos no sentido de polêmica. Meus diálogos vão sempre na mesma direção, são paralelos. [...] Com *Morte e vida severina*, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provêm do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão. O encontro com os cantores de incelenças é típico do Nordeste. Não me lembro se a mulher da janela é de origem galega ou se está em Pereira da Costa. A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece ao modelo da tenção galega (SECCHIN, 1999, p. 330).

No poema, a história que se conta “não é narrada, mas mostrada através de quadros e cenas que se sucedem, procedimento típico da linguagem teatral” (DEZIDERO; TERRA, 2015, p. 245). O poema foi escrito em forma de versos, é um drama, composto por 18 quadros.

Alfredo Bosi, crítico literário e historiador, ensaísta e professor, faz um resumo em seu livro **História concisa da Literatura brasileira**, do poema **Morte e vida severina** (auto de Natal pernambucano):

o seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino [...] (BOSI, 2006, p. 504).

O poema inicia-se contando a história de um retirante chamado Severino, que sai do sertão pernambucano em direção ao Recife, onde deseja encontrar melhores condições de vida. E ele se apresenta:

- O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria,
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 91).

Nessa autoapresentação, Severino tenta explicar para o seu leitor quem é, mas fica difícil, pois a maioria são **Severinos** com mães chamadas Marias e filhos de Zacarias. Isso nos mostra um Severino que, “quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens. Querendo distinguir-se, mais e mais revela sua dissolução no anonimato coletivo” (SECCHIN, 1999, p. 107).

No decorrer da caminhada de Severino, o leitor é convidado a ficar atento aos encontros que ele terá ao longo do percurso. Para que melhor se tenha uma compreensão, é justo colocar uma breve sequência deste percurso:

Personagens e cenários	Identidade
Irmãos das almas	Lavradores que carregam o defunto
Pessoas do lugar	Cantam excelências para o defunto
Mulher na janela	Trabalha com a morte, encomenda defuntos, canta excelências, reza ladainhas e enterra os mortos
Litoral	Destino final do rio Capibaribe
Cemitério	Lugar simbólico do fim da vida
Dois coveiros	Relatam o tratamento diferenciado no cemitério de acordo com a

	classe social a que pertencia o defunto
Seu José	Morador do mangue, retirante de Nazaré da Mata e pai do recém-nascido
Uma outra mulher	Anuncia a boa nova, o nascimento do filho de Seu José
Amigos e vizinhos	Louvam a chegada da criança e trazem presentes: caranguejos, leite materno, papel de jornal, água de Olinda, canário da terra, bolacha d'água, boneco de barro...
Duas ciganas	Fazem a previsão da vida futura do recém-nascido

Quadro 01: Identificação e localização das personagens. Fonte: elaboração da autora.

Vamos notar que os muitos encontros de Severino vão desde pessoas (em sua maioria) até espaços físicos (litoral e cemitério). Algumas pessoas nomeadas, outras indicadas pela função que estão exercendo. A maioria sem nome, contrastando com o Severino, que é, ele mesmo – e paradoxalmente –, múltiplo.

O personagem Severino explica que existem muitos **Severinos** iguais em tudo, na mesma cabeça grande, no sangue com pouca tinta e que morrem igual de **morte severina**, que é “a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/ de fome um pouco por dia [...]” (MELO NETO, 2007, p. 92). Mas, também é destacado que os **Severinos** são homens guerreiros que tentam trabalhar a terra árida, para tentar arrancar algum roçado. O personagem convida os leitores do poema a conhecerem a sua peregrinação até o Recife.

Logo que inicia a sua caminhada, Severino depara-se com a primeira morte, pois encontra os **irmãos das almas**, que carregam um defunto chamado Severino Lavrador e descobre, durante uma conversa, que o falecido morreu numa emboscada. Severino se oferece para ajudar a levar o morto até o cemitério.

Para seguir o seu caminho, Severino aprendeu a ladainha das vilas por onde passaria, vilas essas que formam um rosário onde a estrada é a linha. Mas o rio Capibaribe, que também era seu guia, secou, assim Severino sente-se perdido, não

encontrando ninguém para orientá-lo. Mas, ao longe, ouve uma cantoria, pensa que poderia ser uma festa. Ao se aproximar da casa, descobre que as pessoas do lugar estão cantando excelências para um defunto que também se chamava Severino, então se depara mais uma vez com a morte.

Severino começa a desanimar do seu objetivo, diante das mortes que encontrou no seu caminho e pensa em parar naquele lugar e refazer a sua vida, mas para isso, precisa encontrar trabalho. Ele vê ao longe uma mulher na janela e se dirige até ela, à procura de notícias de trabalho.

A conversa entre Severino e a senhora acontece num diálogo longo, rimado e alternado, em que ele expõe os ofícios que sabe executar, mas a senhora responde que não havia trabalho para ele. Severino então questiona a senhora sobre como ela se sustenta, e ela explica que, naquele lugar, a morte era tanta, que vivia de a morte ajudar, encomendando defuntos, cantando excelências e rezando ladainhas. Com isso, convida-o para trabalhar com ela, mas Severino explica que não sabe rezar, somente acompanhar, assim segue seu caminho até seu destino.

Ao se aproximar do litoral, Severino encanta-se com a beleza da Zona da Mata, pois há verde, é macia a terra e o chão, ao cavar, mina água. Ele pensa em ficar por ali mesmo e plantar naquela terra feminina, mas percebe que não há pessoas naquele lugar, então conclui que estão todas de folga e que estas nem envelhecem e nem morrem.

Nesse momento, avista um cemitério ao longe, chega perto e depara-se novamente com a morte de um trabalhador de oito. Os amigos prestam homenagens ao defunto falando que ele recebeu uma cova de bom tamanho e dizem que agora o falecido trabalhará numa terra onde ele será o senhor, a semente, o adubo e a colheita.

Severino começa a refletir sobre a sua jornada até ali e explica que o seu desejo é de estender a vida um pouco mais, contudo ainda não viu diferença entre a sua retirada do sertão até a Zona da Mata, onde a terra é mais macia. Isso ocorre, pois, no seu caminho, só se deparou com misérias, privações e mortes. Na sequência, evidencia-se que ele quer apressar o seu passo para chegar ao seu destino, para terminar a ladainha.

Chegando ao Recife, Severino, cansado, senta-se perto de um muro alto e ouve a conversa entre dois coveiros. Estes falam sobre as diferenças que existem

entre os diversos setores do cemitério e falam sobre o subúrbio dos indigentes, onde se enterram os retirantes que chegam do sertão.

Os coveiros continuam conversando sobre os retirantes que vêm do sertão para viver no meio da lama, catando siris e, ao morrer, são enterrados na terra. Sugerem que estes se jogassem dentro do rio, que daria uma mortalha macia e não precisaria de dinheiro, oração e nem inscrição. Eles concluem que, ao sair do sertão, os retirantes vêm procurando o próprio enterro.

Ao sair da sua terra natal, Severino pretendia aumentar a sua expectativa de vida e sabia que não encontraria vida diferente da que tinha, mas seus braços estavam preparados para trabalhar em qualquer ofício para se sustentar. Entretanto, ao ouvir o diálogo entre os coveiros, descobriu que seguia o próprio enterro e a solução era apressar sua morte no rio Capibaribe, que foi seu guia.

Severino observa de perto o rio Capibaribe, aproximando-se de sua margem. Ali encontra o Seu José, mestre carpina que é morador dos mocambos, daquele manguezal. A interlocução entre os dois acontece de forma rimada e alternada, e Severino quer saber se a água do rio é funda, como a sua fome, para cobrir o corpo de um homem, e sente que a sua força morreu, e não há lugar para enterrar-se. Com isso, explicita a sua vontade de resolver o seu problema rápido, saltando para fora da vida, utilizando a ponte.

Seu José responde que nunca cruzou o rio a nado e não sabe a sua fundura e, quanto à fome, mata-se ao se alimentar. Ele tenta combater essa conversa do Severino, pois acredita que é preciso lutar sempre pela vida. O diálogo entre eles é interrompido por uma mulher que chama Seu José, anunciando o nascimento do seu filho.

A prosa entre Severino e Seu José fica para depois, uma vez que os amigos, os vizinhos e duas ciganas aproximam-se para relatarem que a chegada da criança trouxe harmonia para o local, informando que a maré não baixou, e o mau cheiro, comum ao lugar, parou.

Os vizinhos e os amigos do local começam a trazer presentes para oferecer ao filho recém-nascido do Seu José. Duas ciganas, presentes naquele momento de comemoração fazem profecias a respeito do futuro do menino, a primeira faz a previsão de uma vida dura, de trabalho no mangue, e a segunda prevê uma vida um pouco melhor, consegue vê-lo trabalhando numa fábrica.

As pessoas que ofertaram os presentes vêm dizer algo sobre o menino nascido naquele mangue, falam da sua formosura e da sua beleza e desejam somente o bem para a sua vida que se inicia.

Nesse momento, Seu José volta-se para o Severino, que esteve observando tudo e diz não ter uma resposta para a sua pergunta inicial, pois, para ele, é difícil defender a vida severina, somente com palavras, no entanto o nascimento do seu filho respondeu com a vida nova, que se renova mesmo sendo vida severina.

O menino recém-nascido é a figura da renovação. O nascimento da criança vem para trazer o novo à vida que estava desgastada, a esperança que surge com o vigor da vida nova, reprimindo a aceitação da derrota diante das adversidades que fazem parte da vida de qualquer pessoa.

Dessa forma, pode-se observar que alguns temas são recorrentes ao longo dessa trajetória de Severino e um inventário deles agora se faz oportuno: **morte, vida, rio, caminho e terra** são bastante recorrentes, permitindo metáforas muito claras da existência humana. Além destes, a **ladainha**, o **rosário** e os **presentes** constituem elementos essenciais para se entender as aproximações com uma linguagem bíblico-religiosa. Oportunamente, esses temas serão recuperados em benefício das considerações tecidas nesta dissertação.

De acordo com Waltencir Alves de Oliveira, o auto de Natal pernambucano de João Cabral, embora natalino, “apresenta uma série de enfiamentos com a morte e não com a celebração da vida, como seria de se esperar” (OLIVEIRA, 2012, p. 32).

As questões da morte e da vida, presentes no poema **Morte e vida severina**, são elementos que perpassam a condição humana, levando necessariamente a indagações de ordem existencial desde os primórdios da humanidade. Ainda que, por meio de mitos antigos ou mesmo passando pelo nascedouro da filosofia e sendo sistematizadas em discussões posteriores, a morte e a vida fazem parte daquilo que mais inquieta o pensar humano.

2.2 O RIO, A SUPERFÍCIE E O (TRANS) FUNDO

Nas mais diversas culturas, os rios foram essenciais para a sobrevivência dos povos e, ao longo da nossa história, fundamentais para a civilização humana. Quase sempre, as comunidades originaram-se ao redor dos rios. Assim, inspirados e através deles, desenvolveram-se a vida desses povos, suas festas, seus ritos de

passagem e suas identidades. Um inventário completo dessa realidade é quase impossível em uma pesquisa como esta, mas alguns exemplos podem ser trazidos para ilustrar o que ora propomos.

Um rio que vem à mente, dada a sua importância vital para uma das mais antigas culturas é o rio Nilo. Este é o mais extenso do mundo com aproximadamente 7.088 km e com uma bacia hidrográfica chegando a $3,3 \times 10^6$ km², e de fundamental importância para o desenvolvimento da civilização egípcia, sendo que se originou:

da confluência de três outros rios, o Nilo Branco (que se origina no lago Victória), o Nilo Azul e o Rio Atbara. O Nilo Azul nasce no lago Tana (Etiópia), confluindo com o Nilo Branco em Cartum, capital do Sudão. O Rio Nilo corre no sentido sul-norte, na região nordeste do Continente Africano. A sua foz ocorre no Mar Mediterrâneo, após atravessar dez diferentes países africanos (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 36).

Numa área de deserto, a civilização egípcia, na sua origem, não teria sobrevivido senão fosse o rio Nilo, pois a contribuição desse rio:

vai além do fornecimento de água para o simples consumo, as cheias que ocorriam em alguns períodos do ano limpavam as terras a margem de seu percurso e fertilizava-as com camadas de sedimentos férteis carregados por toda a sua extensão, dando origem ao extenso território propício ao cultivo que vai do eixo sul ao norte sendo distribuído em "leques" por uma área de 160 quilômetros de largura, proporcionando a execução da agricultura que foi a principal atividade econômica exercida por muitos anos além da coleta de papiro e pescarias (COSTA, *et al.*, 2019, p. 723).

O rio Nilo proporcionou ao Egito o desenvolvimento da sua agricultura e da sociedade que nasceu no seu entorno, numa área de deserto. Foi devido ao ciclo do rio, que inundava nos períodos de cheias e carregava os sedimentos, que, ao longo de suas margens, eram distribuídos, e, quando as águas baixavam, deixavam o solo cheio de nutrientes, importantes para a fertilidade da terra, utilizada para plantação.

Assim, o rio Nilo, fundamental para o progresso do Egito, disponibilizou os recursos necessários para a permanência daquele povo, sendo o responsável pela subsistência de muitas gerações ao longo de tantos séculos. O rio Nilo, nesse sentido, simbolizava a vida para os que moravam ao seu redor e leva-nos a considerar que:

os benefícios oriundos do rio Nilo foram de extrema importância para aquele povo, acarretando um bom desenvolvimento socioeconômico e a agregação de mitos e crenças a cerca dessas águas. Por sua vez, foram atribuídas

figuras bíblicas, deuses e animais místicos fortalecendo a relação entre homem e natureza e despertando o interesse de muitos indivíduos em desvendar a cultura daqueles povos considerados uma das primeiras sociedades do mundo (COSTA, *et al.*, 2019, p. 722).

Outro rio de extrema importância é o rio Ganges, “não é só um dos maiores rios do mundo em fluxo de água, mas moldou de tal forma a religião, a cultura e a história da região que ele passou a ser conhecido como o ‘Rio da Índia’” (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 35). Este rio nasce na:

Cordilheira do Himalaia e deságua na Baía de Bengala. Suas águas banham diversas capitais de províncias da nação indiana. O Ganges e seus afluentes abrangem uma bacia hidrográfica fértil de cerca de um milhão de km², que é a mais densamente povoada do Planeta, com mais de 400 milhões de pessoas e uma densidade populacional que atinge a cifra de 390 habitantes por km² (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 35).

Um rio, oriundo do Himalaia, o senhor das montanhas, não conseguiria ter um valor menor. O Ganges, na realidade, está “tão atrelado à religiosidade da Índia, que se aproxima de uma divindade” (CORRÊA, 2018, p. 92). Sobre ele, Cecília Meireles escreveu:

Ganges

Eis o Ganges que vem de longe servir aos homens.
Eis o Ganges que se despede de suas montanhas,
Da neve, das florestas, do seu reino milenar.
Eis o Ganges que caminha pelas vastas solidões,
Com suas transparentes vestimentas entreabertas,
Pisando a areia e a pedra.
Seu claro corpo desliza entre céus e árvores,
De mãos dadas com o vento,
Pisando a noite e o dia.
Eis o Ganges que sobe as escadas do céu.
Que entrega a Deus a alma dos homens.
Que torna a descer, no seu serviço eterno,
Submisso, diligente e puro.
(MEIRELES, 2001, p. 1021).

Diante do exposto, destaca-se um ritual específico que ocorre nas águas do rio Ganges, e a ele é atribuído a “purificação, e mergulhar no lodo de suas margens é limpar-se de maneira profunda. Bem como ter suas cinzas jogadas na correnteza do Ganges após a sua morte é alcançar o sentido puro de um espírito desprendido” (CORRÊA, 2018, p. 93).

Em seu **Dicionário de Símbolos**, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant explicam que o *rio do Alto* é também o **Ganga** (o Ganges) da Índia:

o rio purificador que flui da cabeleira de **Xiva**. Ele é o símbolo das *águas superiores*, embora seja também, na sua qualidade de rio que tudo purifica, o instrumento de liberação. Na iconografia, o **Ganga** e o **Yamuna** são atributos de **Varuna** como *soberano das Águas*. A corrente do **Ganga** é de tal modo uma corrente realmente *axial*, que, segundo a crença, ela *passa por um tríptico caminho*, percorrendo o céu, a terra e o mundo subterrâneo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 78, grifos dos autores).

No Brasil, o rio Amazonas é o “segundo rio mais extenso do mundo, com 6.992,06 km e mais de mil afluentes sendo o rio com maior fluxo de água por vazão do mundo” (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 36). Ele tem sua origem na nascente do

Rio Apurímac (alto da parte ocidental da Cordilheira dos Andes), no sul do Peru, e deságua no Oceano Atlântico junto ao Rio Tocantins, no estado do Pará, Brasil. O rio entra pelo Brasil com o nome de Rio Solimões. Somente na altura da cidade de Manaus, após sua junção com o Rio Negro, passa a receber o nome de Amazonas. Este rio é o único com uma foz mista do mundo (delta e estuário). Sua bacia hidrográfica é a maior do mundo, ultrapassando os 7,0 milhões de km² (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 37).

O rio Amazonas é sinônimo de vida, cultura, identidade e fonte de sobrevivência. Certamente é um dos maiores símbolos para o povo que vive às suas margens, de modo que ameaçá-lo é ameaçar a vida desses povos. Sendo assim, esse rio, embora seja indispensável para

economia, cultura e imaginário dos povos da Amazônia representa, juntamente com as florestas do seu entorno, uma das últimas fronteiras da natureza que ainda vem resistindo ao avanço da civilização (PINTO-COELHO; HAVENS, 2015, p. 37).

Dentre as muitas obras, escritas por diversos autores sobre o rio Amazonas, destaca-se o romance **A Jangada**, de Júlio Verne. Publicado em 1881, a obra apresenta “o contexto da rica família de João Garral que se aventura pelo norte brasileiro no ano de 1852, descendo o Rio Amazonas a partir de Iquitos, aldeia peruana, sobre uma refinada e gigantesca jangada” (PAULA, 2016, p. 30).

A rota da viagem detalhada por Verne é “composta de ricas informações sobre a fauna e a flora da floresta amazônica, sem excluir as diversas composições

étnicas presentes em seu contexto: o branco, o negro e o indígena” (PAULA, 2016, p. 30). Mesmo sem nunca ter conhecido a Amazônia e nem o Brasil, Verne usou a sua imaginação e informações que pesquisou para escrever sobre o rio Amazonas.

Outro rio brasileiro de grande relevância histórica e social para região Nordeste e de fundamental importância para o desenvolvimento do estado de Pernambuco é o rio Capibaribe. A sua história é marcada pelas “culturas indígenas que ali se fixaram, aos portugueses e holandeses que o utilizaram como meio de ocupação. História marcada pela utilização da água fazendo surgir cidades em seu percurso [...]” (FRANÇA, 2010, p. 5). Um rio cercado por histórias que são fonte de inspiração para escritores e poetas nascidos na região, como o autor João Cabral. De acordo com Fernanda Rodrigues Galve, o rio Capibaribe

nasce na serra do Jacarará, no município do Brejo da Madre de Deus, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Possui cerca de 74 afluentes e banha 32 municípios pernambucanos, sendo os mais importantes Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e o Recife (GALVE, 2006, p. 105).

João Cabral de Melo Neto trouxe a público, em 1956, uma coletânea de poemas inéditos e republicações intitulada **Duas Águas**, que inclui, na primeira água, os livros **Pedra do Sono**, **O Engenheiro**, **Psicologia da Composição**, **O Cão sem Plumas**, **Uma Faca só Lâmina** e **Paisagens com Figuras**, e, na segunda água, os livros **Os Três Mal-Amados**, **O Rio** e **Morte e vida severina**. Benedito Nunes, em seu livro intitulado **João Cabral de Melo Neto**, nota biográfica, introdução crítica, antologia e bibliografia, esclarece que **Duas Águas** querem corresponder

a duas intenções do autor e – decorrentemente - a duas maneiras de apreensão por parte do leitor ou ouvinte: de um lado, poemas para serem lidos em silêncio, numa comunicação a dois, poemas cujo aproveitamento temático, quase sempre concentrado exigem mais do que leitura, releitura; de outro, poemas para auditório, numa comunicação múltipla, poemas que, menos que lidos, podem ser ouvidos (NUNES, 1971, p. 74).

Nesse agrupamento de livros, três poemas apresentam o rio Capibaribe em circunstâncias diferentes, são eles: **O Cão sem Plumas**, **O Rio** e **Morte e vida severina**.

Marlyse Meyer, no seu livro **Caminhos do Imaginário no Brasil**, destaca, no poema **O Cão sem plumas**, uma “áspera metáfora designando globalmente o rio e

seus ribeirinhos, os quais acompanhando-lhe às margens, andam à busca de um destino melhor” (MEYER, 1993, p. 111). Já no poema **O Rio** (1954), a autora explica que é o “rio quem fala e vai narrando o que vê: as modificações que sua presença pode ir trazendo às paisagens, e sua impotência em trazê-las para os homens que abriga” (MEYER, 1993, p. 111). E, finalmente, no poema **Morte e vida severina** (1956), é o “rio e suas beiras, visto pelo homem, o retirante – um homem-cão, que resolveu acompanhar o rio em direção ao mar, Salvador” (MEYER, 1993, p. 111).

No livro **O Cão sem Plumas** (1950), o poema foi dividido em quatro partes: Paisagem do Capibaribe I e II; Fábula do Capibaribe III e Discurso do Capibaribe IV. E, de acordo com Waltencir Alves de Oliveira, no seu livro intitulado **O gosto dos extremos: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de Pedra do Sono a Andando Sevilha**, João Cabral procura descrever

o rio Capibaribe que se mistura às margens e aos habitantes ribeirinhos de tal modo que faz confundir terra, rio e homem em uma tríade indissociável. A descrição do rio, que é também descrição do povo local e da região que ele banha, é efetuada a partir de um molde descritivo que deixa transparente não só a maneira como os três elementos representados se relacionam entre si, como também o esquema utilizado para representá-los [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 39).

O Cão sem Plumas inicia um “ciclo de poemas em que o poeta explicita sua preocupação com a realidade pernambucana: ele busca, em meio a uma atmosfera mineral, um homem vivo” (MELO NETO, 1982, p. 29). Os versos a seguir explicitam que rio e homem “se confundem numa dissolução comum, que fica poeticamente traduzida na imagem da natureza desplumada” (PINTO, 2003, p. 183):

[...]
 Como o rio
 aqueles homens
 são como cães sem plumas
 (um cão sem plumas
 é mais
 que um cão saqueado;
 é mais
 que um cão assassinado.
 [...]
 Na paisagem do rio
 difícil é saber
 onde começa o rio;
 onde a lama
 começa do rio;
 onde a terra
 começa da lama;

onde o homem,
 onde a pele
 começa da lama;
 onde começa o homem
 naquele homem.
 (MELO NETO, 1982, p. 32).

De acordo com Waltencir Alves de Oliveira, o poema **O Rio** (1954) constitui, claramente, um

prolongamento do anterior **O Cão sem Plumas**, apresentando “Discurso do Capibaribe”, livre do intermédio de uma voz narrativa, ou seja, **O Rio** consiste na descrição do rio Capibaribe por ele mesmo, que se torna autor e objeto da cartografia (OLIVEIRA, 2012, p. 43).

Neste poema, **O Rio**, acentua-se o reconhecimento do poeta João Cabral com o drama nordestino, e foi desenvolvido na primeira pessoa, como se verifica nos versos a seguir:

Os rios
 Os rios que eu encontro
 vão seguindo comigo.
 Rios são de água pouca,
 em que a água sempre está por um fio.
 Cortados no verão
 que faz secar todos os rios.
 Rios todos com nome
 e que abraço como a amigos.
 Uns com nome de gente,
 outros com nome de bicho,
 uns com nome de santo,
 muitos só com apelido.
 Mas todos como a gente
 que por aqui tenho visto:
 a gente cuja vida
 se interrompe quando os rios.
 (MELO NETO, 2007, p. 22).

Em entrevista concedida a Celina Luz, *Jornal do Brasil*, Caderno B, Rio de Janeiro, 23 jul. 1974, João Cabral revela que:

O Rio é o meu Capibaribe. Nasci em suas beiras e sempre morei perto. No poema, o rio conta tudo o que vai vendo, desde que nasce até continuar pelo mar, ao chegar no porto do Recife, onde se junta com uma porção de rios. É o livro que escrevi com mais facilidade (ATHAYDE, 1998, p. 105).

No livro **A viagem**, ou itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo, Félix de Athayde explica que:

O rio tem sua moral. Não é poema de tese, mas sua fabulação dá a ver determinadas situações em que o poeta expõe e condena a miséria, às vezes satirizando-a. É um poema narrativo, geográfico, social, em que a voz do poeta se confunde com a do Capibaribe (ATHAYDE, 2000, p. 51).

O Rio antecipa **Morte e vida severina**, em um ponto quando “aponta a impossibilidade de individuação da gente local, sem nome próprio, além de igualada pela vida e pela morte” (OLIVEIRA, 2012, p. 43). Em ambos os poemas de João Cabral, existem:

duas histórias (a do Severino, retirante do sertão nordestino e a do Capibaribe, rio cujo leito leva ao Recife), que, cruzadas, originam um sistema de equivalências, em que o rio humanizado e o homem fluvializado confundem suas naturezas, em face de um estado de precariedade por ambos compartilhado (PINTO, 2003, p. 176).

Antonio Carlos Secchin, em **João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos**, explicita que o autor João Cabral “já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife” (SECCHIN, 1999, p. 107).

No poema **Morte e vida severina**, o rio Capibaribe é presença constante na narrativa do poema, pois, desde a saída do personagem Severino do sertão, até o Recife, ele é o seu guia, mesmo passando por períodos de seca. O rio é um elemento participante do poema, simboliza vida em determinadas situações e morte em outras.

Nota-se como o rio, ao longo do poema, adquire personalidade. Ele passa a ser, também, um personagem juntamente com o Severino. Algumas cenas abaixo foram retiradas do poema **Morte e vida severina**. Em todos os versos destacados, o rio Capibaribe aparece, e segue junto com Severino.

O rio, como condutor de vida, secou devido ao período de estiagem, que é a seca que assola o sertão nordestino, mostrando, assim, sua fragilidade. É um rio intermitente, que, durante o verão, seca e, no período de chuvas, retoma seu curso. E, como guia, o rio deixou o Severino perdido na sua caminhada. O rio começa, então, a gerar a dúvida: como segui-lo? Essa crise instaura-se, obrigando Severino a outras formas de pensar e agir:

[...]
 Pensei que seguindo o **rio**
 eu jamais me perderia:
 ele é o caminho mais certo,
 de todos o melhor guia.
 Mas como segui-lo agora
 que interrompeu a descida?
 Vejo que o Capibaribe,
 como os **rios** lá de cima,
 é tão pobre que nem sempre
 pode cumprir sua sina
 e no verão também corta,
 com pernas que não caminham.

[...]
 (MELO NETO, 2007 p. 98, grifo nosso).

Nos versos que se seguem, a palavra **rio** está implícita, quando se fala do Capibaribe. Severino está cansado da sua jornada até ali e pensa em parar por um tempo, como faz o rio Capibaribe durante o período da seca, e retoma seu caminho, seu leito, durante o período das chuvas. O leitor pode perceber, então, o quanto Severino e o rio aproximam-se. Pode-se arriscar, desse modo, a afirmar que o rio, agora, sinaliza o interior do próprio peregrino.

No entanto, as perguntas continuam, novas questões aparecem. O rio leva Severino a refletir, se não seria melhor parar, descansar e esperar a cheia novamente para continuar a sua andança, rumo ao seu objetivo, que é chegar ao Recife e tentar melhores condições de vida. O rio procura o mar, Severino procura o Recife:

[...]
 Penso agora: mas por que
 parar aqui eu não podia
 e como o Capibaribe
 interromper minha linha?
 Ao menos até que as águas
 de uma próxima invernia
 me levem direto ao mar
 ao refazer sua rotina?

[...]
 (MELO NETO, 2007 p. 100).

Quando Severino chega à Zona da Mata, fica encantado com tanta fartura de água, e o verde da natureza, pois do lugar de onde vinha, só a seca acompanhava-o. O rio, nesse caso, é um rio perene, que tem sempre água, na qual há abundância. E, cavando um pouco na terra, a água brota. Também pensou em fazer parada nesse lugar:

[...]
 Os **rios** que correm aqui
 Têm a água vitalícia.
 Cacimbas por todo lado;
 cavando o chão, água mina.
 [...]
 (MELO NETO, 2007 p. 106, grifo nosso).

Severino fica admirado com o rio perene que existe na Zona da Mata, refletindo que este não fica imobilizado como o rio que corta o sertão, que faz parada em poços. Abundante em água, esse rio quer seguir o seu caminho, que é o de encontrar o mar:

[...]
 Agora é que compreendo
 por que em paragens tão ricas
 o **rio** não corta em poços
 como ele faz na Caatinga:
 vive a fugir dos remansos
 a que a paisagem o convida,
 com medo de se deter,
 grande que seja a fadiga.
 [...]
 (MELO NETO, 2007 p. 112, grifo nosso).

Parece que Severino quer chegar logo ao Recife. Isso é indicado pelo seu desejo de findar logo a ladainha. Sendo assim, ele começa a se lembrar dos nomes das cidades por onde passou, sendo o rio seu condutor, para, enfim, terminar essa viagem, onde o rio desaparece e termina a sua ladainha, a sua peregrinação. Se antes o rio o conduz e orienta seu caminho, Severino, agora, parece ser um novo rio. Essa mistura vai se desenvolvendo no poema, em uma metamorfose homem-rio:

[...]
 Sim, o melhor é apressar
 o fim desta ladainha,
 fim do rosário de nomes
 que a linha do **rio** enfia;
 é chegar logo ao Recife,
 derradeira ave-maria
 do rosário, derradeira
 invocação da ladainha,
 Recife, onde o **rio** some
 e esta minha viagem se fina.
 (MELO NETO, 2007 p. 113, grifo nosso).

Enfim, Severino chega ao seu destino. Cansado, senta-se perto de um muro e escuta o diálogo entre dois coveiros, prestando atenção em suas conversas sobre os cemitérios onde já trabalharam e os que gostariam de trabalhar. Os homens, acostumados a lidar com a morte, tratam com certa naturalidade os eventos ao seu redor e falam sobre os sepultamentos dos falecidos ricos – que são demorados, espaçados e preenchidos por cerimônias – e os enterros dos defuntos pobres – que são rápidos, acontecem diariamente e em grandes quantidades.

Phillipe Ariès, em sua **História da Morte no Ocidente**, esclarece que, no decorrer dos séculos, os mortos não davam trabalho para os vivos, pois em vida os abastados já deixavam por escrito em testamentos onde gostariam de ser enterrados. Na Idade Média

enterrava-se *ad sanctos*, ou seja, o mais perto possível dos túmulos dos santos ou de suas relíquias, em um espaço sagrado que compreendia ao mesmo tempo a igreja, seu claustro e suas dependências. A palavra *coemeterium* não designava necessariamente o lugar reservado aos enterros, mas o *azylus circum ecclesiam*, ou seja, toda a circunvizinhança da igreja que se beneficiava do direito de asilo. Faziam-se enterros em todos os lugares dessas circunvizinhanças, dentro da igreja e à volta dela, nos pátios, *atrium* – e nos claustros, que tomaram o nome de carneiros e tornaram-se os cemitérios no sentido estrito que conservamos hoje (ARIÈS, 2017, p. 186, grifos do autor).

Os coveiros, no poema **Morte e vida severina**, revelam através de suas falas que existem os cemitérios dos ricos e os dos pobres, e que os mortos são enterrados de acordo com a classe social a que pertencem. Essa prática também era presente na Idade Média, quando o abastado, em seu testamento, determinava o local da sua última morada, onde desejava ser enterrado nas igrejas:

Os mais pobres ou humildes eram relegados ao lugar que veio a ser o cemitério, ou seja, o mais longe possível da igreja e de suas paredes, nos limites da área, no meio do claustro, nas profundas fossas comuns (ARIÈS, 2017, p. 187).

Vemos que, tanto no poema, quanto no período da Idade Média, é a condição social do falecido que determinará onde ele será enterrado. Ademais, de acordo com Marlyse Meyer, a morte “também é morte de classe. Só os retirantes mortos a granel escapam a sutilezas classificatórias” (MEYER, 1993, p. 122). Os autores Andrade e Venâncio informam que não é fora de propósito lembrar o conto de João Guimarães Rosa intitulado **Conversa de bois**. Tiãozinho é o filho que leva o pai morto em um

carro de bois (em meio a um carregamento de rapaduras) para ser enterrado no vilarejo. Ao seu lado, o carreiro Agenor segue humilhando o menino e já de olho na mãe viúva. Nesse meio, os bois vão travando uma conversa entre eles, discutindo o sentido da vida e as peripécias de outros bois.

Na conversa entre os dois coveiros, um deles sugere para as pessoas que descem lá do sertão para a capital, ao invés de serem enterradas em terra seca, nos cemitérios, deveriam ter um enterro ligeiro e econômico, que seria o de jogar os corpos direto no rio, onde teriam a água como um lençol a envolvê-los e seriam levados até o mar. O rio, nessa condição, seria como lugar de purificação e morte.

A superfície do rio passa a ser uma superfície que escancara a morte. O leito do rio, outrora de vida, parece adquirir contornos e significados de morte. A reflexão dos coveiros coloca novo ingrediente no poema, que é o de se pensar o homem à mercê do rio em vida assim como a mercê dele na morte:

[...]

- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do **rio** e da morte.

- O rio daria a mortalha
e até um macio caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.

[...]

(MELO NETO, 2007 p. 118, grifo nosso).

Os versos acima remetem à Índia, cujo costume é cremar os corpos e jogar as cinzas no rio Ganges. Quando os familiares do defunto não têm condições de pagar a cremação, os corpos são jogados diretamente no rio, para purificação deles.

Severino, após ouvir a conversa entre os coveiros, atrás dos muros, fica completamente desmotivado, perde as esperanças e planeja tirar a própria vida. Pensa na sugestão dada por um dos coveiros de saltar da ponte e da vida para dentro do rio, o qual se encarregaria de lhe dar uma morte rápida e um enterro que não daria trabalho para ninguém. O rio se encarregaria de dar as flores e conduzi-lo, ao longo do seu curso. Severino pensa o rio com o sentido de morte:

[...]

A solução é apressar

a morte a que se decida
 e pedir a este **rio**,
 que vem também lá de cima,
 que me faça aquele enterro
 que o coveiro descrevia:
 caixão macio de lama,
 mortalha macia e líquida,
 coroas de baronesa
 junto com flores de aninga,
 e aquele acompanhamento
 de água que sempre desfila
 (que o **rio**, aqui no Recife,
 não seca, vai toda a vida).
 (MELO NETO, 2007 p. 120, grifo nosso).

Na conversa entre Severino e Seu José, mestre carpina, este argumenta que cruza o rio, passando pela ponte, e que a sua fome é saciada ao se alimentar. Mesmo assim, Severino manifesta suas misérias e fraquezas e revela a falta de esperança frente à situação vivenciada.

Severino continua dialogando como Seu José e expõe toda a sua frustração e desânimo perante os problemas que a vida lhe oferece:

[...]
 - Severino, retirante,
 pois não sei o que lhe conte;
 sempre que cruzo este **rio**
 costumo tomar a ponte;
 quanto ao vazio do estômago,
 se cruza quando se come.
 - Seu José, mestre carpina,
 e quando ponte não há?
 quando os vazios da fome
 não se tem com que cruzar?
 quando esses **rios** sem água
 são grandes braços de mar?
 [...]
 - Seu José, mestre carpina,
 e em que nos faz diferença
 que como frieira se alastre,
 ou como **rio** na cheia,
 se acabamos naufragados
 num braço do mar miséria?
 [...]
 (MELO NETO, 2007 p. 121, grifo nosso).

Essa conversa é interrompida pelo nascimento do filho de Seu José. Severino fica como espectador de tudo o que está acontecendo, e até o rio que banha o manguezal, onde mora mestre carpina, fica mais límpido naquele dia, refletindo as

estrelas do céu, mostrando que todo o ambiente está em harmonia, mesmo que por um período, com a vida recém-chegada. O rio nesse momento volta a ser vida:

[...]
 - É este **rio** de água cega,
 ou baça, de comer terra,
 que jamais espelha o céu,
 hoje enfeitou-se de estrelas.
 (MELO NETO, 2007 p. 125, grifo nosso).

Destaca-se, então, a relação que existe entre o homem e o rio. Uma relação primordial e arquetípica. Tal relação sugere movimento e deslocamento, exterior e interior. Como sugerira Heráclito, no fragmento 91, “um (homem) não pode entrar duas vezes no mesmo rio” (KAHN, 2009, p. 79). Essa chegada e saída, aproximação e passagem caracterizam bem o Severino e ilustram sua dependência do rio, que, se morre, também morrerá o homem com ele, e, se renasce, também o sertanejo renascerá.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no **Dicionário de Símbolos**, explicam que:

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo o da *possibilidade universal* e da *fluidez das formas* (F. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano, ao remontar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 780, grifos dos autores).

Aqui, pode-se pensar, então, no transfundo desse rio. Com isso, procura-se afirmar como o simbolismo do rio no poema já advém, como em um palimpsesto, de culturas ancestrais.

Severino, ao sair da Serra da Costela, objetivava fugir da miséria, da fome e da **morte severina** e buscar melhores condições de vida na capital. Para esse deslocamento, usa o rio Capibaribe como seu guia na retirada, e vai contando a sua história, sendo que ambos, Severino e rio, passarão por momentos difíceis até chegarem ao seu destino:

[...]
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma morte severina:

que é a morte de que se morre
 de velhice antes dos trinta,
 de emboscada antes dos vinte,
 de fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 é que a morte severina
 ataca em qualquer idade,
 e até gente não nascida).
 [...]
 Mas, para que me conheçam
 melhor Vossas Senhorias
 e melhor possam seguir
 a história de minha vida,
 passo a ser o Severino
 que em vossa presença emigra.
 (MELO NETO, 2007, p. 92).

O Dicionário Aurélio apresenta três sentidos básicos para deslocamento. São eles: mudança de lugar ou de direção e desarticulação do osso. Além desses, um quarto sentido é retirado do ambiente de construção naval: diz respeito ao “peso da água deslocada pela embarcação flutuando em águas tranquilas, o qual, de acordo com o princípio de Arquimedes, é igual ao peso da própria embarcação” (FERREIRA, 1999, p. 656).

Já no Dicionário Houaiss, além dos sentidos apresentados anteriormente, indica que o deslocamento pode ser, também, uma “viagem a que se está obrigado por motivos de trabalho ou outro de natureza diversa” (HOUAISS, 2001, p. 999). Essa ideia de deslocamento se inicia quando Severino se apresenta e convida os leitores para conhecerem a história e as mudanças que acontecerão durante a trajetória até Recife.

Em todas as formas apresentadas, fica presente o sentido de movimento, saída, partida, chegada. Assim, quando aplicados à realidade humana, esses sentidos ganham enormes proporções, multiplicando-se consideravelmente em diversas dimensões. Mesmo a mais corriqueira mudança de móveis dentro de uma casa, a mudança da própria casa ou de um país são geradoras de consequências profundas que permeiam e atravessam cenários multifacetados.

Merece destaque, nesse sentido, que as secas que ocorrem no sertão nordestino são causadoras de grandes sofrimentos aos sertanejos que moram nestes locais. A fome é sempre presente, os problemas de sobrevivência são muitos e a desigualdade social e o descaso com o povo nordestino por conta das

autoridades políticas são enormes. Certamente, esses são motivos que levaram e ainda levam os retirantes nordestinos a se deslocarem e buscarem uma vida digna.

Severino, sonhador e esperançoso, ao iniciar sua viagem, “exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais do que de um deslocamento físico” (CHEVALIER; GREERBRANT, 2012, p. 952). Ele procura um destino diferente para a sua vida, pois não deseja morrer de **morte severina**, como os outros **Severinos** e retirantes com quem convive.

Já no início da sua descida Severino entra em contato com a morte, pois encontra e dialoga com os **irmãos das almas**, dois homens que carregam o corpo de um lavrador, também chamado Severino, embrulhado numa rede, até o cemitério mais próximo, que fica em Toritama. Severino, ao presenciar a cena desse cortejo, faz várias indagações e descobre que não está diante

de uma morte natural e sim de um defunto no qual se plantou uma “ave-bala”. Isso, ao invés de promover o respeito e o decoro com o morto, sugere uma investigação velada e silenciosa sobre o dono do gatilho que disparou essa “ave-bala”. O gatilho anônimo é, certamente, do dono da terra, algum “Zacharias/senhor dessa sesmaria”. A anomalia da morte-emboscada mais denuncia do que sacraliza o morto e a morte (OLIVEIRA, 2012, p. 52).

A morte será uma presença constante na jornada de Severino. O rio Capibaribe, que era o seu guia e fio condutor do início dessa jornada até o seu destino, secou provisoriamente em função da seca que assola o sertão nordestino em determinados períodos, e, com isso, Severino encontra-se perdido. Hermide Menquini Braga, no seu livro intitulado **O sagrado e o profano em Morte e vida severina**, informa-nos que:

com esse episódio o autor nos apresenta a extinção do leito do rio, representante de vida, não só pela fluidez, mas também pelo caráter de orientação, no espaço físico original. Seguindo o raciocínio inicial de Severino, todo rio deveria correr para o mar. Negada a premissa natural, em face do clima rigoroso, o leito seco e inerte conclama a morte, e é este acontecimento o responsável pela reorientação do retirante (BRAGA, 2002, p. 76).

O rio e o homem no poema **Morte e vida severina** ligam-se um ao outro em função da precariedade estabelecida pela seca. O caminho de Severino é orientado pelo rio, que, ao secar, no período do verão, morre, e essa morte desanima o personagem, que deseja parar por um período a sua jornada e procurar trabalho no

lugar onde está, até aguardar as próximas chuvas para continuar a sua caminhada. Assim como o rio Capibaribe, Severino

se define por sua natureza desvalida – ambos sujeitos a um destino de penúria, motivado pela seca. É a marca da carência que os aproxima e une numa poética de travessia. Sempre mirando-se, um sendo o eco do outro, rio e homem mal podem ser distinguidos. Sente-se que o rio se identifica com o viver nordestino, ou mesmo que o rio e a vida são a mesma coisa. Tem-se, no caso, a configuração do elemento fluvial como extensão do humano (e vice-versa) (PINTO, 2003, p. 177).

A vida é cíclica, constantemente se altera, tudo se transforma a cada instante, como o homem e o rio no poema. As esperanças de Severino são renovadas diariamente, apesar de todas as condições adversas, como também o rio Capibaribe volta à vida na Zona da Mata, onde se torna perene.

Os rios mencionados inicialmente nesta subseção foram de várias formas fontes de vida para os povos que viveram e ainda vivem às suas margens, como o rio Nilo, responsável pela sobrevivência e pelo progresso da civilização egípcia, favorecendo o desenvolvimento da agricultura e da sociedade no Egito. O rio Ganges, importante rio da Índia, é ligado à cultura, à história e principalmente à religião daquele povo, vinculado às tradições e à purificação. O rio Amazonas, por sua vez, proporciona ao povo que vive nas suas beiras alimentação, moradia, cultura e identidade.

Já o rio Capibaribe, que junto com o Severino participa do drama, também é personagem dos poemas **O Cão sem Plumas** e **O Rio**, escritos por João Cabral. Esse rio nasce no sertão e deságua no mar, mas que passa por muitas situações de precariedade, em função da seca, para conseguir chegar ao seu destino; rio que, por vezes, é abundância de água e por vezes é seco. Ainda assim, é carregado de histórias felizes e histórias tristes, de vida e de morte.

Severino é a personagem que sai da sua terra natal, indo tentar uma vida melhor na capital. Com ele vai o rio, e, com o rio, ele vai. O Capibaribe é seu condutor; um rio é “o que cada um viveu, imaginou e que sempre é mais que um rio. É um mar de culturas que flui como suas águas [...] Um rio como testemunho de vidas passando por ele” (FRANÇA, 2010, p. 5). Assim é o rio Capibaribe, um rio que sofre como os retirantes, que buscam melhorar um pouco a sua condição de vida, pois sabem que, se continuarem ali, perecerá.

Severino e o rio Capibaribe no poema se fundem em algumas cenas e se distanciam em outras. O rio é vida Severina. Severino com ele vai. A vida é desafio para quem está perto e mais ainda para quem está longe do rio. A Zona da Mata anima, mas os coveiros mostram a morte. O deslocamento do sertão é, muitas vezes, para a morte. Entretanto, a esperança não seca como o rio, segue firme, busca a vida. Severino renova as suas esperanças como o rio também se renova constantemente, pois a água que corre nele, nunca é a mesma. A vida se renova no homem e no rio.

3 “HÁ UM TEMPO PARA TUDO”: MORTE E VIDA SEVERINA E OS MISTÉRIOS DO DIVINO

A proposta desta seção é investigarmos como, no poema **Morte e vida severina**, identificamos nascimentos e mortes no sertão. As menções a essas realidades estão espalhadas ao longo do poema e podem ser notadas a uma primeira leitura.

3.1 DE ONDE VENS? OS DIVERSOS NASCIMENTOS NOS CAMINHOS DO SERTÃO

O ser humano em saída é sempre um ser humano que está diante da realidade do novo. A primeira saída é aquela do útero, a viagem para o mundo externo é desconfortável e desafiadora. Embora o poema intitule-se **Morte e vida**, partiremos, primeiro, do tema da vida. Tal partida justifica-se até mesmo pelo fragmento que motiva esta seção, a saber, o terceiro capítulo do **Livro do Eclesiastes**, no interior do Antigo Testamento. Ali, além dessa informação inicial, podemos notar que a primeira assertiva do autor é, exatamente, o tema da vida: “Tempo de nascer e tempo de morrer” (Ecl 3,2).

O nascimento de Severino, personagem principal do poema **Morte e vida severina**, é um mistério. Mas, na apresentação que faz de si mesmo, no monólogo inicial, Severino fala de onde veio e conta um pouco da sua história de vida até aquele momento:

- O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria
Como então dizer quem fala

ora a Vossas Senhorias?
 Vejamos: é o Severino
 da Maria do Zacarias,
 lá da serra da Costela,
 limites da Paraíba.
 Mas isso ainda diz pouco:
 se ao menos mais cinco havia
 com nome de Severino
 filhos de tantas Marias
 mulheres de outros tantos,
 já finados, Zacarias,
 vivendo na mesma serra
 magra e ossuda em que eu vivia.
 [...]
 (MELO NETO, 2007, p. 91).

Severino, ao se apresentar, revela a falta de um sobrenome, e, ao explicar “**não tenho outro de pia**”, expõe “sua identidade religiosa: é um cristão. Ou pelo menos, fica claro que foi batizado nessa tradição” (SILVA, 2007, p. 111). Para o cristão, o batismo é um “sacramento, pois foi instituído pelo Cristo. Mas nem por isso deixa de equivaler ao ritual iniciático da prova (luta contra o monstro), da morte e da ressurreição simbólicas (o nascimento do homem novo)” (ELIADE, 1992, p. 68). De acordo com Chevalier e Gheerbrant, os ritos do batismo

continuam a incluir dois gestos ou duas fases de notável alcance simbólico: a imersão e a emersão. A imersão, hoje reduzida à aspersion, é por si só rica de muitas significações: indica o desaparecimento do ser pecador nas águas da morte, a purificação através da água lustral, o retorno do ser às fontes de origem da vida. A emersão revela a aparição do ser em estado de graça, purificado, reconciliado com uma fonte divina de vida nova (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 126).

Em seguida, Severino explica que “**há muitos Severinos,/ que é santo de romaria**”. Para Dezidero e Terra, romaria refere-se a “uma manifestação tipicamente rural de praticar a fé cristã, é mais um rito, diante de tantos valores cultivados em meio à miséria” (DEZIDERO; TERRA, 2015, p. 250). Já Marinho mostra que a palavra “romaria” também é entendida como “a visitação que o povo faz ao centro de devoção, seja como expressão de veneração do santo, seja como cumprimento de promessas pelas graças já recebidas” (MARINHO, 2008, p. 39). O tema do caminho fica, então, plenamente indicado nessa consideração, qual seja, o deslocamento peregrino em busca de respostas, sustento da fé e sentido para a vida.

Na cultura nordestina, muitos homens recebem o nome de Severino, para homenagear o santo. Isto posto, e de acordo com Alba Lúcia da Silva Marinho, existe um Santuário de São Severino, e ele está

localizado em terras do antigo Engenho Ramos em Paudalho, município da zona da mata norte, situado a 44 quilômetros de distância da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. O Santuário permanece em terras de propriedade privada, onde, por muitos anos, São Severino dividiu os seus domínios com o canavial do Engenho Ramos, hoje se inclui entre os maiores centros de devoção espalhados pelo Nordeste brasileiro (MARINHO, 2008, p. 45).

Severino, ainda tentando se individualizar, esclarece que as pessoas o chamam de “**Severino de Maria**”, que também ficou conhecido como “**sendo o da Maria**”, e que existem “**Severinos, / filhos de tantas Marias**”. Para Severino “**Maria**, isoladamente, já é novo acréscimo à sua identidade: tem mãe, cujo nome é Maria. Trata-se de nome riquíssimo de sentido e de referência: é o nome da mãe de Jesus” (SILVA, 2007, p. 111). Novamente, o *link* com o **Antigo Testamento** fica evidente: Maria é uma variante de **Myriam** que, no **Livro do Êxodo**, é destaque para a irmã de Moisés. Ali, pode-se notar o caminho/deslocamento seminal para toda a tradição judaica, qual seja, a saída da casa da escravidão (Egito) para a terra prometida (futuro Israel). Essa é a saída matricial de um exílio que vai configurar toda a teologia e a antropologia da primeira parte da **Bíblia**.

No texto intitulado **Maria**: simplesmente a mãe de Jesus, Luiz Alencar Libório e Ana Cristina de Lima Moreira explicam que a figura da Mãe de Jesus:

[...] Com o passar dos anos foi adquirindo status não só como Mãe de Jesus, mas sendo concebida como uma mulher forte e de grande poder para mediar às solicitações do povo. Ela foi adotada como mãe dos necessitados, aflitos e de quem a admira, sendo, pois, um elo que liga o povo a Deus. A devoção mariana constitui uma característica visível e preponderante da cultura e religião do povo brasileiro. Na religiosidade popular, Nossa Senhora ocupa entre todos os santos, no céu e na terra, um lugar preferencial. A piedade mariana é sinal de identidade do catolicismo brasileiro (LIBÓRIO; MOREIRA, 2017, p.329).

Todavia, dizer que é filho da Maria ainda diz pouco sobre Severino, ele precisa “acrescentar o nome do pai: Zacarias [...] Isso porque Zacarias não é nome qualquer, seu pai é homônimo do pai de João, o Batista” (SILVA, 2007, p. 112). O Zacarias do **Evangelho de Lucas** guarda, na etimologia, uma importante

perspectiva que nos orienta no próprio caminho Severino. *Zakar* é um verbo hebraico que significa **recordar, lembrar**. Já o sufixo *-ías* é uma abreviatura do nome divino *Yahweh*. Assim, o nome significa **Deus se recorda**.

De acordo com Alexandre Koji Shiguehara, autor do livro **Ao longo do rio: João Cabral e três poemas do Capibaribe**, os codinomes que recebem o nome Severino:

informam os nomes da mãe e do pai, o local de origem e sua situação geográfica. Mesmo assim, o protagonista logo reconhece que a apresentação permanece insuficiente e inespecífica [...] Fica a impressão de que o começo do monólogo é dominado pela ideia do *dizer pouco*. Pois nessa expressão está explícita a mensagem de que há algo a ser dito (quem, afinal, é Severino) e que a palavra ainda não alcança (SHIGUEHARA, 2010, p. 65, grifo do autor).

Severino, nos versos acima, explica quem é e qual é a sua origem familiar. Na segunda parte do monólogo, Severino vai dizer da sua condição de vida, que também é coletiva, pois é comum a muitos outros **Severinos**:

[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 2007, p. 92).

Nos versos acima, Severino explica a condição severina que é individual e coletiva, pois muitos são “**iguais em tudo e na sina**”. Em vista disso, Severino faz a escolha de migrar:

que nesse sentido significa esperança de busca de salvação na tentativa de afastar-se de uma vida traçada pela miséria e pela morte. Migrar significa para Severino agarrar o destino na expectativa de suscitar sonhos de libertação, para encontrar sua verdadeira identidade de participante da vida (TORRES, 2012, p. 91).

O caminho Severino nos transleva para o universo de uma existência em exílio. Isso se afina muito bem com o que o filósofo francês Jean-Luc Nancy tem perseguido em suas reflexões sobre o tal conceito. Em um ensaio de 1996, denominado *La existencia exiliada* (sem tradução ao português), ele afirma:

[...] *ex* e a raiz *el* viriam de um conjunto de palavras que significam **ir**; como em *ambulare*, *exulare* seria a ação de *exul*, o que sai, o que parte, não até um lugar determinado, mas o que parte absolutamente (NANCY, 1996, p. 35, grifo nosso)¹.

Quando se aprofunda o pensar sobre o conceito de **exílio**, podemos notar a gama de possibilidades que ele apresenta. Embora – como sugere o próprio Nancy – seja quase lugar comum afirmar “a existência é um exílio” (NANCY, 1996, p. 34), é possível que, mesmo que a questão do território não apareça como sendo de primeira grandeza, ela possibilita a percepção do exílio interior, porque desperta naquele que foi exilado a consciência da distância que se estabelece entre seu lugar de origem e o novo lugar para o qual vai ou no qual se está, gerando, assim, um estranhamento.

¹ Nossa tradução do original espanhol: “*ex* y la raíz *el* de un conjunto de palabras que significan «ir»; como en *ambulare*, *exulare* sería la acción del *exul*, el que sale, el que parte, no hacia un lugar determinado, sino el que parte absolutamente”.

O exílio, para Nancy, é, portanto, a saída de si próprio, fora do lugar próprio, fora do ser próprio, “fora da propriedade em todos os sentidos e, portanto, fora de lugar próprio como lugar natal, lugar nacional, lugar familiar, lugar da presença do próprio em geral” (NANCY, 1996, p. 34).

Eis, portanto, como nos encontramos em meio a um paradoxo: segundo os mais variados costumes, o sair de um lugar próprio seria a desgraça por excelência, mas, ao mesmo tempo, constitui a essência do exílio, pois representa o exílio “como possibilidade positiva, a mais positiva, inclusive, do ser ou da existência: saída ou partida, distanciamento ou alienação, a desgraça é indispensável para a realização do ser” (NANCY, 1996, p. 36).

Severino é a tradução do homem nordestino, guerreiro, determinado a procurar uma vida mais digna, o qual tem esperança, apesar de toda pobreza que o cerca, pois acredita em uma condição melhor de vida e vai buscá-la. Podemos afirmar, portanto, que ele é um exilado de si mesmo. Por isso:

mais que um representante do retirante nordestino, Severino incorpora aspectos do homem universal, na medida em que simboliza, os que em busca da vida, da esperança, emigram de qualquer parte do mundo, de qualquer estado e em qualquer época (SILVA, 2007, p. 114).

Essa saída de Severino do sertão se dá principalmente pela seca, que tem o sol como seu colaborador. Para Chevalier e Gheerbrant, o “Sol é a **fonte** da luz, do calor, da vida” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 836). Mas sob outro “aspecto, é verdade, o Sol é também *destruidor*, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundadora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 836, grifos do autor).

Severino é um “retirante que traz consigo vida sofrida, vida triste, vida tomada pela morte” (DEZIDERO; TERRA, 2015, p. 247). Entretanto, o que impulsiona Severino até a capital é a vida, é a esperança de conseguir uma vida melhor que a sua severina.

Para seguir sua viagem, Severino terá o rio Capibaribe como seu guia, pois ele será o fio condutor da sua migração. O rio simboliza “a força criadora da natureza e do tempo, adicionada, ainda, à fertilidade e à irrigação da terra” (GALVE, 2006, p. 104).

O rio Capibaribe será um “caminho de fuga da seca e da miséria, como é também a busca de vida e de esperança, pois Severino ao migrar não deseja

abandonar o Sertão. Ele deseja fugir das ameaças de morte [...]” (TORRES, 2012, p. 79). O rio, nesse sentido, serve:

para que Severino consiga rezar seu rosário, sua ladainha até a última petição na luta constante pelo seu destino. Nesse peregrinar, Severino: fala, questiona, duvida, sofre, dialoga consigo mesmo e com outros personagens, demonstra sua paixão pela terra nordestina, pela tradição; mas, sobretudo, Severino é um homem de esperança numa nova vida (TORRES, 2012, p.77).

Severino, nessa jornada até o Recife, terá o rio Capibaribe, a ladainha e o rosário como companhias. A reunião de ladainha e o rosário representam os elementos religiosos que farão parte do percurso que “leva Severino a concluir que a última conta do rosário apenas poderá ser rezada quando chegar a Recife” (SILVA, 2007, p. 119).

Nos versos a seguir, nota-se que Severino deseja continuar o seu caminho seguindo o rio, rezando o rosário e a ladainha, mas percebe que não terá a companhia do rio, e que as suas orações perdem o sentido naquele momento, sua esperança vacila:

[...]
 Devo rezar tal rosário
 até o mar onde termina,
 saltando de conta em conta,
 passando de vila em vila.
 Vejo agora: não é fácil
 seguir essa ladainha;
 entre uma conta e outra conta,
 entre uma e outra ave-maria,
 há certas paragens brancas,
 de planta e bicho vazias,
 vazias até de donos,
 e onde o pé se descaminha.
 Não desejo emaranhar
 o fio de minha linha
 nem que se enrede no pelo
 hirsuto desta caatinga.
 Pensei que seguindo o rio
 eu jamais me perderia:
 ele é o caminho mais certo,
 de todos o melhor guia.
 Mas como segui-lo agora
 que interrompeu a descida?
 Vejo que o Capibaribe,
 como os rios lá de cima,
 é tão pobre que nem sempre
 pode cumprir sua sina
 e no verão também corta,
 com pernas que não caminham.

[...]
(MELO NETO, 2007, p. 97).

O rio Capibaribe passa por vilas e cidades percorrendo um longo caminho até chegar à capital. Em tempos de seca “ele é humilde e pobre, assim como o homem do Nordeste. Mas esse rio tem uma sina a cumprir assim como Severino. Ele é o cenário e o guia na jornada de muitos Severinos” (TORRES, 2012, p. 80).

Severino, ao deixar o sertão, veio acompanhando o rio que secou. Fica perdido, mas decide continuar o seu caminho, pois a esperança o move. Durante o seu deslocamento, Severino passa por situações que envolvem a morte, e esses acontecimentos o deixam abalado, mas ele continua firme no seu propósito.

Prosseguindo a sua caminhada, Severino chega à Zona da Mata e se encanta com o lugar, pois só tinha visto a terra seca grande parte da vida. Ao observar o verde das plantas, a água em abundância, o rio Capibaribe perene, Severino pensa em fazer morada naquela terra **tão feminina**.

As mulheres nas antigas culturas plantavam para sustentar os seus entes, e essa função as ligava diretamente à terra. Para Chevalier e Gheerbrant, a terra simboliza a “**função maternal**: Tellus Mater. Dá e rouba a vida. Prostrando-se sobre o solo, *Jó* exclama: *Nu saí do seio materno, nu para lá retornarei* (I, 21), identificando a terra-mãe com o colo materno” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 879, grifos do autor).

No livro **O Sagrado e o Profano**: essência das religiões, Mircea Eliade associa mulher, terra e fecundidade, quando fala que a mulher se relaciona “misticamente com a Terra; o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica. Todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento têm uma estrutura cósmica” (ELIADE, 1992, p. 71). A mulher e a terra fazem parte da natureza e possuem o mesmo traço feminino, de gerar vida. Em razão disso, Severino fica seduzido pela Zona da Mata e suas paisagens:

[...]
Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm a água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.

Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira.
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 106).

Nesse lugar tão cheio de vida, novamente a morte se fez presente num cemitério na colina. Contudo, Severino continua a sua jornada apressando o passo até chegar à capital, mesmo diante de todas as situações de morte que presenciou. Quando chega a Recife, ouve a conversa entre dois coveiros e descobre que estava seguindo seu próprio enterro. Severino entra em desespero, e pensa em abreviar a própria vida.

Severino dirige-se a um cais do rio Capibaribe e começa um diálogo com um senhor que se aproxima dele: Seu José, mestre carpina, morador daquele mangue. Esse novo personagem propiciará a passagem para o auto de Natal, pois a presença de Seu José, fará a:

Transposição à paisagem nordestina dos elementos que tradicionalmente representam a celebração do nascimento de Cristo, e a esperança num tempo mais justo que daí decorre. A identificação entre seu José/são José, além da homonímia se faz pelo ofício de ambos (a carpintaria) e pela alusão a Nazaré (da Mata), local de origem do mestre carpina (SECCHIN, 1999, p. 114).

Na conversa, os dois têm opiniões diferentes sobre a vida. Severino perdeu as esperanças e o desânimo se abateu sobre ele e sua fala evoca a morte. Seu José, em contrapartida, mesmo vivendo em condições precárias, defende a vida a todo custo, ainda que sofrida:

[...]
- Seu José, mestre capina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muita água:
basta que chegue ao abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.
- Severino, retirante,
pois não sei o que lhe conte;

sempre que cruzo este rio
 costume tomar a ponte;
 quanto ao vazio do estômago,
 se cruza quando se come.

[...]

Seu José, mestre carpina,
 que lhe pergunte permita:
 há muito no lamaçal
 apodrece a sua vida?
 e a vida que tem vivido
 foi sempre comprada à vista?

- Severino, retirante,
 sou de Nazaré da Mata,
 mas tanto lá como aqui
 jamais me fiaram nada:
 a vida de cada dia
 cada dia hei de comprá-la.

[...]

(MELO NETO, 2007, p. 121).

Esse pensamento positivo de Seu José em relação à vida nos remete à letra da música “O Que é, o Que é?”, escrita pelo compositor e cantor Gonzaguinha, (1945 – 1991) no fragmento:

[...] Ah meu Deus! / Eu sei, eu sei / Que a vida devia ser / Bem melhor e
 será / Mas isso não impede / Que eu repita / É bonita, é bonita / E é bonita /
 [...] / Mas e a vida / Ela é maravilha ou é sofrimento? / Ela é alegria ou
 lamento? / O que é? O que é? / Meu irmão / [...] / Eu só sei que confio na
 moça / E na moça eu ponho a força da fé / Somos nos que fazemos a vida /
 Como der, ou puder, ou quiser / [...].

A canção faz uma reflexão sobre a vida e como as pessoas deveriam vivê-la: com a perspectiva da esperança, como uma criança faz.

O diálogo entre Severino e Seu José, mestre carpina, continua, e há um embate de ideias negativas e positivas diante da vida, e que parece:

obedecer ao movimento das marés, com avanços, refluxos e contra-ataques. Severino, desistente, quer entregar-se ao “puxão das águas” do rio, crente de não ter forças para cruzar os “grandes braços de mar” da fome, o “oceano vazio”, o “mar largo” da miséria; de outro lado, a voz do Carpina constrói os diques da resistência, que devem tentar conter a água turva e sombria do discurso do retirante (SHIGUEHARA, 2010, p. 90).

Severino, cansado, abatido, não tem mais perspectiva de vida, está completamente tomado pela descrença. Já a perspectiva do Seu José, mestre carpina, é a de “resistir e defender, sempre e em qualquer situação, a vida, ainda

que pobre e precária” (SHIGUEHARA, 2010, p. 91). No momento em que Severino fala:

[...]
 - Seu José, mestre carpina,
 que diferença faria
 se em vez de continuar
 tomasse a melhor saída:
 a de saltar, numa noite,
 fora da ponte e da vida?
 (MELO NETO, 2007, p. 123).

Logo após essa fala de Severino, Seu José, mestre carpina, daria a resposta a tal indagação, mas o diálogo entre eles é interrompido porque aparece uma mulher, moradora do mocambo e anuncia que o filho do Seu José, mestre carpina havia nascido:

- Compadre José, compadre,
 que na relva estais deitado:
 conversais e não sabeis
 que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 em vossa prosa entretida:
 não sabeis que vosso filho
 saltou para dentro da vida?
 Saltou para dentro da vida
 ao dar seu primeiro grito;
 e estais aí conversando;
 pois sabeis que ele é nascido.
 (MELO NETO, 2007, p. 124).

Severino que até então estava argumentando a respeito da solução mais extrema, de acabar com a própria vida, vê no nascimento do filho do Seu José, mestre Carpina, um

sentido especial, pois, para combater o desespero potência máxima, só a esperança em potência ainda maior. A criança nascente, nesse caso, não pode ser um menino qualquer nascido no mangue. Seu salto para dentro da vida impediu que Severino desse o salto para dentro da morte (SILVA, 2007, p. 132).

Já é sabido que João Cabral escreveu o poema **Morte e vida severina**: auto de Natal Pernambucano a pedido de Maria Clara Machado, mas o autor questionava-se no sentido de que essa tema não traria nada de originalidade, então

pensou no problema dos retirantes nordestinos e o que os levava até o Recife. João Cabral lembrou que:

Havia no século passado um espetáculo em Pernambuco chamado Pastoril. [...] Eu peguei várias sugestões do pastoril – a mulher que chama o são José para dizer que Jesus Cristo nasceu, as mulheres cantando que a natureza mudou, o sujeito com os presentes, as ciganas lendo o futuro da criança -, acrescentei outros assuntos, todos de conteúdo pernambucano (ATHAYDE, 1998, p. 109).

Em vista disso, para escrever o auto de Natal, João Cabral realizou variadas leituras e buscou no folclore nordestino elementos para criar esse momento no poema de maneira tão singular, e que representasse a cultura e a essência do povo nordestino tão sofrido. A cena do nascimento:

com outras palavras, está em Pereira da Costa. “Compadre, que na relva está deitado” é transposição desse folclorista, pois no Capibaribe há lama, e não grama. “Todo o céu e terra lhe cantam louvor” também é literal do antigo pastoril pernambucano. O louvor das belezas do recém-nascido e os presentes que ganha existem no pastoril. As duas ciganas estão em Pereira da Costa, mas uma era otimista e a outra pessimista. Eu só alterei as belezas e os presentes, e pus as duas ciganas pessimistas (SECCHIN, 1999, p. 330).

Então, com o anúncio da moradora, Severino se torna espectador de todos os acontecimentos que abrangem o nascimento do menino. Ele assiste a todas as festividades que envolvem a chegada de uma nova vida.

Aproximam-se da casa de Seu José os vizinhos, os amigos e duas ciganas para louvarem o recém-nascido. Eles percebem que a natureza naquele dia se alterou para receber a criança, a maré não baixou, o mau cheiro amenizou, os maruins se aquietaram e até o rio com águas turvas refletiu as estrelas:

- Todo o céu e a terra
 lhe cantam louvor.
 Foi por ele que a maré
 esta noite não baixou.
 - Foi por ele que a maré
 fez parar o seu motor:
 a lama ficou coberta
 e o mau cheiro não voou.
 [...]
 - E a banda de maruins
 que toda noite se ouvia
 por causa dele, esta noite,
 creio que não irradiava.

- E este rio de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.
(MELO NETO, 2007, p. 124).

As pessoas do local, vizinhos e amigos, começam a trazer presentes para o menino que acabara de nascer. Em um gesto de simplicidade e solidariedade, oferecem “os presentes para alimentar as necessidades básicas de sobrevivência do novo pernambucano, cada um oferece o que tem de melhor, com cuidado, veneração e ternura para com a vida” (TORRES, 2012, p. 92):

- Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.
- Minha pobreza tal é
que coisa não posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar;
aqui são todos irmãos,
de leite, de lama, de ar.
- Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 125).

De acordo com Secchin, no poema, a adoração dos reis magos “é representada pelas pessoas que oferecem prendas ao recém-nascido. Vozes anônimas que se solidarizam no mesmo refrão: ‘Minha pobreza tal é’” (SECCHIN, 1999, p. 114).

Os reis magos são personagens bíblicos e foram mencionados no **Evangelho de Mateus** 2,1-12. Eles vieram do Oriente, guiados por uma estrela que os levou onde estava Maria, com o seu filho recém-nascido, Jesus. Esse nascimento inaugura a festa natalina, que é uma das mais importantes festas do Cristianismo. Os reis magos adoraram a criança e ofereceram presentes (ouro, incenso e mirra) ao menino nascido, representavam os povos de todas as nações que foram saudar a chegada do Menino Jesus.

As duas ciganas que estavam junto com os vizinhos aparecem para ler a sorte do recém-nascido. As profecias das ciganas não preveem uma condição de vida melhor para a criança nascida. A primeira cigana prevê que o menino “assumirá plenamente a condição humana [...] será um Severino entre Severinos. Crescerá como crescem todas as crianças do lugar, aprenderá as primeiras lições de vida com os anfíbios [...]” (SILVA, 2007, p. 136):

- Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura:
somos ciganas do Egito,
lemos a sorte futura.
Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, com goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
[...]
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 127).

Não há divergências entre as previsões das ciganas, a segunda mulher apenas relaciona o “futuro da criança a uma realidade que diverge não em natureza, mas somente em grau [...]. Pescador ou operário, a cicatriz da impureza persistirá como o traço definidor de sua existência” (SECCHIN, 1999, p. 115):

- Atenção peço, senhores,
também para minha leitura:
também venho dos Egitos,
vou completar a figura.
Outras coisas que estou vendo
é necessário que eu diga:
não ficará a pescar
de jereré toda a vida.
[...]

Não o vejo dentro dos mangues,
 vejo-o dentro de uma fábrica:
 se está negro não é lama,
 é graxa de sua máquina,
 [...]
 E mais: para que não pensem
 que em sua vida tudo é triste,
 vejo coisa que o trabalho
 talvez até lhe conquiste:
 que é mudar-se destes mangues
 daqui do Capibaribe
 para um mocambo melhor
 nos mangues do Beberibe.
 (MELO NETO, 2007, p. 128).

Esse palimpsesto que estamos tentando decodificar, na obra em análise, permite que vejamos algumas letras importantes que aparecem de modo mais nítido em seu transfundo. A ação das duas ciganas se assemelha às de dois personagens bíblicos, presentes no **Evangelho de São Lucas**: Simeão e Ana. Ali, quando Jesus é apresentado no templo, para cumprir as obrigações da lei, o ancião o toma nos braços e diz palavras belas sobre o menino:

Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos *viram tua salvação*, que preparaste *em face de todos os povos, luz para iluminar as nações*, e glória de teu povo, Israel (Lc 2,29-32).

Para Maria, a mãe de Jesus, entretanto, as palavras não são tão doces:

Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição — e a ti, uma espada traspassará tua alma! — para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações (Lc 2,34-35).

Em seguida, aparece a profetisa Ana. Embora o texto não conserve as suas palavras, o evangelista afirma que ela “falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2,38).

Se existem palavras de salvação, existem, também, palavras de dor. O menino crescerá em meio a um povo que lhe será, em muitos aspectos, hostil. A vida de Jesus se configurará como um caminho Severino, a seu modo. Importa frisar que o começo do seu ministério – conforme os quatro evangelistas – ocorrerá após o batismo no rio Jordão.

Quando se retorna ao auto de Natal, nota-se que, nesse momento, os vizinhos e os amigos chegam para bendizer a criança que acabara de nascer. A comunidade se reúne “para celebrar a formosura do menino, como símbolo de resistência coletiva ao império da miséria e da morte” (TORRES, 2012, p. 98):

- De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,
de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.
[...]
- Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo
como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.
[...]
- De sua formosura
deixai-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.
[...]
- E belo porque com o novo
todo o velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.
(MELO NETO, 2007, p. 130).

No auto de Natal pernambucano, essa criança que nasce “traz a marca de ser humano, mas mais do que isso traz a marca de algo positivo vencendo aquele ambiente hostil à vida, [...] Este nascimento é anunciado como esperança em vida nova” (BATISTA, 2012, p. 45). Seu José, mestre carpina, retoma a conversa com Severino e lhe fala que:

[...]
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta

que o espetáculo da vida:
 vê-la desfiar seu fio,
 que também se chama vida,
 ver a fábrica que ela mesma,
 teimosamente, se fabrica,
 vê-la brotar como há pouco
 em nova vida explodida;
 [...]
 (MELO NETO, 2007, p. 132).

Secchin informa que os versos finais do poema transmitem a “afirmação vital que Severino tanto buscara durante sua retirada. A ‘máquina de homem’, mesmo sujeita a múltiplas opressões externas, encontra em si própria a dinâmica e a razão que a fazem prosseguir” (SECCHIN, 1999, p. 116).

Seu José, mestre carpina, mostra a Severino que o nascimento de seu filho trouxe e renovou as esperanças, não só para a sua família, mas para todos que compartilham essa vida severina, pois esse mistério divino, a vida, é sempre um momento de celebração da vida sobre a morte.

3.2 PARA ONDE VAIS? A MORTE COMO CERTEZA SEVERINA

Desde as grandes civilizações primitivas, passando pela Idade Média até a contemporaneidade, o tema da morte, que gera um misto de medo, curiosidade e mistério, sempre teve lugar de destaque nos mais variados círculos da cultura humana. Assim, estudar sobre a morte no campo das humanidades, tais como Literatura, Filosofia, Psicologia, Sociologia e Teologia, dentre outras áreas do saber, amplia os horizontes, criando diálogos entre essas diferentes esferas do conhecimento “com olhos humanos no verdadeiro sentido das palavras, para que, refletido e digerido, o elemento morte seja colocado no seu devido lugar” (MORELLI; SILVA, 2015, p. 120).

A **Bíblia**, esse *corpus* literário que atravessou os séculos com a força e a vivacidade de suas narrativas, forjando o imaginário de várias culturas de origem judaico-cristã, traz reflexões primordiais sobre a vida e a morte, sendo que esses textos contribuíram para o surgimento de pensamentos e teorias que ultrapassam as fronteiras do campo sagrado e do religioso.

A **Bíblia** inicia-se com o tema da vida. Os dois primeiros capítulos narram a criação do ser humano, apresentando as mais belas linhas sobre o começo da vida

humana, e os capítulos seguintes apresentam a morte e o afastamento (do jardim) e depois do mundo conhecido (dilúvio).

Um dos principais pensamentos do filósofo Lúcio Aneu Sêneca (morto em 65 d. C.), em **Sobre a Brevidade da vida**, consiste no seguinte: “Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer” (VII, 4). Essa afirmação coloca, como em um espelho, a valorização da vida. Mais: a compreensão de que viver bem implica considerar a morte. Talvez por isso, Sêneca nos pergunte, no mesmo livro, “qual é, pois, o motivo? Vivestes como se fôsseis viver para sempre, nunca vos ocorreu que sois frágeis, não notais quanto tempo já passou?” (III, 4).

Sem sombra de dúvidas, um dos maiores pensadores que tratou a questão da morte foi o historiador francês Philippe Ariès (1914-1984). Ele foi autor do livro **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos tempos**, em que descreve as condutas diante da morte, desde a Idade Média até os nossos dias. Ariès “analisou documentos (testamentos, iconografias, obras de arte, túmulos, cemitérios, dentre outros) e buscou uma explicação sobre as atitudes do homem ocidental perante a morte” (DALLAZEN, 2019, p. 177).

Na obra em questão, ele descreve quatro representações da morte: **a morte domada, a morte de si mesmo, a morte do outro e a morte interdita**. Na primeira fase da Idade Média, a morte era concebida como familiar, como **domada**, pois o moribundo “sabia que ia morrer e a esperava no próprio leito, tomando todas as providências em relação à cerimônia pública do ritual de sua morte” (ALVES, 2013, p. 17). O homem, nesse período, estava familiarizado com a morte, ela era aceita como algo natural e socializada por todos na coletividade. E, de acordo com Ariès, nesse momento era importante que

parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. E quando se pensa nos cuidados tomados hoje em dia para afastar as crianças das coisas da morte! Enfim, a última conclusão, e a mais importante: a simplicidade com que os ritos da morte eram aceitos e cumpridos, de modo cerimonial evidentemente, mas sem caráter dramático ou gestos de emoções excessivos (ARIÈS, 2017, p. 37).

Na segunda parte da Idade Média, nos séculos XI e XII, as atitudes diante da morte sofrem mudanças “sutis que, pouco a pouco, dão um sentido dramático e

pessoal à familiaridade tradicional do homem com a morte” (ARIÈS, 2017, p. 47). A morte, que era vista como algo natural, um destino coletivo da espécie humana, passa a se individualizar, o homem começa a reconhecer **a morte de si mesmo**, percebem-se mudanças nas representações do juízo final e das sepulturas. Já a partir do século XVIII, o homem da sociedade ocidental procura dar

à morte um sentido novo. Exalta-a, dramatiza-a, deseja-a impressionante e arrebatadora. Mas, ao mesmo tempo, já se ocupa menos de sua própria morte, e, assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo **a morte do outro** – o outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX, o novo culto dos túmulos e dos cemitérios (ARIÈS, 2017, p. 64, grifo do autor, grifo nosso).

A partir da segunda metade do século XIX, a atitude do homem perante a morte se modifica, porém de “forma tão lenta que os contemporâneos não se deram conta. [...] A morte, tão presente no passado, de tão familiar vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 2017, p. 82). **A morte interdita** consiste, grosso modo, na proibição inconsciente de se falar sobre a morte. Há um grande esforço em negá-la. Diferentemente do “anonimato coletivo do início dos tempos medievais e da individualização do ritual da Idade Moderna, a morte contemporânea se tornou reclusa, censurada, omitida” (FERREIRA, 2014, p. 43).

Em grande parte, essa mudança ocorreu devido ao que Ariès denominou **deslocamento do lugar de morte**, ou seja, já não se morre em casa, no seio familiar, mas no hospital. Nos dias atuais, morre-se

longe de casa, desconhecendo sua real condição de enfermo. Morre-se sozinho. De forma higiênica. Não há assembleia em torno do leito, memórias compartilhadas, desejos confessados, pedidos feitos. Não há contemplação na despedida. Não há mãos dadas. Morrer, hoje, é um ritual solitário. E silencioso. Da doença aos serviços funerários, pouco se fala, pouco se ouve, pouco se chora. Não se veste preto, não se vela em casa. Do leito do hospital para a bancada do velório público. Ali, como nos leitos da UTI, um número identifica e diferencia um funeral do outro. A discrição e o comedimento dão o tom da cena – do começo ao fim (FERREIRA, 2014, p. 43).

Na sociedade em que vivemos, as pessoas têm feito a opção pela recusa da morte e pelo seu afastamento, pois o homem contemporâneo não lida bem com a perda, não lida bem com a finitude humana. Porém, estudar a morte é “refletir sobre

a vida. O assunto *morte* é visto como um tabu, na maioria das vezes ocultado e *impronunciado*, mas, cada vez mais, a comunicação é necessária para o seu enfrentamento” (PASA, 2013, p. 14, grifos da autora).

O medo da morte atinge grande parte dos seres humanos, esse temor “tem seu lado positivo na medida em que inspira e é fonte de todas as realizações e batalhas diárias. Muito daquilo que se faz, ainda que inconscientemente, é para transcender a morte” (PASA, 2013, p. 10). Em outras palavras, se o homem pensasse na sua finitude, esse pensamento o levaria a viver uma existência mais plena, pois ao contrário do que parece

pensar a respeito da morte não conduz simplesmente ao desespero, mas à verdade mais essencial de nossa experiência no mundo: que estamos submetidos à temporalidade, ou seja, que somos finitos e, sobretudo, que diante da possibilidade do fim, resta viver com intensidade a vida que nos cabe, aqui e agora. A morte, assim, empurra para a vida, para as coisas que fazem sentido, para aquilo que enriquece e qualifica o tempo que nós temos, para as experiências duradouras e profundas que marcam cada instante (MARTON, 2018, p. 3).

A morte é um assunto comum na poesia de João Cabral de Melo Neto, pois o fascínio “pelo mistério da vida foi para o poeta da mesma intensidade daquele relativo ao mistério da morte” (VASCONCELOS, 2009, p. 262). O autor escreveu sobre o tema da morte “quer individual como em *Agrestes*, quer coletivamente, como na série de cemitérios pernambucanos de *Paisagens com figuras* ou alagoanos e paraibanos de *Quaderna*” (VASCONCELOS, 2009, p. 262, grifos da autora). No que concerne ao poema **Morte e vida severina**, João Cabral trabalha o tema da morte, que aparece

em primeiro plano, como que anterior à vida, mas também suas manifestações encontram-se disseminadas por todo o poema. O retirante Severino é acompanhado em sua trajetória migrante do sertão em direção ao mar. [...] Contudo, a morte o irá acompanhar em todas estas paisagens (TETTAMANZY, 1995, p. 51).

João Cabral escreveu o poema **Morte e vida severina** trabalhando a questão da morte social, mas também na perspectiva de pensar a morte e a vida coexistindo na existência humana, visto que a morte está “intimamente relacionada à vida, pois sabe-se que, sem a vida, não haveria a morte” (SIMAN; RAUCH, 2017, p. 106). Assim, Severino, na sua retirada, atravessa o sertão, o agreste, a Zona da Mata até

o litoral, percorrendo ambientes marcados pela força da morte, mas é pela esperança na vida que ele busca melhorar suas condições.

A partir desse momento, a retirada de Severino desde a Serra da Costela até o Recife será retomada novamente, mas sob outro prisma. A trajetória do personagem principal no poema já foi tema das subseções 2.1, quando fazemos um resumo do poema; na seção 2.2, em que o rio e Severino criam uma interdependência, um precisa do outro para dar continuidade à peregrinação; e, na seção 3.1, em que recontamos o seu deslocamento, procurando evidenciar os aspectos positivos da vida severina. Nessa subseção, procuramos recontar a história da caminhada de Severino, mas evidenciando a condição da morte que o acompanha durante grande parte do poema.

A narrativa do poema **Morte e vida severina** foi desenvolvida através de monólogos. No primeiro monólogo, Severino, na sua autoapresentação, fala sobre a morte, mas, “ao versar sobre a morte, da vida é que está falando, ainda que seja daquela ‘vida que é menos / vivida que defendida’, a vida severina” (ATHAYDE, 2000, p. 59). O personagem fala da condição que os iguala como **Severinos**, pois são **Severinos** “todos os retirantes que a seca escorraça do sertão e que o latifúndio escorraça da terra” (NUNES, 1971, p. 82).

É para fugir da **morte severina** tão comum no sertão nordestino que Severino começa a sua caminhada rumo à capital. No segundo monólogo, já nos primeiros passos da sua emigração, Severino tem o seu primeiro encontro com a morte, quando vê dois homens carregando um corpo envolvido numa rede, e começam uma conversa. O diálogo entre Severino e os **irmãos das almas** introduz o tema da “luta desigual pela terra, na qual se sabe que a violência do mais forte não será punida – uma vez que naquele lugar, ela é a própria lei” (SHIGUEHARA, 2010, p. 74):

- A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
[...]
- A um defunto de nada,
irmão das almas,
[...]
- E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?

- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
[...]
- Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 93).

O trecho acima mostra como a disputa por um pedaço de chão é frequente na vida dos **Severinos**; como é comum a morte dos menos favorecidos e a impunidade por parte dos grandes proprietários de terras. A **morte matada**, nesse caso, é “obra dos que têm a ganância do poder político-econômico, dos que, ao sentirem-se ameaçados em seus interesses, não hesitam em soltar as ‘filhas-bala’” (SILVA, 2007, p.118).

A morte apresentada pelos **irmãos das almas** reduz o homem carregado a um **defunto de nada**. E, no diálogo alternado entre Severino e os **irmãos das almas**, é gradativamente revelado que:

o que é próprio da vida severina é a morte, que essa é a morada para onde cada um, gastando suas horas, viaja. E, desse modo, a morte apresenta-se como uma castração que impede o ser humano de continuar construindo sua identidade. Ele não poderá mais acrescentar nada ao seu ser, restando-lhe apenas um indício negativo do que ele foi em vida: “é Severino Lavrador, mas já não lavra” (SILVA, 2007, p. 118).

No terceiro monólogo, Severino se depara com a morte provisória do rio Capibaribe, este interrompeu seu curso em função do verão e secou. Severino se sente desorientado, não conseguindo definir qual caminho seguir, pois contava com o rio como seu guia nessa retirada e não encontra pessoas que possam ajudá-lo. Ele vai precisar tomar a decisão por si mesmo, mas ouve ao longe o som de uma cantoria e acaba se decidindo por esse caminho.

O quarto monólogo se inicia quando Severino, seguindo a cantoria, chega à casa de um homem falecido cujo nome é Severino. As pessoas do lugar, durante o velório, cantam excelências para o finado, enquanto isso, do lado de fora da casa, outro homem vai parodiando as excelências. Novamente Severino se encontra com a morte, porém como espectador e ouvinte da cerimônia fúnebre:

- *Finado Severino,*

*quando passares em Jordão
e os demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
- Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.
- Finado Severino,
etc...
- Dize que levas somente
coisas de não:
fome, sede, privação.
- Finado Severino,
etc...
- Dize que coisas de não,
ocas, leves:
como o caixão, que ainda deves.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 99, grifos do autor).*

As excelências são orações populares, cantadas, que têm como intenção encomendar a alma do morto, o qual “deveria levar consigo alguns símbolos religiosos para exorcizar os demônios que surgissem e para garantir o cuidado divino no outro lado da vida” (SILVA, 2007, p. 120). Portanto, os ritos fúnebres servem como “um filtro para poder enxergar a morte. O ritual da excelência faz parte da cosmovisão da religiosidade popular” (FLORÊNCIO, 2016, p. 28).

As excelências nesse sentido estão ligadas a uma dimensão religiosa, principalmente dentro da “concepção do catolicismo popular a qual [...] a morte carrega uma dimensão simbólica, não existe apenas como fim, mas como transição, como passagem” (FLORÊNCIO, 2016, p. 22). A fé cristã está “relacionada com a concepção da morte como redenção. A morte como passagem definitiva, passagem para a vida eterna” (FLORÊNCIO, 2016, p. 22). No livro intitulado **A morte como instante de vida**, a autora Scarlett Marton explica que foi o cristianismo que introduziu entre nós

a noção de sacralidade da vida; foi então que passamos a concebê-la como um dom de Deus a ser preservado. Pondo-se no lugar da filosofia, a religião aparece agora como aquilo que traz reconforto e consolo. Os Evangelhos contam que, numa manhã de domingo, as mulheres se dirigiram ao sepulcro levando bálsamos e ataduras, com o intuito de mumificar o cadáver que lá jazia. Mas, ao chegarem, já não encontraram o corpo do morto. Jesus havia ressuscitado; era o domingo de Páscoa. Ao Promover o sepulcro vazio, o cristianismo faz da ressurreição de Cristo uma de suas celebrações mais importantes; ao exaltar a tumba sem cadáver, ele vem celebrar a vida. E assim transforma radicalmente a maneira de se perceber a morte. Tanto é que prega que se deixe os mortos enterrar os mortos, que se esqueça a morte e se viva a vida. Pois, o que se chama de morte nada mais é do que uma passagem para se alcançar a verdadeira vida (MARTON, 2018, p. 12).

Cumpra notar que o relato da ressurreição de Lázaro, no **Evangelho de João**, apresenta proximidades com esse fragmento severino. Ali, Jesus não está presente quando seu amigo morre, mas, ao chegar, as irmãs do morto (Marta e Maria) vão ao seu encontro proferindo palavras semelhantes para discutir a dor da morte que se abateu sobre elas: "Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido" (11,21), diz Marta. Em seguida, será a vez de Maria afirmar a mesma coisa (11,32). O cenário se completa com a presença dos judeus e dos discípulos, bem como de outras pessoas no local. Em **Lucas** 7,12, há um relato com as mesmas características: "Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único de mãe viúva; e grande multidão da cidade estava com ela". Entretanto, é em **Marcos** que parece ter um episódio muito sugestivo que indicaria uma proximidade ainda maior: "Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e Ele (Jesus) viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. Entrando, disse: 'Por que este alvoroço e este pranto?'" (5,38-39).

Sendo assim, as excelências são cantadas como intenção de auxiliar na redenção do **Finado Severino** na sua passagem para a vida eterna, sendo parodiadas do lado de fora da casa por um homem, onde este destaca

que o morto só tem "coisas de não:/ fome, sede, privação". O caráter místico-religioso é desvirtuado por um jogo-desafio que insere a denúncia do crime e da violência no campo negando ao canto seu caráter redentor. Nota-se, inclusive, que a paródia feita a uma voz em contracanto com o coro que enuncia as "excelências" consegue se sobrepor a ponto de silenciar e interromper definitivamente o curso natural do rito (OLIVEIRA, 2012, p. 52).

Severino, no quinto monólogo se sente abatido e pensa em não seguir a "viagem à capital de Pernambuco, pois durante sua trajetória não há nada que possa motivá-lo a continuar nessa jornada, pois o personagem só a morte tem visto frequente, e o que não foi morte era de vida sofrida" (LIMA, 2014, p. 119). Contudo, Severino precisa arranjar trabalho caso decida fazer paragem no lugar onde se encontra.

O sexto monólogo se inicia com Severino caminhando em direção a uma mulher que está recostada na janela de sua casa. Severino se aproxima dela e lhe dirige a palavra, nesse diálogo com a mulher o fio de "sua conversa não se embaraça, e ele tece precisamente a malha de sua intriga: tem fome de pão e sede

de trabalho. A resposta imediata da mulher é positiva: há emprego” (SILVA, 2007, p. 122). Mais uma vez, Severino irá se deparar com a morte, mas “diversamente [...] ela não é vista, mas apenas referida” (SECCHIN, 1999, p. 109):

- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
[...]
- Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
[...]
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 101).

O diálogo entre a mulher da janela com Severino é um dos “momentos fundamentais no embate dos dois termos que definem a condição severina. O homem se propõe uma produção de vida, enquanto a produtividade da rezadeira se materializa apenas com a morte” (SECCHIN, 1999, p. 109). Severino chega com esperança de conseguir um emprego, pois ali queria fazer parada como o rio Capibaribe, mas constata que todas as experiências de trabalho que possui não são suficientes para arrumar um emprego, visto que, naquele lugar, o único trabalho disponível é viver da morte. Só a morte “é produtiva. E, nesse caso, apenas à custa do sacrifício da vida” (SILVA, 2007, p. 123).

Severino, no sétimo monólogo, mesmo cansado de presenciar tantas mortes, segue seu caminho e, ao chegar à Zona da Mata, deslumbra-se com a beleza do lugar, uma vez que a água em abundância e o verde das plantas renovam suas esperanças. Severino pensa em fazer parada e recomeçar sua vida no lugar. Porém, estranha a falta de pessoas e acredita que elas estejam descansando, mas avista ao longe um cemitério.

Novamente a morte se faz presente no caminho de Severino pela Zona da Mata, sendo espectador do desenvolvimento do oitavo monólogo, quando assistirá ao enterro de um trabalhador de oito e ouvirá, no ritual fúnebre, as palavras dos amigos do morto. Destaca-se, aqui, a “relação da terra com a vida e morte do

lavrador que está sendo enterrado: a terra que ele terá agora na morte é a terra que não pode ter em vida” (BATISTA, 2012, p. 68). E os amigos, ao falarem sobre o defunto durante o enterro, denunciarão a “desigualdade social, o extremo das injustiças sociais, o coronelismo, as grandes oligarquias e a posse desonesta da terra” (TORRES, 2012, p. 70). Como se vê nos versos abaixo:

[...]
 - Agora trabalharás
 só para ti, não a meias,
 como antes em terra alheia.
 [...]
 - Trabalhando nessa terra,
 tu sozinho tudo empreitas:
 serás semente, adubo, colheita.
 [...]
 - Não levas semente na mão:
 és agora o próprio grão.
 [...]
 - Na mão direita um rosário,
 milho negro e ressecado.
 - Na mão direita somente
 o rosário, seca semente.
 [...]
 (MELO NETO, 2007, p. 109).

Esse é o terceiro funeral que se insere na caminhada de Severino. Desde o sertão até a Zona da Mata, a morte dos **Severinos** se faz presente na sua retirada. Quando assiste ao enterro do trabalhador de eito, Severino se defronta com a situação de abuso no trabalho, tão comum no lugar. As palavras amargas dos amigos na hora do sepultamento mostram a realidade da “exploração e do latifúndio em integração plena, libertadora (‘trabalharás só para ti’), na qual o trabalhador morto, que não possuía terra, passa enfim a ser senhor do seu próprio trabalho” (SHIGUEHARA, 2010, p. 81).

O morto, que em vida semeava a terra para o seu empregador, agora terá seu próprio corpo como a semente depositada na terra: **és agora o próprio grão**. Com a morte, o corpo se converte em **semente, adubo e colheita**, e, em contato com a terra, “perversamente negada em vida, o corpo do nordestino encontra abrigo, roupa, alimento, descanso” (TETTAMANZY, 1995, p. 61). Tal relato recorda **João** 12,24: “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto”.

Já o rosário colocado na mão direita do defunto é um objeto “sagrado da religião católica, tradicionalmente colocado nas mãos petrificadas do morto para representar um gesto de súplica” (BRAGA, 2002, p. 85). As mãos do falecido trazem o terço feito de contas de grãos de milho, já negros, ou seja, são sementes mortas. Nesse caso, o “rosário de grãos secos e negros corresponde à mão improdutiva do lavrador” (BRAGA, 2002, p. 87).

Mircea Eliade foi um filósofo romeno, escritor, professor, historiador e cientista das religiões. Autor do livro **O Sagrado e o Profano**: essência das religiões, Eliade utiliza a palavra hierofania, que revela “apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela” (ELIADE, 1992, p. 13). Então, para Eliade, a história das religiões:

- desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofonia suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo [...]” (ELIADE, 1992, p. 13).

Para aqueles que seguem a doutrina do cristianismo católico em sua vida, o rosário na mão direita do defunto significa a “manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’” (ELIADE, 1992, p. 13). Ou seja, para os que “têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofonia” (ELIADE, 1992, p. 13).

Nesse ínterim, não se pode deixar de relatar a importância do compositor e cantor Chico Buarque de Hollanda, que transformou os versos das seis primeiras estrofes do oitavo monólogo do poema **Morte e vida severina** na canção intitulada **Funeral de um lavrador**, fato que popularizou o poema no Brasil depois da estreia da peça organizada pelo grupo de teatro TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) em 1965. Chico Buarque musicou os versos do poema de João Cabral de “forma inusitada: buscando estabelecer um diálogo com a poética do escritor na criação do poema e, ao mesmo tempo, dialogar com a proposta da montagem do espetáculo” (ALFELD, 2016, p. 35). Em entrevista concedida para O Globo, Rio de Janeiro, em 27 de outubro de 1973, João Cabral de Melo Neto relata que:

[...] Em 1966, o TUCA vai ao festival de teatro de Nancy. Eu estava em Berna e resolvi ir até Nancy. Confesso que foi um deslumbramento. Até hoje, creio que noventa por cento do êxito daquele espetáculo foi feito pela música. Eu tive medo, a princípio, porque conhecia algumas experiências de se pôr música em verso de poeta brasileiro. Em geral, o compositor põe a música que ele quer, e usa o verso de uma maneira inteiramente arbitrária. Parte o verso onde ele quer, emenda dois, três versos. Manipula o texto como ele quer. Mas, a coisa extraordinária que eu encontrei na música do Chico, baseada nos versos de *Morte e vida severina*, foi um respeito integral pelo verso em si. A música segue cada verso, no ritmo total. A música segue cada ritmo, crescente ou não, de cada parte do poema. Eu tenho a impressão de que é o único caso que conheço de uma música que saiu diretamente do poema, e não uma coisa sobreposta ao poema. Se a música é boa, não deve nada a colaboração minha ou conselho meu. Ele pegou o texto, respeitou o texto e, com o talento extraordinário dele, fez uma música que eu considero inteiramente apropriada ao texto (ATHAYDE, 1998, p. 107, grifo do autor).

No nono monólogo, Severino continua a sua caminhada e quer chegar sem demora ao Recife. Pensa nos motivos que o levaram a se retirar do sertão e reflete que poucas coisas mudaram realmente em relação à vida que levava, apenas as paisagens por onde passou. À medida em que Severino se aproxima do seu destino, “as esperanças vão de tal modo emudecendo, que a desilusão chega a um estágio em que o símbolo de sua esperança vai se metamorfoseando em lugar de ameaça de morte” (SILVA, 2007, p. 126). O fim da ladainha, o fim do rosário são símbolos “do sacrifício imposto à retirada, refere-se ao percurso que atravessa todo o Estado, obedecendo o leito do rio, o trajeto natural” (BRAGA, 2002, p. 91):

[...]
 Sim, o melhor é apressar
 o fim desta ladainha,
 fim do rosário de nomes
 que a linha do rio enfia;
 é chegar logo ao Recife,
 derradeira ave-maria
 do rosário, derradeira
 invocação da ladainha,
 [...]
 (MELO NETO, 2007, p. 113).

No décimo monólogo, o protagonista chega enfim ao Recife. Cansado da viagem Severino senta-se e descansa encostado no muro de um cemitério e, sem ser notado, escuta a conversar entre dois coveiros. Eles falam das dificuldades que enfrentam no trabalho e das diferenças que existem entre os cemitérios. Importante ressaltar que o tom utilizado pelos coveiros é “o do relativo distanciamento de quem

lida com a morte cotidianamente, por ofício (tal como a mulher na janela)” (SHIGUEHARA, 2010, p. 86).

O cemitério, geralmente, é um lugar “simbólico: em seu silêncio, profetiza a morte como finitude, como irremediável destino de todo ser humano; evoca o mistério do além da morte, evoca perspectivas do sagrado” (SILVA, 2007, p. 126). Nesse sentido, o diálogo dos coveiros vai revelando:

ironicamente, o destino comum de todos os humanos. Contudo, os diferentes tipos de cemitérios e os diferentes locais de sepultamento em cada cemitério reproduzem as diferenças entre as classes sociais. Os ricos – os políticos, os usineiros, os banqueiros e os empresários – são sepultados nas “avenidas do centro”, onde o movimento é como o “porto do mar”. Os funcionários, os profissionais liberais e os operários são sepultados em “urbanizações discretas, com seus quarteirões apertados”. “Os pobres vários” são enterrados no “subúrbio dos indigentes” aonde chegam sempre em “comboio e onde não para o vaivém” (SILVA, 2007, p. 126).

Na realidade, a conversa entre os coveiros mostra muito bem a estratificação social entre ricos e pobres, pois, até na hora da morte, existe a divisão “dos ‘bairros’ dos defuntos, aos serem enterrados: o destino físico de onde enterrá-los depende da classe e profissão que tiveram em vida. A morte não os iguala, [...] mantêm-se as diferenças sociais que lhes marcaram a vida” (BATISTA, 2012, p. 73):

[...]
 - Eu também, antigamente,
 fui do subúrbio dos indigentes,
 e uma coisa notei
 que jamais entenderei:
 essa gente do Sertão
 que desce para o litoral, sem razão,
 fica vivendo no meio da lama,
 comendo os siris que apanha;
 pois bem: quando sua morte chega,
 temos de enterrá-los em terra seca.
 - Na verdade, seria mais rápido
 e também muito mais barato
 que os sacudissem de qualquer ponte
 dentro do rio e da morte.
 - O rio daria a mortalha
 e até um macio caixão de água;
 e também o acompanhamento
 que levaria com passo lento
 o defunto ao enterro final
 a ser feito no mar de sal.
 [...]
 - E esse povo lá de riba
 de Pernambuco, da Paraíba,
 [...]

- Não é viagem o que fazem,
 [...] vêm é seguindo seu próprio enterro.
 (MELO NETO, 2007, p. 118).

Como a morte é tanta no **subúrbio dos indigentes**, os coveiros não conseguem entender por que o retirante que sai lá do sertão vem para capital para buscar uma condição de vida melhor, e “não tendo onde viver e em que trabalhar, acaba indo morar na lama do mangue” (SHIGUEHARA, 2010, p. 87). Quando a morte chega, precisam **enterrá-lo em terra seca**.

Diante disso, os coveiros sugerem a possibilidade de uma morte rápida e barata para **esse povo lá de riba**, que, segundo eles, poderiam se jogar da ponte direto no rio, onde teriam um **macio caixão de água**. Severino ouve todo o diálogo entre os dois coveiros e reflete que, na realidade, a sua emigração foi inútil. Nesse momento, ele constata que “entre tantos enterros que presenciou, sua trajetória até o Recife nada mais era do que seu próprio funeral, ao qual, por ironia, Severino teria chegado adiantado” (TETTAMANZY, 1995, p. 59).

No décimo primeiro monólogo, Severino parece disposto a colocar em prática a sugestão dos coveiros e se aproxima de um cais do rio Capibaribe, e seu discurso que vinha “caracterizado por uma afirmação de vida, corroída sistematicamente por todos os encontros que efetuara desde o sertão. Agora, passa a sustentar um discurso de renúncia” (SECCHIN, 1999, p. 113). Severino sente-se abatido e condenado à morte profetizada pelos coveiros. Ele é a imagem do “homem diante da morte, do homem solitário. Abandonado [...] está ciente de seu destino trágico. Sua morte está predita: é um homem morto, mas um morto ainda com vida” (SILVA, 2007, p. 127).

Severino observa o rio Capibaribe e reconhece que chegou ao destino pelo qual havia fugido desde a Serra da Costela: o momento da sua **morte severina**. Chega à conclusão de que não adianta mais tentar estender a vida, pois de acordo com os coveiros o final é igual para todos os retirantes. O tom de desistência “já domina quase totalmente a sua fala, e a decisão do suicídio se explicita na forma do desejo de dissolução nas águas do Capibaribe” (SHIGUEHARA, 2010, p. 87).

No último monólogo, da fase dramática do poema **Morte e vida severina**, Severino está em frente a um cais do Capibaribe, observando o rio, e se aproxima dele um senhor, morador do mangue, e eles começam uma conversa. Severino, sem

forças e entregue ao desânimo, não consegue defender mais a vida, como havia feito durante toda sua retirada, mesmo com toda a morte que o acompanhou. Dessa forma, agora ele se entrega ao desespero e, no diálogo com o Seu José, mestre carpina, vai colocando toda a sua descrença na vida, em sua fala:

[...]
 - Seu José, mestre carpina,
 e quando é fundo o perau?
 quando a força que morreu
 nem tem onde se enterrar,
 por que ao puxão das águas
 não é melhor se entregar?
 - Severino, retirante,
 o mar de nossa conversa
 precisa ser combatido,
 sempre, de qualquer maneira,
 porque senão ele alaga
 e devasta a terra inteira.
 [...]
 - Seu José, mestre carpina,
 que diferença faria
 se em vez de continuar
 tomasse a melhor saída:
 a de saltar, numa noite,
 fora da ponte e da vida?
 (MELO NETO, 2007, p. 122).

A morte se faz presente na vida de Severino, pois a descrença total o abate e o impulsiona a **saltar numa noite, fora da ponte e da vida**. Todavia, Seu José, durante o diálogo com Severino, rebate as suas justificativas de desesperança, mostrando que a vida vale a pena ser vivida, mesmo que severina. As palavras do mestre carpina não conseguem demover Severino do seu intento, somente com o nascimento da criança no poema, quando se inaugura o auto de Natal pernambucano, Severino poderá modificar sua decisão. Severino, então, representa:

uma coletividade; ao mesmo tempo, porém, sua vida adquire singularidade pelo simples fato de ter sobrevivido. Em meio a tantas hostilidades, sua morte jamais seria banal: sua vida não o é. Sobreviver a tiro, fome, emboscada, privação ou cansaço não é sinal de fraqueza; pelo contrário, expressa a vitalidade potencialmente explosiva que se esconde numa superfície gretada, exaurida (TETTAMANZY, 1995, p. 59).

É sabido que o tema da morte no poema **Morte e vida severina** precede a vida. Severino, ao longo dos 12 monólogos iniciais, apresenta-se como um homem

que reconhece a **morte severina** e sabe que um dia ela chegará, ou seja, no momento em que o homem

se dá conta de sua morte, de sua finitude, ele percebe o seu limite mais real, ele percebe que, um dia, tudo acaba. Ao mesmo tempo em que é uma constatação carregada de angústia, diante do desconhecido, também é oportunidade de muito crescimento, de envolvimento com o que se dá, com o que a vida oferece, e nesse sentido cada um pode fazer o melhor de si, simplesmente pela consciência de finitude (SIMAN; RAUCH, 2017, p. 119).

Severino reconhece sua finitude quando fala da morte comum a todos os **Severinos**. Ter consciência sobre a morte acaba criando propósitos para viver uma existência plena, mesmo diante das dificuldades que todas as vidas apresentam. Ao aceitar a finitude, a morte aparece “como um ato de encerramento de uma vida, que pode ser vivida em suas infinitas facetas, tendo o homem a possibilidade de crescer, mudar, aprimorar [...] transcender o seu viver na busca daquilo que falta” (SIMAN; RAUCH, 2017, p. 119).

Mesmo vivendo uma vida de privações (em todos os sentidos), Severino demonstrou, com suas atitudes no decorrer do poema, ter consciência da necessidade de pensar a morte. Disso depreendemos que “somente encarando-a com lucidez é que o ser humano torna-se capaz de viver em plenitude sua existência” (SIMAN; RAUCH, 2017, p. 120). Severino pondera sobre a proximidade da morte, no entanto esse pensamento o impulsiona para a vida.

Como um representante autêntico do povo nordestino, tem sua crença na fé cristã manifestada quando menciona o seu nome de batismo: o nome Severino, comum a diversos homens que o receberam em homenagem a um santo de romaria, as ladainhas das vilas por onde iria passar e a reza do rosário até a capital. Nesse sentido, para os cristãos, a morte é vista como uma passagem, uma vida divina junto de Deus, pois o cristianismo “baseia-se na crença de que todo o ser humano é eterno, a exemplo de Cristo, que ressuscitou após sua morte” (ALVES, 2013, p. 27). Esse tema da ressurreição foi citado anteriormente, quando mencionamos os Evangelhos de **João**, **Lucas** e **Marcos**. O resultado é a vida de alegria para todas as três pessoas envolvidas no aspecto sombrio da morte: Lázaro, o filho único de uma mãe viúva e a filha de Jairo, chefe da sinagoga.

A morte é certa para todos, pois o ser humano não é imortal. A partir do momento em que nasce, a possibilidade da morte “ronda a sua existência, não se

tem controle do tempo, do como e quando este encontro inevitável acontecerá” (SIMAN; RAUCH, 2017, p. 107). Contudo, o reconhecimento da finitude deveria fazer com que o ser humano vivesse uma vida plena, agradecido pelo dom da vida que lhe foi concedido e que fizesse um bom uso dessa oportunidade que é viver, pois a morte é presença certa em nossa existência.

4 TEXTOS QUE NASCEM DE TEXTOS: VIDA E MORTE COMO ESCRITURA

Esta seção pretende aproximar o poema **Morte e vida severina** de um conto mineiro escrito por João Guimarães Rosa, intitulado **A terceira margem do rio**. Tal aproximação se justifica por aspectos internos e externos ao texto. Sobre os aspectos internos, a dissertação desta seção os mostrará de modo mais detido. No que tange aos externos, busca-se dialogar com a linha de pesquisa do Programa de Mestrado em Letras que privilegia a literatura das Minas Gerais.

4.1. A VIDA PARA ALÉM DOS RIOS

O poema **Morte e vida severina** é uma daquelas obras que não se voltam para si mesmas, mas apresentam uma gama de possibilidades e aberturas para que se possa entender o ser humano e o mundo e o espaço em que esse ser humano habita.

Os temas da vida e da morte perpassam o poema através do personagem Severino, que é um símbolo da dura realidade da vida dos homens e das mulheres habitantes do sertão pernambucano. Ali sobrevivem com o pouco que têm, e, nas épocas de extrema seca, muitos migram em direção à capital para não morrerem de fome e de sede. Nessa jornada de Severino, o rio Capibaribe foi o seu guia e fio condutor da sua história em busca de melhores condições de sobrevivência.

Quando trazemos para o diálogo o conto de João Guimarães Rosa, citado acima, buscamos não apenas fazer uma comparação de conteúdos, mas entender as dimensões de vida e morte que perpassam os dois textos literários. Muito mais que comparar, queremos aproximar, a fim de que os conceitos que orientam esta dissertação possam ser melhor elucidados com esta fase da pesquisa.

4.1.1 O rio e as existências

O conto **A terceira margem do rio**, também tem o rio como cenário da sua história e faz parte do livro de contos intitulado **Primeiras estórias** (1962). Desde o seu título, o autor consegue “causar, no leitor, uma das características mais valiosas do gênero conto: o chamado *sequestro momentâneo*. O leitor fica, assim, preso ao

que poderia ser aquela terceira margem [...]” (ANDRADE; CARDOSO, 2015, p. 30, grifos do autor).

João Guimarães Rosa, mineiro, nasceu em Cordisburgo, no dia 27 de junho de 1908 e faleceu em 19 de novembro de 1967. O autor também foi médico, diplomata, romancista, contista e considerado um dos maiores escritores brasileiros:

[...] um exímio divisor de águas na literatura brasileira, com uma linguagem nada tradicional. Sua produção, em sua maior parte, conduz para o universo da fantasia, do mundo mágico, mítico e estético, plena de reflexões, anedotas, simbolismos, neologismos e tantas outras realizações linguísticas [...] (SILVA; ALMEIDA; MIRANDA, 2017, p. 19).

O conto narra a história de uma família formada por pai, mãe, e três filhos (dois meninos e uma menina) e possui um enredo relativamente simples. **A terceira margem do rio** é o conto mais

famoso, talvez aquele de maior intensidade, mas sem dúvida alguma o mais crítico de *Primeiras estórias*. A partir desse conto é possível delinear várias interpretações, e é nele que há mais forte estranhamento entre o desenrolar da estória e a percepção da existência de algo mais, de fundamental por entre ou mais além das linhas. Este fugir do sentido profundo do texto é a condenação dos leitores, mas é também o único ensinamento que se pode colher, deixando-nos presos àquela única realidade, incluída entre as duas margens: o fato de estarmos conscientes da presença de algo que ainda temos que procurar para poder compreender e nos entender (PAPETTE, 2009, p. 328, grifo do autor).

A narração do conto é realizada em primeira pessoa, por um dos filhos, que é ao mesmo tempo narrador e personagem. Ele descreve todos os acontecimentos, desde a personalidade do pai, sua atitude de encomendar a canoa e entrar no rio e todas as consequências dessa ação.

O que pretendemos aqui é aproximar o conto **A terceira margem do rio** do poema **Morte e vida severina**, não apenas com o intuito de comparar as duas obras literárias. O que se pretende é demonstrar como o ser humano lida com as questões da sua existência, principalmente em relação aos temas da vida e da morte que estão presentes nas duas narrativas.

O conto se inicia com o filho apresentando as características da personalidade do pai: “Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; [...] ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só

quieto.” (ROSA, 2019, p. 37). Temos aqui a descrição de um homem simples, íntegro, tranquilo e de poucas palavras.

Já a mãe é mencionada como sendo a responsável pela família, nas palavras do filho: “Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu” (ROSA, 2019, p. 37). Uma mulher com uma personalidade forte e que cuidava de todos. Já o marido parecia alheio às questões familiares, deixando a cargo da esposa essa função de comando.

Até então uma família com características comuns à de outras famílias: pai, mãe e os três filhos com suas funções, cuidados e obrigações. No entanto, tudo muda quando o pai resolve, sem uma razão aparente, mandar fazer uma canoa para si. Ele encomenda uma canoa de “pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos” (ROSA, 2019, p. 37). A mãe não gosta da ideia, e o pai nada fala.

A casa onde moravam ficava perto de um rio que se estendia “grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2019, p. 37). Chega o dia em que a canoa fica pronta, e o pai decide partir, ele nem disse “outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação” (ROSA, 2019, p. 37). O pai deu um breve adeus à família, abençoou o filho narrador, entrou na canoa e foi remando rio adentro e não voltou mais, ele “não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais” (ROSA, 2019, p. 38).

As pessoas do lugar estranharam a decisão tomada pelo pai, tentavam entender o motivo para tal atitude e especulavam se poderia ser loucura, pagamento de promessa ou uma doença contagiosa que o fizera partir para proteger a família. Os filhos também recebiam notícias vindas de sujeitos que passavam ou que moravam perto do rio, e estes comentavam que: “nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, de forma como cursava no rio, solto solitariamente” (ROSA, 2019, p. 38).

O filho, preocupado com a sobrevivência do pai sozinho e faminto dentro da canoa e do rio, começa a levar sobras de comida que pegava escondido na casa como: “rapadura, broa de pão, cacho de bananas [...] Mostrei o de comer, depusitei

num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora” (ROSA, 2019, p. 38). Ele descobriu mais tarde que a mãe deixava de propósito restos de alimentos prontos, para que levasse para o pai.

A vida precisava seguir, a mãe solicitou ajuda de um tio para administrar a fazenda e de um professor para ensinar os meninos. Chamou um padre, depois dois soldados e por fim homens do jornal, pedindo que intercedessem para que o marido desistisse de tal decisão, mas “tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala” (ROSA, 2019, p. 39).

A família precisou se acostumar com aquela situação, mas o filho não conseguia, ele se preocupava com o pai solitário na canoa, dentro do rio, sabia que ele “não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim” (ROSA, 2019, p. 39). Consumia o filho imaginar como o pai fazia para viver dentro do rio, debaixo de chuva e de sol, no calor e no frio, na escuridão, na cheia do rio, com a pouca comida que pegava e sem roupas, mesmo o filho deixando disponíveis algumas peças.

O filho se questionava se o pai não ficava doente. Todavia, o que mais o incomodava era que a mãe e o irmãos já não falavam do pai “só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos” (ROSA, 2019, p. 39). Os anos se passaram, a irmã se casou, mas sem festa, e muitos conhecidos achavam que o filho narrador estava ficando parecido com o pai.

Esse mesmo filho começou a questionar a indiferença do pai, se este não tinha mais amor pela família, se havia esquecido deles. Se perguntava “por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse” (ROSA, 2019, p. 40). A irmã teve um filho e queria mostrar para o pai o neto, para isso escolheram um dia ensolarado e toda a família foi para a beira do rio chamar o pai para que avistasse a criança, mas de nada adiantou, e todos derramaram lágrimas.

Os anos foram passando, e as mudanças foram ocorrendo. A irmã se mudou para longe com o marido e o filho, o outro irmão resolveu morar na cidade, e a mãe

acabou indo morar com a filha, pois já estava ficando idosa. Todos prosseguiram com suas vidas, menos o filho que narra essa história, ele permanecia ali para cuidar do pai e não “podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito” (ROSA, 2019, p. 40).

Em vista disso, o filho deixa de viver a própria vida, aguardando o navegar interminável do pai dentro do rio, não percebendo que já se encontrava na velhice, mas, ainda assim, afligia-se com tudo que poderia acontecer com o pai, não tinha tranquilidade.

Certo dia teve a ideia de chamar o pai repetidas vezes com o lenço na mão e teve um vislumbre do seu vulto, e se ofereceu para tomar o lugar do pai na canoa. Viu que o pai o escutou e que estava remando ao seu encontro. O filho sentiu um grande medo e fugiu. Depois se lamentou da atitude que teve, pois ninguém mais deu notícias do pai, e sentiu um enorme arrependimento.

O filho durante todo o conto se refere ao pai com o pronome possessivo nosso – **nosso pai** – que “desperta uma dialogia que clama por uma inversão: *pai nosso*” (ANDRADE; CARDOSO, 2015, p. 32, grifo dos autores). A ideia do termo “pai nosso” é mantido no conto por

outros elementos que criam uma unidade de sentido particular. Esse pai assemelha-se ao Pai da Bíblia por figurar entre dois mundos e por lhe ser dado o poder de modificar a vida de todos, ainda que pareça não estar presente. Também se assemelha a um deus que carece de oferendas, como se a roupa e a comida depositadas pelo filho fossem obrigações com o divino [...] A própria ação do filho, narrador-personagem, contribui para que haja tal associação, já que se assemelha a um discípulo com a missão de disseminar a história do Pai (ANDRADE; CARDOSO, 2015, p. 32).

Percebe-se no conto uma tríade entre o pai, o filho e o rio, pois os três estão ligados de alguma forma a essa terceira margem. Quando se faz a imediata alusão da expressão **nosso pai** à oração do Pai-nosso - presente no Evangelho de Mateus 6, 9-13 -, também associamos à Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

No poema **Morte e vida severina** (auto de Natal pernambucano), não há uma tríade, mas a narrativa evoca todas as características do nascimento do menino Jesus. No poema, o nascimento do filho do Seu José é anunciado por uma moradora, os vizinhos e os amigos fazem louvores por sua vinda, o recém-nascido recebe presentes singelos dos moradores do lugar, duas ciganas fazem previsões

para o futuro da criança. São essas narrativas do poema que remetem ao nascimento do filho de Deus-Pai.

4.1.2 Dois homens, duas jornadas

A narrativa **A terceira margem do rio**, aproxima-se do poema **Morte e vida severina** quando o personagem Severino ao fazer a sua autoapresentação não consegue se individualizar, sendo um Severino como tantos outros que existem no sertão nordestino, sua condição é coletiva e, por isso mesmo, sua narrativa também se torna universal, ao retratar a história de tantos nordestinos que saíram de suas terras, em função da seca, para tentar uma vida mais digna, sendo que muitos, ao lerem o poema, identificam-se com a sua história.

Já no conto **A terceira margem do rio**, os personagens são conhecidos somente como: pai, mãe, filhos, filha, vizinhos, parentes, conhecidos, padre, soldados, homens do jornal. Eles não possuem nomes próprios em todo o conto, não há “espaço para a individualidade: a esteira da canoa é um rastro a seguir, assim como a terceira margem é de igual forma a busca de uma identidade ainda desconhecida” (PAPETTE, 2009, p. 328). Ao mesmo tempo, no entanto, por não serem descritos com nomes próprios, os personagens da narrativa se tornam universais, pois configuram um cenário que poderia ser o mesmo em qualquer outro lugar do mundo, a que o leitor possa se reportar.

Nas obras de Guimarães Rosa, o rio “simboliza a complexidade da alma humana, ou seja, a essência do ser humano” (PIMENTEL, 2014, p. 38). O rio é o elemento participante tanto do conto **A terceira margem do rio**, como do poema **Morte e vida severina**. Existe uma relação entre os personagens de ambas as narrativas e o rio.

No conto, o rio é envolto em mistério, pois o pai adentra nele para buscar o sentido da sua vida, e se mantém lá. Fora dele está o filho aguardando o pai, pensando no rio com sentido de morte. Já o personagem Severino não permanece no rio. Para ele, o rio é vida, segue o seu curso e vai se deslocando, fluindo, seguindo o seu caminho. Eis algo tão comum a tantos retirantes, isto é, tentar melhores condições de sobrevivência na capital.

No caso do texto de Rosa, o rio pode ser considerado uma metáfora da vida, da morte e do passar do tempo. Ele é o cenário onde se desenvolve o conto, é dentro dele ou nos seus limites que a dinâmica da história dos personagens acontece: o pai, no início - quando adentra nas suas águas com sua canoa -, e a família, que fica fora dele, mas sempre às suas margens. O rio, como observaremos, torna-se

um componente fundamental já que está sempre subentendida a sua presença, a sua imutabilidade. Todavia, este fazer do cotidiano, da vida das personagens, este fato de ser um elemento de reconhecimento, de certeza e de confiança passará por uma transformação radical no momento em que, de lugar físico familiar, se tornará um “não lugar”, um mistério e, talvez, um caminho de conhecimento impérvio (PAPETTE, 2009, p. 328).

O rio é um curso de água contínua que geralmente deságua em outro rio, lago ou mar. O rio no conto é apresentado como silencioso. É como se algo de “religioso e solene envolvesse a figura do rio. E não é o rio que faz o pai silencioso, mas o silêncio parece atrair o pai para o rio” (FRANCISCO, 2019, não paginado).

De acordo com Lorenzo Papette, autor do texto **A canoa e o rio da palavra**, o entregar-se do “pai às águas e o seu silêncio reportam a mitos bíblicos e a temática místico-religiosa, sendo as águas interculturalmente ligadas à sacralidade e as forças tão geradoras como purificadoras” (PAPETTE, 2009, p. 328).

No livro intitulado **O labirinto sagrado**: ensaios sobre religião, psique e cultura, o autor Marcial Maçaneiro nos mostra que as águas são o

fundamento do mundo, a essência da vegetação, o elixir da imortalidade, a força criadora da natureza e princípio de cura. As antigas tradições acreditavam que a água é a substância primordial de onde nascem todas as formas de vida e para a qual retornam. Na profundidade das águas primordiais os seres mergulham, se dissolvem e dali renascem. Enquanto o fogo purifica por destruição, a água atua por regeneração: ela cancela a história e a existência, reduz os seres ao seu estágio informe e virtual, para lhes recompor integralmente, como seres renascidos – não por virtude deles mesmos, mas como dádiva da água (MAÇANEIRO, 2011, p. 60).

Diretamente oposto ao que ocorre com Severino, talvez pudéssemos pensar que, enquanto este nasce para o mundo e segue o curso do rio para outros lugares, o pai, no conto de Rosa, parece querer voltar às águas intrauterinas, onde, no ventre materno,

fomos envoltos em líquido amniótico, iniciando desde então uma experiência de gestação, calor, sustento e proteção relacionada à água. Dessa memória longínqua foi chegando até nós a promessa/esperança da eterna geração, à semelhança do ciclo hidrológico: o fato de a água se renovar continuamente mostra que ela possui uma capacidade tremenda de vivificação. Viver plenamente significa beber destas águas vivificantes (MAÇANEIRO, 2011, p. 68).

No conto, o filho narrador, diante do compromisso que assumiu de ficar cuidando do pai, ouviu de pessoas do lugar histórias que poderiam justificar a decisão deste de permanecer no rio, conversas, segundo ele, sem senso, como “por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado” (ROSA, 2019, p. 40).

Quando falamos de Noé, lembramos da aliança que Deus fez com ele, para que construísse uma arca. Essa passagem bíblica começa em Gênesis 6 e se estende até Gênesis 9. Noé era um homem justo, e Deus ordenou que fizesse uma arca de madeira bem grande, para que coubesse a sua família (esposa, três filhos e três noras), como também as aves e os animais terrestres, todos em pares, machos e fêmeas, para que ficassem abrigados do dilúvio enviado por Deus, que durou 40 dias e 40 noites, culminando em uma enchente de 150 dias.

Somente os que estavam dentro da arca construída por Noé sobreviveram ao grande dilúvio. Assim que as águas baixaram, a arca foi aberta e saíram de lá os animais e a família de Noé. Deus ordenou que se multiplicassem e repovoassem a Terra novamente, recomeçando, assim, uma nova história humana.

De acordo com Maçaneiro, o “simbolismo diluviano é uma constante em várias tradições religiosas” (MAÇANEIRO, 2011, p. 64). E, em certos casos, o dilúvio tem a “conotação de um *juízo*, em que a força divina – associada à potência das águas – decreta o aniquilamento do mal e o ressurgimento do bem” (MAÇANEIRO, 2011, p. 65, grifos do autor). Segundo Papette, a ideia de que o pai tenha recebido

uma forma de anúncio do iminente dilúvio universal e de que teriam sido mensagens divinas a induzi-lo a tal viagem para o não lugar é insustentável. Não é pensável que ele tenha agido num sentido tão egoístico – isolar-se para se salvar sozinho não pode ter sido o papel escolhido: este tem que trazer a salvação para os outros ou então tem de os levar até ela (PAPETTE, 2009, p. 329).

O rio é o cenário onde se desenvolve o conto **A terceira margem do rio**, como também no poema **Morte e vida severina**, pois o rio Capibaribe orienta o personagem Severino. Ele é o elemento da natureza que, junto com Severino, participa da sua caminhada rumo à capital, mas o rio encontra desafios de permanecer vivo (filetes de água) e obstáculos (a seca) que precisam ser superados junto com Severino para que possam cumprir a sua jornada.

O título que Guimarães Rosa deu ao conto não aparece em nenhum momento da história, ou seja, o autor instiga o leitor a procurar essa terceira margem que se “impõe misteriosa tanto para os personagens, quanto para os leitores, uma vez que nela transita o pai em uma canoa, sem ir a nenhum lugar específico, apenas navegando” (PIMENTEL, 2014, p. 37).

Quando o pai entra na canoa e sai remando, sumindo de vista na imensidão do rio, permanecendo dentro dele, sem nunca mais voltar, é nesse não lugar que se dá a terceira margem, que “não é física, mas possui um caráter metafísico, pois desde o momento em que o pai entra na canoa, ele começa uma viagem – uma travessia, isto é, uma busca ontológica pela essência do seu ser” (SILVA; ALMEIDA; MIRANDA, 2017, p. 20).

Contudo, a família e, principalmente, o narrador ficam sem compreender os motivos que levaram o pai a se afastar do convívio familiar, isolando-se dentro da canoa e do rio. O pai recusa todas as tentativas de aproximação que a família tenta fazer com ele, mantendo-se no rio, sem se comunicar com ninguém. Guimarães Rosa instiga seu leitor ao seguinte questionamento:

Por que um homem largaria seus familiares, sua vida, para ficar em meio a um rio dentro de uma canoa? Não seria possível afirmar que esse homem já havia se isolado dentro de si mesmo, há muito tempo; e que na tentativa de se encontrar é que decide procurar a sua terceira margem e dar sentido a sua vida, mesmo sua decisão não sendo comum, o desejo de buscar sua essência é mais forte e as barreiras do preconceito, do abandono não são maiores que a sensação de liberdade de plenitude que a grande travessia pode proporcionar (VITOR; COSTA, 2011, p. 338).

No artigo intitulado **A transcendência no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa**, escrito por Denise Cristina Rodrigues Caliman Vitor e Sueli Silva Gorricho Costa, a terceira margem é a representação da “travessia como alegoria do viver; uma vez que a travessia traz consigo toda a simbologia da existência humana” (VITOR; COSTA, 2011, p. 337).

A coragem do pai na travessia do rio possibilita a compreensão de um anseio de mudar, de visualizar as situações sob outro ângulo, tendo um novo olhar sobre a vida, de buscar a sua identidade, de imaginar que talvez o destino lhe pertença, de recomeçar.

Durante o conto, o pai permanece em silêncio, desprovido de linguagem, ele “nunca falará e as palavras ficarão sempre na boca dos outros, ficando à escuta, voltado para a sua própria interioridade, ou para um exterior sem vínculos nem limites. É o seu gesto [...] de ruptura que fala por ele” (PAPETTE, 2009, p. 327). O narrador, por sua vez, portador da linguagem, relata toda a trajetória do pai no conto, mesmo sem compreender claramente sua decisão. Portanto, há uma contradição que permanece em todo o conto:

silêncio e palavra. O pai, quando entra na canoa e segue pela imensidão do rio, silencia-se perante todos, como se houvesse, ao abolir a palavra, uma recusa em estabelecer qualquer contato com o mundo exterior, de modo a priorizar apenas o mundo subjetivo, direcionando-se para dentro de si. O silenciamento do pai exige que o filho, por sua vez, tome a palavra e conte sua verdade particular sobre os fatos. Ele o faz, narrando o episódio insólito de partida do pai sob seu ponto de vista, como em uma tentativa de compreender o que ocorreu (MAGALHÃES, 2015, p. 12).

Enquanto o pai fica em silêncio durante todo o conto, no poema **Morte e vida severina**, o personagem Severino tem uma postura completamente oposta. Ele, desde o início da sua narrativa, comunica-se inicialmente com os seus leitores, quando faz a sua autoapresentação, e durante toda a sua travessia dialoga com os outros personagens que cruzam o seu caminho.

Para Welder Lancieri Marchini, autor do artigo intitulado **Atravessando as margens**: uma leitura do conto “A terceira margem do rio” na perspectiva do rito de passagem, as duas margens do rio seriam “a vida visível, terrena, cotidiana” (MARCHINI, 2016, p. 209). Já a terceira margem seria

aquela que não é vista, que sai do cotidiano, do lógico, é a transcendência diante do dado, do rotineiro. Assim, a terceira margem falaria das dimensões da vida humana que não podem ser explicadas aos olhos do pensamento lógico-racional, mas que só poderiam ser vivenciados na perspectiva existencial, não precisando sequer ser explicado (MARCHINI, 2016, p. 209).

O pai, ao fazer a travessia até a terceira margem, passa por um processo de autoconhecimento, de despertar para o sentido sublime da sua existência.

Entretanto, esse processo é individual, somente o pai pode passar por isso sozinho. O mistério que “corrobora por todo o conto, não é a busca pela morte, ou a busca de um lugar, mas a busca do sentido da vida a derradeira travessia, o que não se explica, sente-se e se percebe o inefável” (VITOR; COSTA, 2011, p. 339).

Sendo assim, o narrador não consegue entender o que está acontecendo nessa terceira margem e se culpa pelo que não sabe, quando relata que é um “homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo” (ROSA, 2019, p. 40). E o tempo do lado de fora do rio transcorre, e o filho já começa a sofrer da velhice, a sua saúde começa a ficar fragilizada, mas, ainda assim, continua se preocupando com o pai a sua vida inteira. E se indaga:

E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororama e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte (ROSA, 2019, p. 41).

Várias são as possibilidades de interpretações possíveis do conto **A terceira margem do rio**. A perspectiva da morte também é, porém o enredo da história não “designa a morte do pai literalmente – nisso talvez se encontre o encantamento da narrativa -, mas faz ecoar todos os sintomas do luto [...] que se seguem à morte metafórica do pai” (MAGALHÃES, 2015, p. 13).

O pai, ao adentrar no rio e permanecer lá, encontra-se nessa terceira margem, onde ele busca o entendimento da existência humana, que nada mais é do que a vivência humana, com sua essência e seu fim, que é o destino de todos os seres vivos. A morte, de acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, é

o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, a paz, uma época [...] Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas: está ligada ao simbolismo da terra. Mas é também a introdutora aos mundos desconhecidos dos Infernos ou dos Paraísos; o que revela a sua ambivalência, como a da terra, e a aproxima, de certa forma, dos ritos de passagem [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 621).

A ideia do luto repercute no conto, na fala do filho, quando ele não consegue prosseguir em frente com a sua própria vida, fica paralisado diante do acontecido, e os seus familiares (irmã, irmão e mãe) conseguem realizar o luto e seguem suas

vidas. O filho externa o sofrimento que sente ao pensar no pai: “apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro” (ROSA, 2019, p. 41).

Em artigo intitulado **Os estados de luto e melancolia no conto “A terceira margem do rio”**, Marcela Magalhães explica que o luto pela morte apresenta-se “metaforicamente no conto – [...] não consegue ser completado no início do conto; por isso, na descrição do narrador, a canoa do pai fica no meio do rio, em suspenso, já que o filho não consegue [...] realizar o luto” (MAGALHÃES, 2015, p. 13).

No conto, percebemos a angústia do filho diante da atitude inesperada do pai de partir para dentro do rio e lá permanecer indefinidamente. Esse ato transforma a vida do filho, que não entende o ocorrido e fica se lamentando, esquecendo de viver a própria vida, situação bem análoga às pessoas que paralisam suas vidas frente à perda de um ente querido, e permanecem no luto.

Philippe Ariès, no seu livro **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos tempos**, explica que a sociedade moderna “proíbe aos vivos de parecerem comovidos com a morte dos outros, não lhes permite nem chorar os que se vão, nem fingir chorá-los” (ARIÈS, 2017, p. 225). Ainda segundo Ariès, a proibição do luto

leva o sobrevivente a aturdir-se com o trabalho ou, ao contrário, a atingir o limite da loucura, a fingir que vive na companhia do defunto, como se este ainda estivesse presente ou, ainda, a colocar-se em seu lugar, a imitar seus gestos, palavras e manias [...] (ARIÈS, 2017, p. 240).

O narrador, ainda preso à imagem do pai dentro do rio e cansado de esperá-lo por tantos anos, tem a ideia de chamá-lo à beira de uma das margens insistentemente, e se indaga: “Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra *doido* não se falava [...] Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz que fui lá” (ROSA, 2019, p. 41, grifos do autor). E com o uso de um lenço para chamar a atenção do pai, aguarda e por fim

ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: - “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!... E assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo (ROSA, 2019, p. 41, grifos do autor).

O filho finalmente toma a iniciativa de verbalizar os seus sentimentos de anos, de enfrentar esse sofrimento, de falar realmente o que sente diante da dor que foi a partida do seu pai. Ao clamar por ele e sugerir que troquem de lugar, o filho enfim toma coragem de enfrentar o seu luto, de encarar de frente essa tristeza que o paralisou por tantos anos, e tentar prosseguir com o pouco de vida que lhe resta. E ele percebe que o pai o escutou, e este

ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordando. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (ROSA, 2019, p. 41).

Após avistar o pai depois de longos anos, retornando **da parte do além**, o filho tem uma reação inesperada, não esperava que ele o escutasse e viesse ao seu encontro. O narrador se assusta, foge e não consegue lidar com a possibilidade de efetivar a troca de lugar com o pai, de passar pelo luto, o que lhe resta é o sentimento de derrota, de remorso, ele se questiona: “Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 2019, p. 41).

Apesar de o filho acreditar que falhou com o pai, acovardando-se, ele acaba iniciando um processo de travessia individual rumo ao rio, como seu pai havia feito há tempos. Como um último desejo seu, pede que, ao morrer, “peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio” (ROSA, 2019, p. 41). Segundo Papette, só no final da vida terrena do filho é que ele

compreende a importância de entrar no rio, de fazer parte dele. Pelo menos, parece entender a importância de empreender a viagem mesmo sem saber onde esta o pode levar e quais serão os resultados. Somente morto poderá parecer-se com o pai-rio, e isso com certeza não será suficiente para o resgatar, todavia é a sua última, talvez única, conquista. O seu corpo de filho far-se-á parte integrante do corpo fluído do pai-rio, daquele corpo-corrente, corpo incorpóreo (PAPETTE, 2009, p. 337).

Assim, outra questão que aproxima o conto **A terceira margem do rio** e o poema **Morte e vida severina** é a morte, que não está evidenciada no conto, mas subentendida, pois ele se abre a variadas interpretações. Esse tema da morte já foi

discutido nas subseções anteriores desta dissertação, e se faz presente no poema de João Cabral de Melo Neto desde o início da caminhada de Severino até seu destino.

Dessa forma, o conto **A terceira margem do rio**, escrito por Guimarães Rosa, também retrata questões universais que ocupam o ser humano como o sentido da vida e da morte, mesmo que a morte não seja literal, mas ecoada no conto, dependendo da leitura que se faça. Importante salientar que a narrativa do conto é fascinante. Dedicar-se a ler essa história

é ser convidado a adentrar num mundo de mistérios, pois somos instigados, provocados e envolvidos no plano da reflexão. O enredo, envolto numa dimensão insólita, convida o leitor a querer descobrir o que há por trás das personagens, das entrelinhas do movimento simbólico e enigmático também da linguagem (SILVA; ALMEIDA; MIRANDA, 2017, p. 33).

Já o poema **Morte e vida severina** tem uma marca regional na medida em que possui uma narrativa que mostra a vida de miséria e pobreza comum a muitos nordestinos que são expulsos de suas terras pela fome e pela seca, e procuraram uma vida mais digna fora do sertão. Poucas vezes o regionalismo “tratou com tanta atenção e detalhamento a vida do homem nordestino, trabalhador, retirante, englobando aí os assuntos que mais lhe atormentam, como a morte e a incerteza do dia seguinte” (FRIZON, 2005, p. 113).

João Cabral de Melo Neto, além de denunciar a desigualdade social presente no seu poema, também quer falar da vida, da “existência humana, da busca de sentido [...] da morte, da miséria no seu sentido filosófico e social. Portanto, não estamos em presença de um poeta regionalista, mas de um autor que atingiu o universal” (BERTUSSI, 2009, p. 90).

Sendo assim, tanto no poema **Morte e vida severina**, quanto no conto **A terceira margem do rio**, a indagação sobre a existência humana, com suas alegrias e tristezas, com suas realizações e frustrações, com a vida e a morte, é tema universal, na medida em que toca em questões que são inerentes ao ser humano e são retratadas na maneira de ser e viver dos personagens Severino e o pai.

4.2. O MUNDO INTEIRO NO SERTÃO SEVERINO

A morte, tão universal, tão próxima e tão presente no poema **Morte e vida severina**, não se configura como algo exclusivo do sertão Severino, uma vez que o sofrimento é agora do mundo inteiro. É uma morte muito realçada, sobretudo nestes tempos últimos, no contexto crítico de pandemia pelo qual a humanidade atravessa.

Enquanto o personagem no poema tenta evitar a **morte severina**, o mundo inteiro está vivendo um momento inimaginável, que é a pandemia causada pelo novo coronavírus. A grande maioria da população mundial, principalmente a parcela que acredita na ciência, tenta evitar a contaminação pela COVID-19 – que já levou a óbito mais de 2.794.000 vidas no mundo, quando esta dissertação está sendo finalizada em março de 2021.

A humanidade, em pleno mundo globalizado, com tecnologias avançadas, não poderia sequer imaginar que, na segunda década do século XXI, seria surpreendida por uma pandemia. Tal situação conseguiu impactar o modo de viver de todos os habitantes do planeta, mesmo que uma minoria não acredite ou negue a sua existência.

A Organização Mundial da Saúde, doravante OMS, foi alertada em 31 de dezembro de 2019, sobre vários casos de pneumonia que depois resultaram em mortes na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. Em 7 de janeiro de 2020, foi identificada a sétima e nova cepa de coronavírus pelas autoridades chinesas, e que não havia sido identificada em seres humanos, o SARS-CoV-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Corona Virus 2), que é o vírus responsável por causar a doença da COVID-19 (Corona Virus Disease 2019).

Posteriormente, a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declarou que o surto constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), e, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi declarada como uma pandemia global. Vale ressaltar que:

O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021, recurso eletrônico).

A humanidade já enfrentou, no decorrer dos séculos, epidemias que tiraram milhares de vidas ao longo da história, como:

a peste que assolou a Europa nos séculos XIII e XIV, dizimando quase um terço de sua população, ou o desaparecimento de grande parte da população ameríndia entre o século XVI e XVIII através dos vírus trazidos pelos colonizadores europeus (REICH; BORGES; XAVIER, 2020, p. 8).

A última grande pandemia vivida foi a Gripe Espanhola, que ocorreu entre os anos de 1918-1919, e, após inúmeras pesquisas através dos anos por parte dos cientistas, chegaram à conclusão de que foi o vírus Influenza A (H1N1) o causador da Gripe Espanhola.

De acordo com Haroldo José de Matos, autor do artigo **A próxima pandemia: estamos preparados?**, os registros do período de 1918 revelam que a “epidemia se disseminou em todo o mundo em menos de cinco meses [...] Há estimativas de pelo menos 21 milhões de óbitos. Algumas estimativas chegam até a 50 milhões” (MATOS, 2018, p. 9).

Merece destaque que o novo coronavírus não possui o grau de letalidade da Gripe Espanhola, mas a COVID-19 possui uma alta taxa de transmissibilidade que acontece pelo contato próximo de uma pessoa infectada com outra pessoa saudável. Por isso, as medidas de prevenção são essenciais para se evitar a contaminação, como o uso de máscaras, lavar as mãos frequentemente ou usar o álcool em gel para higienizá-las e evitar ambientes com aglomerações de pessoas.

Yuval Noah Harari, historiador israelense e autor do livro **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**, leva-nos a refletir sobre como a nossa natureza humana nos leva a disseminar o vírus, e que, portanto, nós seres humanos somos

especialmente vulneráveis a epidemias, pois somos animais sociais. E é assim que epidemias se propagam. O que é capcioso nos vírus é que eles muitas vezes usam os melhores instintos da natureza humana contra nós mesmos. Exploram o fato não apenas de que gostamos de socializar, mas também o fato de que ajudamos uns aos outros. Quando alguém adoece, a coisa óbvia e natural a fazer, especialmente se se trata de um membro da família ou um amigo, é prestar auxílio, cuidar, dar apoio emocional, tocá-lo, abraçá-lo. E é exatamente assim que o vírus se propaga. Então o vírus se vale das melhores partes da natureza humana contra nós (HARARI, 2020, p. 69).

Diante da percepção de Harari, chegamos à conclusão de que os vírus são oportunistas e se espalham com a nossa ajuda, e quanto maiores forem as nossas interações com outras pessoas, mais eles se expandem, principalmente quando não dispomos das informações necessárias para evitar que o contágio ocorra, ou quando pessoas negam a sua existência.

Infelizmente, os mais afetados por essa doença são os idosos com mais de 60 anos que apresentam comorbidades, mas não só eles, adultos saudáveis também têm adoecido e necessitado de internação por conta do agravamento da COVID-19, e muitos já morrem em decorrência das complicações. As crianças, os adolescentes e os jovens também são contaminados e, na grande maioria dos casos, são assintomáticos ou apresentam quadros leves.

Os impactos oriundos desta pandemia foram e ainda são sentidos na vida das pessoas que tiveram suas rotinas modificadas completamente. A começar pelo isolamento social, que foi sugerido pela OMS e imposto por autoridades que acreditaram na ciência e compreendem a necessidade do isolamento para diminuir o contágio pelo vírus.

Assim, após 11 de março de 2020, cada país tomou as decisões necessárias para diminuir o contágio pelo novo coronavírus, observando o número de pessoas que haviam sido contaminadas e o aumento do número de mortes. A grande maioria dos países do mundo fechou fronteiras, comércios, escolas, templos religiosos, impuseram o cancelamento de viagens e de festas que ocasionassem aglomerações, e decretaram o isolamento social, quarentena ou *lockdowns*, como estratégias para conter a contaminação pelo vírus e para preservar vidas. Nesse sentido,

a estratégia do isolamento social retoma uma lei social elementar da espécie humana, que nos seus primórdios tribais – grupos socialmente localizados e relativamente isolados – se mantinha em boa medida protegida das grandes contaminações. Quanto menor o contato, menor o contágio (PASSOS, 2020, p. 24).

No momento em que escrevo essa subseção, já se passaram 11 meses, e muitas das ações para combater a disseminação da COVID-19 mudaram desde então. Hoje, a doença é mais conhecida do que nos primeiros meses, os médicos e os demais profissionais de saúde já sabem como proceder nos atendimentos. Há mais informações e conhecimento sobre como ocorre o processo de contaminação,

o que deve ser feito para evitar o contágio pelo vírus e as consequências deste momento para a vida das pessoas em geral.

Infelizmente, o isolamento social foi lido com interesses politikeiros por alguns governantes, que começaram logo no início da pandemia a criticar as ações para diminuir o contágio pelo coronavírus, e, de imediato, trataram de construir

uma interpretação que minimizava ou, até mesmo, negava não somente a estratégia, mas até mesmo a própria contaminação. A pandemia sequer existia; era fruto de mentes interessadas em criar pânico na população. E não faltaram da parte dos mesmos políticos a interpretação conspiratória: o isolamento era nada mais que uma estratégia planejada por sujeitos interessados em prejudicar o governo (PASSOS, 2020, p. 25).

Tais políticos continuaram afirmando que a COVID-19 não era uma doença perigosa, apenas uma gripe comum, que o vírus havia sido fabricado na China pelos cientistas, que a OMS estava ocultando informações da China, que os números de mortos e contaminados eram superestimados e que as principais redes de televisão estavam criando pânico na população com notícias mentirosas.

Essa negação foi manifestada por vários governantes mundo a fora, e, no Brasil, o principal agente desse discurso foi o atual presidente da República. Desde o início, suas ações e discursos interferiram diretamente na política e na gestão sanitária da doença, pois as declarações de um

líder político têm sempre um poder agregador e legitimador não só em relação à sociedade mais ampla, como também, de modo direto, a seus partidários. Nesse sentido, o crescente afrouxamento do isolamento social não se deveu unicamente a uma cultura da espontaneidade, do desleixo ou, até mesmo, do descuido, mas também a uma “autorização oficial” para sair de casa e tocar a vida, como se nada estivesse acontecendo. A flexibilização extraoficial contou, com certeza, com essa autorização (PASSOS, 2020, p. 26).

Vivemos atualmente este dilema em nosso país: uma parcela da população acredita e segue as ideias do presidente, e a grande maioria do povo brasileiro acata as diretrizes dadas por seus governadores e prefeitos, que seguem as orientações da OMS.

Outra questão que essa doença revelou e que já sabíamos que existia é a grande desigualdade social no Brasil. As pessoas de baixa renda foram as mais afetadas, e, com o isolamento social, inúmeras perderam seus empregos formais ou informais, mas muitas continuaram trabalhando, arriscando suas vidas em

transportes lotados, ou em empregos que não dão segurança para se prevenirem de um possível contágio. A pandemia, portanto, não é

uma doença democrática, no sentido de que todas as pessoas estariam igualmente submetidas a ela, a letalidade da COVID-19 incide nas populações mais carentes e mais precarizadas. Que no Brasil é formada pelo contingente das pessoas negras e pardas [...] O recorte de raça mais uma vez se mostra necessário (ANDRADE, 2020, p. 72).

Importante ressaltar que as pessoas de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade mal têm o que comer dentro de casa. E como essas pessoas vão conseguir manter a higiene das mãos, se falta água em muitos lares? Como vão manter o distanciamento social dentro de casa, se alguém se contaminar, sendo as moradias tão apertadas? Como vão se prevenir da COVID-19, se falta o alimento básico do dia a dia, quanto mais ter dinheiro para comprar máscaras e álcool em gel?

Eis aí uma situação que nos devolve, de modo dramático, para a obra em estudo nesta dissertação. Quando afirmamos que o mundo inteiro está no sertão Severino, queremos dizer da universalidade da dor, dos desafios, da morte e da vida. Talvez nunca tenhamos visto e sentido, em nossa pele, um tempo de tamanha angústia e aflição. Um tempo que nos revela o descaso do governo, a fragilidade da vida e a doação de tantos que trabalham na linha de frente para conter o avanço dessa ameaça. É mundo inteiro no sertão Severino, e o sertão Severino como imagem do mundo inteiro.

Na obra **Morte e vida severina**, a desigualdade social também foi abordada através do personagem Severino, que retratou a história de tantos outros retirantes do sertão nordestino, os quais foram pressionados pela situação de miséria a saírem da sua terra natal, por conta da seca, da fome e da pobreza do lugar. Trata-se de pessoas sofridas, que foram esquecidas e desassistidas por seus governantes e pelos grandes latifundiários do lugar.

A desigualdade social sempre foi presente em nossa sociedade, mas, no momento em que estamos vivendo, ela se revelou ainda mais. O governo federal, com o auxílio emergencial, beneficiou muitas famílias carentes no período dos 9 meses em que foi concedido às pessoas que necessitavam, porém muitas não receberam essa ajuda.

Dessa forma, as pessoas desassistidas dependeram de doações de alimentos e materiais de higiene e limpeza, arrecadados por organizações sociais, ONGs, ou

por grupos de pessoas que se solidarizaram com os mais necessitados. A solidariedade durante a pandemia fez “despertar uma onda de atitudes de cuidado para com o próximo, atenção para com desconhecidos e de pertencimento às comunidades e à espécie humana com um todo como há muito tempo não se via” (NAHRA, 2020, p. 39). Espera-se que as ações desse tipo, em prol de ajudar o próximo, os mais necessitados, permaneçam durante e após a pandemia, pois infelizmente os números de pessoas e famílias em condições de pobreza e miséria só aumentam.

Mesmo com toda a questão da desigualdade social, o distanciamento social foi necessário para diminuir o número de pessoas circulando e, conseqüentemente, o contágio pelo vírus. Isso levou os governadores e prefeitos, aqui no Brasil, a suspenderem as aulas nas escolas e nas universidades públicas e privadas, e a pararem suas atividades presenciais no mês de março de 2020.

Essa atitude foi necessária, na medida em que as instituições de ensino são locais de aglomeração e interação entre alunos, professores, funcionários e equipe diretiva. As crianças, os adolescentes e os jovens, segundo as pesquisas, são os menos afetados pelo novo coronavírus e, se infectados, apresentam quadro leve ou são totalmente assintomáticos.

Entretanto, as pessoas que trabalham nas escolas e nas universidades são adultas e muitas fazem parte do grupo de risco ou possuem comorbidades, e mesmo as pessoas consideradas saudáveis poderiam ser contaminadas nessas interações, ou o próprio aluno levar para dentro da sua casa o vírus para os seus familiares.

A decisão de suspender as aulas trouxe conseqüências tanto para os estudantes, quanto para as instituições de ensino, e novamente a desigualdade social foi revelada. Os alunos que frequentavam escolas e universidades privadas tiveram suas rotinas modificadas, as aulas que eram presenciais, em pouco tempo, tornaram-se virtuais, tanto os professores, quanto os alunos tiveram que se adaptar a essa nova modalidade de educação on-line.

Já os alunos oriundos das escolas e universidades públicas tiveram muito mais dificuldades para se adequarem a esse ensino a distância, pois muitos alunos ainda não têm acesso à internet ou até mesmo à tecnologia (computadores e smartphones), o que dificultou o ensino remoto. Porém, cada estado, cada município,

cada instituição de ensino procurou fazer o melhor para disponibilizar aulas virtuais, atividades *online* ou impressas para atender os alunos.

Além dessas dificuldades enfrentadas para que as escolas públicas se adequassem a esse novo tipo de ensino, com o isolamento social, milhares de crianças deixaram de ter o alimento oferecido pelas escolas, pois, para muitas famílias carentes, essa era a principal refeição do dia para os seus filhos, alimento que os nutria, quando muitos responsáveis não têm condições financeiras de levar comida para dentro de suas casas.

Sendo assim, os efeitos da pandemia são sentidos no mundo inteiro, e os seus impactos são diferentes para cada indivíduo, mas todos foram afetados de alguma maneira. Segundo Passos, o “vírus revelou um mundo conectado no mesmo perigo, nas mesmas incertezas e nas mesmas dores” (PASSOS, 2020, p. 20). Tal pensamento nos faz recordar Severino, que viveu no seu deslocamento momentos de incertezas e dores, conectado que estava com a seca, com a miséria, com o abandono e com a **morte severina**.

Ao contrário de Severino, que se deslocou, a pandemia não permite deslocamentos, trazendo as pessoas para dentro de suas casas e de suas fronteiras, e em um mundo diferente, mas análogo ao do Severino. Quando o personagem sai, ele vive também um momento de isolamento pessoal, pois, mesmo encontrando ou conversando com outros personagens, ele internamente passa por momentos de descobertas, de angústias e tristezas, quando assiste à morte de tantos Severinos, o que o leva a refletir sobre o que realmente importa na vida e o que desejava quando saiu do sertão:

[...]
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
da tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 111).

Já os primeiros dias e meses da pandemia levaram grande parte da população mundial para dentro de suas casas, para esse ambiente particular, onde ficaria protegida da contaminação pelo vírus. A orientação para ficar em casa tinha o objetivo de resguardar a vida das pessoas contra a doença da COVID-19, o sofrimento e a morte da população em geral.

A casa é predominantemente um local de moradia, de convivência familiar, um lugar de retorno após o trabalho ou a escola, um lugar de abrigo e permanência para o descanso. Com a chegada da pandemia, a casa “passou a abrigar compulsoriamente outros espaços, o do trabalho e da educação” (MARTINO, 2020, p. 106).

Para milhares de pessoas e famílias do mundo inteiro, a casa deixou de ser um local privado e de descanso, para se tornar um local de trabalho e estudo. Muitas empresas e pessoas empreendedoras tiveram que adotar o *home office* para manter seus empregos ou sua renda. A casa também virou um lugar de educação escolar, pois, com a suspensão das aulas, crianças, adolescentes, jovens e adultos tiveram o ensino transferido do ambiente escolar para o ambiente doméstico, ou seja, com a pandemia, a casa ganhou outros significados além de moradia.

É verdade que o isolamento social, no início da pandemia, contribuiu para que os indivíduos se afastassem das suas rotinas: trabalhos, escolas, lazeres, esportes e templos religiosos. Conseqüentemente, foi também necessário o distanciamento da convivência pessoal com colegas, amigos, parentes, e até mesmo pessoas que amavam, para protegê-las do vírus, que se propaga através da interação entre as pessoas, nas conversas, nos toques e nas demonstrações de carinho.

O receio de ser contaminado pelo vírus, de perder uma pessoa querida, a mudança de hábitos, a falta de contato face a face, a instabilidade financeira, a preocupação com o futuro incerto aumentam os riscos de surgirem nas pessoas, independentemente da idade, sintomas de ansiedade, angústia, estresse, depressão ou até mesmo pânico, pois, em linhas gerais, as pandemias impactam a saúde mental dos indivíduos.

Os sofrimentos mais temidos pela maioria das pessoas que acreditam na ciência, na gravidade da pandemia e seguem os protocolos de prevenção, são as possíveis complicações de saúde por conta da contaminação e a morte pela COVID-

19. E, mesmo que não haja uma perda real entre os seus entes queridos, milhares de vidas infelizmente já foram perdidas por conta da pandemia. Atualmente, no Brasil, o número de pessoas que foram a óbito já ultrapassa 314.000, antes de findarmos o mês de março de 2021.

Em matéria intitulada **Os humanos que o vírus descobriu no Brasil**, escrita por Eliane Brum, a autora discorre sobre o sofrimento causado pela morte de pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus, e dos ritos funerários e dos lutos que foram modificados em vários países do mundo, nas mais variadas culturas e línguas, em que inúmeras pessoas estão lidando

não apenas com a perda de quem amavam, mas com a despedida que não houve, com o cuidado que foi vetado pelo risco de contaminação, lidando com caixões lacrados e túmulos que não escolheram, quando não com a indignidade das valas comuns. Lidando com os abraços que não puderam acontecer (BRUM, 2020, recurso eletrônico).

Estamos vivendo a maior crise sanitária do nosso século por conta da contaminação pela COVID-19. Ela escancara brutalmente a nossa finitude, e a morte é, muitas vezes, inevitável quando pandemias surgem. Os familiares que perderam entes queridos com casos confirmados ou suspeitos pela doença tiveram as despedidas aos mortos alteradas, para evitar a infecção dos parentes e amigos do falecido.

No Brasil, os rituais funerários foram remodelados por decretos de acordo com estados e municípios para este período atual de pandemia. As pessoas que morrem por causa de outras doenças, que não seja a COVID-19, tiveram seus velórios com o tempo e o número de pessoas reduzidos, além da restrição para manter o distanciamento e evitar as demonstrações de carinho, como os abraços.

Já as mortes confirmadas pelo novo coronavírus ou os casos suspeitos receberam um tratamento diferenciado, pois não há mais a possibilidade de os familiares e os amigos se despedirem da pessoa falecida. Agora os caixões são lacrados e não há mais o momento de velar o corpo, e, na grande maioria dos casos, o caixão é levado direto do serviço funerário para o sepultamento com um número mínimo estipulado de parentes para se despedirem com o caixão totalmente fechado.

As homenagens aos mortos, tão comuns nos rituais funerários, foram então modificadas e suspensas se o motivo da causa da morte for a COVID-19. Essa impossibilidade de despedidas, de não poder ficar próximo daquele que morre,

possivelmente acarretará momentos de grande tristeza e sofrimento, pois as pessoas que estão em luto provavelmente terão dificuldade para aceitar a morte e terão que fazer um esforço maior ainda para elaborar essa perda da pessoa querida.

Estamos, então, discorrendo sobre a morte. A morte Severina,

[...]
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
[...]
(MELO NETO, 2007, p. 92).

Como então não perceber a atualidade do poema? Como então não notar a sua universalidade? Como não relê-lo com os olhos de um novo século? Como não aplicá-lo ao mundo inteiro?

Enquanto os enlutados sofrem a dor de não poderem se despedir dignamente dos entes falecidos, Eliane Brum questiona: “Se aqueles que escolheram ignorar a pandemia soubessem da dor dos que foram atingidos pela morte, será que mudariam, será que cuidariam, será que fariam o gesto?” (BRUM, 2020, recurso eletrônico).

Atualmente, cada país no mundo vive momentos diferentes dos primeiros meses em que a pandemia foi anunciada. Nos países em que os governantes seguiram as orientações da OMS, fizeram os isolamentos necessários e as flexibilizações conscientes, que restringiram a circulação das pessoas contaminadas, impondo quarentenas aos estrangeiros, monitorando o contágio pelo vírus, tiveram um número reduzido de mortes inicialmente, mas, infelizmente, mesmo com todos os cuidados, veem os números de casos e mortes aumentando.

Em oposição a isso, os países com governantes que negaram a gravidade da doença, ignorando as regras sanitárias de prevenção, e que flexibilizaram os comércios e a circulação das pessoas em seus países, estão passando por uma segunda onda de contaminação, igual ou superior à primeira onda, com o aumento expressivo no número de internações e conseqüentemente a morte de centenas ou milhares de pessoas.

No Brasil, por ser um país de dimensões continentais, cada estado apresenta uma situação diferente em relação à contaminação pela COVID-19. É verdade que houve uma pequena queda no número de mortes entre os meses de setembro a novembro de 2020, o que deu uma falsa impressão de que a vida estava voltando ao normal para uma certa parcela da população brasileira, bem como para as autoridades municipais e estaduais de cada estado, que flexibilizaram funcionamento do comércio em geral, praias, parques, viagens nacionais e eventos com número reduzido de pessoas.

Essas atitudes de flexibilização certamente elevaram expressivamente o número de infectados e o aumento no número de mortos em todos os estados brasileiros. O fato é que muitas pessoas ficaram saturadas em permanecer em isolamento ou até mesmo negam a gravidade da pandemia e já não usam máscaras em ambientes públicos, e o distanciamento social é quase inexistente. É verdade que as pessoas estão esgotadas e querem voltar à vida normal, mas até que as vacinas cheguem para todos, o novo coronavírus continua contaminando.

Os sistemas de saúde, hospitais públicos e privados, estão trabalhando com a capacidade de atendimento quase no limite, o que pode causar o colapso no serviço aos pacientes contaminados pelo vírus ou por outras doenças que precisam de suporte hospitalar. Ademais, os profissionais de saúde que trabalham na linha de frente, diretamente com os casos suspeitos ou confirmados da doença, estão, após 11 meses de pandemia, exaustos e cansados de receber tantos pacientes infectados pelo vírus e sabem que muitos casos poderiam ter sido evitados, se as pessoas seguissem as orientações de prevenção a contaminação.

Um sopro de esperança vem das vacinas, tão aguardadas nestes tempos difíceis, e, no mês de dezembro de 2020, o Reino Unido foi o primeiro país do mundo a entrar com o pedido de uso emergencial do imunizante Pfizer, após a autorização começou a vacinar, aos poucos, a sua população, de acordo com os critérios que estabeleceu. Assim, após a primeira vacina aprovada, os outros laboratórios que completaram seus testes já pediram a permissão para o uso emergencial de suas vacinas e uma pequena parte da população mundial já está sendo vacinada contra o novo coronavírus.

No Brasil, a gerência técnica da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) autorizou, no dia 17 de janeiro de 2021, o uso emergencial no Brasil da

vacina Coronavac, produzida pelo Instituto Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac, e a vacina da AstraZeneca, desenvolvida pela universidade de Oxford, que será produzida em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Mesmo com a autorização emergencial para o uso das duas vacinas no Brasil, até o momento, todos os cuidados ainda precisarão ser mantidos até que a maioria da população brasileira seja vacinada. É bem verdade que as vacinas foram muito aguardadas por bilhões de pessoas no mundo inteiro, e elas enfim chegaram, ainda em quantidades pequenas, e estão sendo produzidas para protegerem a população mundial. Mas até que as vacinas fossem elaboradas, em que as pessoas depositavam suas esperanças durante todo o momento da pandemia?

Resposta difícil, pois somos mais de 7 bilhões de habitantes no mundo, mas certamente, para uma grande parcela da população mundial, milhares de pessoas depositaram suas esperanças na fé. Mas o que é a fé? De acordo com o Dicionário Aurélio, a fé é assim definida:

[...] **3.** *Rel.* A primeira virtude teologal: adesão e anuência pessoal a Deus, seus desígnios e manifestações. **4.** Firmeza na execução de uma promessa ou de um compromisso. **5.** Crença, confiança (Ferreira, 1999, p. 886, grifos do autor).

A situação e a apreensão que se abateram sobre o mundo levaram as pessoas a uma necessidade ainda maior de contato com o Sagrado. Por diversas vias e por diversos caminhos, a fé foi manifestada entre os povos. As lideranças religiosas e as instituições mundo afora manifestaram-se de modo a sugerir uma vida pautada na interiorização e na reflexão sobre o valor da vida como doação divina. Nos passos de Severino, o mundo busca redescobrir o significado de sua dimensão sagrada, reorganizando o comportamento e meditando no significado do sentido da vida.

A oração é também uma maneira de expressar a fé. Através da oração, cristãos do mundo inteiro rogam a Deus por proteção. A fé é muitas vezes o amparo das pessoas frente aos problemas da vida, e a oração é o momento que o ser humano tem de encontro com a divindade.

A fé devolve a esperança de que este momento em que estamos vivendo vai passar. Em Mateus, Jesus fala aos discípulos: “E tudo o que pedirdes com fé, em oração, vós o recebereis” (Mt 21,22). E em outra passagem do Evangelho, ele afirma:

“Tu, porém quando orares, *entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará*” (Mt 6,6).

As passagens bíblicas mostram para os cristãos que a oração é o caminho para a fé, e que orar tem um poder muito grande, pois é um momento íntimo com o senhor, de entrega, e de escuta também. Deus acolhe os nossos pedidos, apelos, angústias e sofrimentos e nos fortalece, nos capacita para suportarmos as adversidades da vida.

Diante deste momento tão difícil pelo qual a humanidade está passando, de sofrimento, de dor e de morte de tantas pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus, resta aos cristãos, e não só a eles, clamarem, em suas orações, que Deus conforte essas famílias que perderam seus entes queridos e que renove a fé e a esperança em dias melhores para todos, no mundo inteiro.

Também no poema **Morte e vida severina**, o personagem Severino expressa a sua fé durante a sua caminhada quando explica que, antes de sair para a capital, aprendeu a ladainha das vilas por onde iria passar, e que essas vilas no final iriam formar um rosário, com suas linhas e contas das ave-marias. Durante a sua jornada, a fé foi seu suporte, e ela foi testada várias vezes diante dos sofrimentos que viu e vivenciou, e sua fé na vida foi renovada com o nascimento do filho do Mestre Carpina, que nos remete ao nascimento de Jesus Cristo.

É certo que o ano de 2020 foi um ano completamente diferente do esperado, do imaginado por todos os habitantes do mundo, um ano com isolamento social para combater a pandemia, protocolos de prevenção, colapso nos sistemas de saúde e no sistema financeiro, tantos acontecimentos tristes, contudo a

Covid-19 nos acompanhará mesmo quando as pessoas imunizadas pela vacina estiverem livres dos riscos de infecção grave e de morte, e quando as dores dos que foram diretamente afetados se tornarem cicatrizes. A memória da pandemia sobreviverá, ainda que de forma diferenciada, na alma dos que ficaram com a ciência, dos que ficaram com a economia ou com o negacionismo político (PASSOS, 2020, p. 28).

Já o ano de 2021 começou com uma luz de esperança, aos poucos, as vacinas estão chegando a vários países, boas notícias que renovam a fé de que, daqui a algum tempo, essa pandemia não irá ceifar tantas vidas inocentes. No entanto, certamente, este momento levou muitas pessoas a pensarem sobre o real significado da vida e sobre o que realmente importa.

Este período de pandemia também foi um tempo propício para reflexões, aprendizagens e para o crescimento existencial e espiritual de muitas pessoas, no mundo inteiro. Mas também foi um período de muito sofrimento para aqueles que adoeceram ou perderam pessoas queridas para a COVID-19. Foram momentos de incertezas, de conhecimento, de fé, de oração, de esperança e de solidariedade com o próximo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As argumentações apresentadas nesta dissertação foram orientadas pela hipótese de que é possível identificar, no poema **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano (1954-1955), de João Cabral de Melo Neto, um padrão que pode ser entendido no horizonte da existência humana, desde seus mitos de fundação até a contemporaneidade. O poema diz do ser humano em geral e do ser em particular, ilustrando a angústia humana expressa na literatura de todos os tempos, permitindo perceber os horizontes simbólicos que subjazem ao poema, como os temas que o ligam ao sagrado e a literatura bíblica. E, para orientar tal percepção, foi utilizado o conceito de **palimpsesto**, a partir do pensamento do autor francês Gérard Genette, o qual entende que toda obra é derivada de uma obra anterior, por transformação direta, indireta ou imitação.

A obra literária escolhida possibilitou perceber o quanto pode ser atual refletir sobre os temas morte e vida, constantes no enunciado do poema, a partir da narrativa do personagem Severino, nas questões da dor e do sofrimento, como também compreendermos que esses assuntos abordados fazem parte do cotidiano da vida de todo ser humano.

Essa pesquisa possibilitou um grande aprendizado na medida em que foi possível vislumbrar, no poema de João Cabral, os elementos simbólicos do sagrado que o atravessam, bem como o aprofundamento dos temas da condição humana: morte e vida. Desse modo, a presente dissertação se mostra relevante dentro do Programa de Mestrado em Letras.

O estudo em questão não se pautou em uma pesquisa teológica sobre os elementos do sagrado presentes no poema, mas sim em uma leitura literária de uma obra que permite associações, comparações e transfundos com a literatura bíblica. Acreditamos ter demonstrado, ao longo da dissertação, que existem no poema passagens que remetem aos horizontes simbólicos.

Importante destacar os principais autores que contribuíram com os seus pensamentos para uma melhor compreensão do horizonte que foi traçado para esta pesquisa, dentre eles: Gérard Genette, Antonio Candido, Benedito Nunes, Antonio Carlos Secchin, Félix Athayde, Alfredo Bosi, Philippe Ariès, Waltencir Alves de

Oliveira, Hermide Menquini Braga, Eli Brandão Silva, Mircea Eliade, Lorenzo Papette, João Décio Passos e Yuval Noah Harari.

Portanto, a presente dissertação buscou evidenciar a questão da morte e da vida, temas recorrentes no poema **Morte e vida severina**, que perpassam a condição humana e fazem parte daquilo que mais inquieta o pensar humano, bem como foi possível enxergar os temas da literatura bíblica que permeiam e estão subjacentes ao poema.

Assim, buscamos na segunda seção desta dissertação apresentar o conceito de palimpsesto, a biografia do poeta João Cabral de Melo Neto, sua trajetória de vida, a sua carreira como diplomata e autor de vários livros, assim como evidenciamos a popularidade do poema e a sua relevância na literatura brasileira e mundial. Ainda nessa seção, mostramos a importância do rio Capibaribe, guia do personagem Severino. Também refletimos sobre a relevância dos rios para a sobrevivência dos povos que vivem no seu entorno e destacamos os rios Nilo, Ganges, Amazonas e o Capibaribe, que participa da narrativa do poema e simboliza vida em determinadas situações e morte em outras.

Na terceira seção, buscamos aprofundar os temas da vida e da morte, presentes no poema. A primeira questão abordada foi a vida, mesmo sendo essa vida severina, permeada de sofrimento, miséria e descaso. Mas a esperança do Severino é renovada com o nascimento do filho do Seu José, momento em que acontece o auto de Natal pernambucano na obra literária. Outro ponto discutido nessa seção foi a questão da morte no poema, um assunto que gera incômodo, medo, sofrimento, angústia e recusa das pessoas em tocar nele, a finitude da vida. No poema, a morte se apresentou de variadas maneiras no caminho do personagem, e Severino, ao ter consciência sobre a sua própria morte, foi impulsionado para a vida, pois não existira a morte, se não existisse a vida.

A seção final contemplou a aproximação do conto mineiro, intitulado **A terceira margem do rio**, de João Guimarães Rosa, com o poema **Morte e vida severina**, uma vez que se buscou um diálogo entre as duas obras literárias, para entender as dimensões da vida e da morte que estão presentes nos dois textos literários. Ainda na quarta seção, destacamos o momento que estamos vivenciando, a pandemia causada pela COVID-19. A morte, que era um tema tão presente no poema, não se configurou mais como algo exclusivo do sertão Severino, pois o

sofrimento que era do personagem, agora é do mundo inteiro, porque a morte se tornou próxima e ameaçadora. Todavia, não podemos deixar de destacar a importância da esperança e da fé, que nos sustenta nestes momentos de incertezas pelos quais toda a humanidade passa.

Um fator que evidencia a pertinência das abordagens realizadas nesta dissertação é o fato de que o poema é uma obra literária que não se volta para si mesma, mas que apresenta uma gama de possibilidades e aberturas para se entender o ser humano e o mundo. É, portanto, uma obra que demonstra o seu aspecto atemporal, típico de uma obra literária clássica, que pode ser lida e relida de várias formas, em qualquer tempo e a qualquer lugar, de acordo com a perspectiva do pesquisador.

Ressaltamos, finalmente, que seria impossível escrever esta dissertação sem levar em conta a situação da pandemia mundial pela qual a humanidade está passando. Isso justifica uma reflexão mais profunda, adaptada ao próprio contexto da obra literária porque não existe literatura sem humanidade. Ela, não obstante, reflete, espelha, direciona e norteia, é resultado e força motriz da atividade humana sobre a Terra.

REFERÊNCIAS

- ALFELD, Elisabete. Chico Buarque das palavras (quase) cantadas em “Funeral de um lavrador”. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 31-45, 2016. Disponível em: <https://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/10297/9701>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- ALVES, Ana Carolina Diniz. **Crenças ocidentais e orientais, sentido da vida e visões de morte**: um estudo correlacional. 2013. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- ANDRADE, Altamir Celio de; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. Entre serpentes e bois: Guimarães Rosa segue conversando com a Bíblia. **Recorte**, Três Corações, v. 17, n. 1, p. 1-18, jan-jun 2020.
- ANDRADE, Carlos Augusto Baptista de; CARDOSO, Diogo Souza. Um mergulho discursivo sobre A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 28-41, Jan./Abril. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19786/16662>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ANDRADE, Érico. **Vários mundos para uma só pandemia**: contra a universalidade do discurso filosófico. *In*: REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Orgs.). Reflexões sobre uma pandemia. Florianópolis: Néfiponline, 2020.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ATHAYDE, Félix de. **A viagem**, ou Itinerário intelectual que fez João Cabral de Melo Neto do racionalismo ao materialismo dialético. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- ATHAYDE, Félix de. **Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- BATISTA, Lígia Rodrigues. **Auto e peregrinação**: a metáfora da caminhada no “Auto da alma” e em “Morte e vida severina”. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- BERTUSSI, Lisana. João Cabral de Melo Neto: do regional ao universal, do Nordeste brasileiro à Espanha, da miséria à vitalidade. **Antares**, n. 1, p. 68-91, jan-jun 2009. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/300/260>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Hermide Menquini. **O sagrado e o profano em Morte e Vida Severina**. São Paulo: Zouk, 2002.

BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS. **Emergência de saúde pública de importância internacional**. [S. l.], 2021. *In*: Folha informativa COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRUM, Eliane. Os humanos que o vírus descobriu no Brasil. **Combate racismo ambiental** (blog), Brasil, 16 set. 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/09/16/os-humanos-que-o-virus-descobriu-no-brasil-por-eliane-brum/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. Poesia ao norte. **Revista Remate de Males**. Campinas, SP, [19--?]. DOI: <http://doi.org/10.20396/remate.v0i0.8635983>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate>. Acesso em: 02 maio 2019.

CORRÊA, Raffaella Caroline de Souza Corrêa. “**Panos flutuantes de todas as cores**”: a não-dualidade (advaita) do olhar nos Poemas Escritos na Índia, de Cecília Meireles. 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

COSTA, Dalmo de Moura; SILVA, Bruno de Oliveira; CARVALHO, Fábio Luíz Oliveira de; MARTINS, Fabiana Lopes; PARIS, Lucio Rogerio Pelizer; BARASSA, Carla Augusta Rossetti. Aspectos culturais e potencialidades do rio Nilo em relação ao Egito. **Revista Saúde em Foco**, Edição nº 11, p. 721 - 731, 2019. Disponível em: http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/064_ASPECTOS-CULTURAIS-E-POTENCIALIDADES- DO-RIO-NILO-EM-RELAÇÃO-AO-EGITO_721_a_731. Acesso em: 11 mar. 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DALLAZEN, Clariane Leila. Morte e vida severina: um (des)encontro com a vida. **Policromias**, ano IV, n. 1, jun, 2019, p. 170 - 185. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/index>. Acesso em: 15 abr. 2020.

DEZIDERO, Débora Bueno Brochado; TERRA, Ronaldo. Morte e Vida Severina: um universo simbólico. **Ateliê de História**, Paraná, v.3, n. 1, p. 243 - 255, 2015. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/4950/4790. Acesso em: 20 out. 2019.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Christiane Nascimento. **A escritura como monumentum**. 2014. 169 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FLORÊNCIO, Bruno José de Araújo. A metáfora da morte: os ritos de excelência em Morte e vida severina. **REIA**, ano 3, v. 3, n. 2, p. 20 - 29, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/229987/24176>. Acesso em: 19 maio 2020.

FRANÇA, Inácio. **Um rio de gente**: histórias, causos e lendas do Capibaribe. Recife: Andararte, 2010.

FRANCISCO, Thiago André de Lacerda. Às margens do transcendental: o rio mítico e suas bifurcações nos contos de Flannery O'Connor e Guimarães Rosa. **Água Viva**, v. 4, n. 2, (não paginado), mai-ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/21389/24281>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FRIZON, Marcelo. Morte e vida severina e o super-regionalismo. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 12, p. 104-116, jan-jun 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/37874/20701>. Acesso em: 17 nov. 2020.

GALVE, Fernanda Rodrigues. **Ser(tão) Severino**: memórias poéticas de João Cabral de Melo Neto (1950-1960). 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia**: e breves lições para o mundo pós-coronavírus. Tradução Odorico Leal. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAHN, Charles H. **A arte e o pensamento de Heráclito**: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário. Tradução Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.

LIBÓRIO, Luiz Alencar; MOREIRA, Ana Cristina de Lima. **Maria**: simplesmente a mãe de Jesus. *Paralellus*, Recife, v. 8, n. 18, mai/ago. 2017, p. 327 - 340. Disponível em: doi: 10.25247/paralellus.2017.v. 8, n. 18. p. 327 - 340. Acesso em: 08 abr. 2020.

LIMA, George. Representações macabras em Morte e vida severina. **Cadernos Discursivos**, Catalão, v. 1, n. 1, p. 113 – 126, 2014. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/8George_Lima-tematica_Livre.pdf. Acesso em: 03 jun. 2020.

MAÇANEIRO, Marcial. **O labirinto sagrado**: ensaios sobre religião, psique e cultura. São Paulo: Paulus, 2011.

MAGALHÃES, Marcela Ulhôa Borges. Os estados de luto e melancolia no conto “A terceira margem do rio”. **Litterata**, Ilhéus, v. 5, n. 1, p. 08-18, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/1000>. Acesso em: 04 nov. 2020.

MARCHINI, Welder Lancieri. Atravessando as margens: uma leitura do conto “A terceira margem do rio” na perspectiva do rito de passagem. **Teoliterária**, v. 6, n. 12, p. 206-222, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/24724/21375>. Acesso em: 21 out. 2020.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. **O sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco**: um estudo sobre o santuário de São Severino, Paudalho – Pernambuco. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MARIS GUIA, Elis Flávia Fontaine. **As relações intertextuais e intratextuais em Clarice Lispector**. 2014. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

MARTINO, Luís Mauro Sá. O que temos coragem de aprender com estes tempos? *In*: BARCELLOS, Gustavo *et al.* **Novo normal?**: provocações sobre tempo, liderança, relacionamentos e o si-mesmo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MARTON, Scarlett Zerbetto. **A morte como instante de vida**. Curitiba: PUCPRESS, 2018.

MATOS, Haroldo José de. A próxima pandemia: estamos preparados? **Pan-Amazônica de Saúde**, Ananindeua, v. 9, n. 3, p. 9-11, set. 2018. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v9n3/2176-6223-rpas-9-03-9.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**: Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELO NETO, João Cabral. **João Cabral de Melo Neto**. Seleção de José Fulaneti de Nadal. São Paulo: Abril Educação, 1982.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

MEYER, Marlyse. **Caminhos do Imaginário no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MORELLI, Sonia Maria Dornellas; SILVA, Ivanil Pereira da. A presença da morte e da vida em morte e vida severina: algumas considerações teológicas. **Reveleto**, v. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 119 - 133. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto>. Acesso em: 05 maio 2020.

NAHRA, Cinara. **Tem futuro a humanidade?** In: REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani (Orgs.). Reflexões sobre uma pandemia. Florianópolis: Néfiponline, 2020.

NANCY, Jean-Luc. La existencia exiliada. Tradução de Juan Gabriel López Guix. *Archipiélago*, Barcelona, v. 26-27, p. 34 - 39, 1996.

NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto**: nota biográfica, introdução crítica, antologia e bibliografia. Petrópolis: Vozes, 1971.

OLIVEIRA, Waltencir Alves de. **O Gosto dos Extremos**: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de *Pedra do Sono a Andando Sevilha*. São Paulo: Fapesp, 2012.

PASA, Fabiane Maria Lorandi. **“Eles partiram cedo”**: morte, luto e resiliência diante da fé cristã. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PASSOS, João Décio. **Por dentro da pandemia**: Deus e nossas dores. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPETTE, Lorenzo. **A canoa e o rio da palavra**. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel (Orgs.). Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

PAULA, Cássio Remus de. Uma alternativa ao sujeito brasileiro do século XIX: representações de “A jangada” de Júlio Verne. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 50, n.1, p. 26 - 39, jan-jun 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2016v50n1p26>. Acesso em: 07 abr. 2020.

PIMENTEL, Luanda Moraes. **As terceiras margens**: um estudo da rememoração em *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa. 2014. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Rio/Homem: cursos e discursos na poesia de João Cabral de Melo Neto. **Soletras**, São Gonçalo, Ano III, n. 05 e 06, p. 176 – 185, 2003. Disponível em: <http://e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4468/0>. Acesso em: 03 mar. 2020.

PINTO-COELHO, Ricardo Motta; HAVENS, Karl. **Crise nas Águas**. Educação, ciência, e governança, juntas, evitando conflitos gerados por escassez e perda da qualidade das águas. Belo Horizonte: [s.n.], 2015.

REICH, Evânia; BORGES, Maria de Lourdes; XAVIER, Raquel Cipriani. **Reflexões sobre uma pandemia**. Florianópolis: Néfiponline, 2020.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 1. Ed. São Paulo: Global, 2019.

SECCHIN, Antonio Carlos. **João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

SÊNECA. Sobre a brevidade da vida. Tradução William Li. Edição bilíngue. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

SHIGUEHARA, Alexandre Koji. **Ao longo do rio: João Cabral e três poemas do Capibaribe**. São Paulo: Hedra, 2010.

SILVA, Adriano Pereira da; ALMEIDA, Edna Lopes de; MIRANDA, Renata Sara Ferreira de. "A terceira margem do rio – João Guimarães Rosa". **Revista Eletrônica de Educação e Ciência (REEC)**, v. 7, n. 2, p. 17-36, 2017. Disponível em: http://fira.edu.br/revista/wp-content/uploads/2017/09/2017_vol7_num2_pag17.pdf. Acesso em: 13 out. 2020.

SILVA, Eli Brandão da. Jesus-Severino e a teimosa esperança. **Estudos de Religião**, Ano XXI, n. 32, 106 - 146, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/208>. Acesso em: 02 abr. 2020.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Fac. Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106 - 122, 2. Sem. 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>. Acesso em: 06 maio 2020.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **A morte em Morte e vida severina**. In: CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). **João Cabral em perspectiva**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

TORRES, Maria Augusta de Sousa. **Ensino religioso e literatura: um diálogo a partir do poema morte e vida Severina**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

VASCONCELOS, Selma. **João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta**. Recife: ed. do Autor, 2009.

VITOR, Denise Cristina Rodrigues Caliman; COSTA, Sueli Silva Gorricho. A transcendência no conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa. **Nucleus**, v. 8, n. 2, p. 317-343, out. 2011. Disponível em: <https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/569/797>. Acesso em: 08 out. 2020.